Fundação Universidade Federal de Rondônia
Núcleo de Ciências Humanas
Departamento de Línguas Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado Acadêmico em Letras

ROZIANE DA SILVA JORDÃO

A MULHER HAITIANA EM PORTO VELHO, RONDÔNIA: IMIGRAÇÃO E GÊNERO

PORTO VELHO, RONDÔNIA.

2017

ROZIANE DA SILVA JORDÃO

A MULHER HAITIANA EM PORTO VELHO, RONDÔNIA: IMIGRAÇÃO E GÊNERO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Federal de Rondônia, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Professora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba

PORTO VELHO, RONDÔNIA

2017

ROZIANE DA SILVA JORDÃO

A MULHER HAITIANA EM PORTO VELHO, RONDÔNIA: IMIGRAÇÃO E GÊNERO

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestra em Letras e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

ORIENTADORA: Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba.

Porto Velho, Rondônia, 29 de agosto de 2017.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba
(Orientadora)

_____
Prof. Dr. Handerson Joseph
(examinador)

_____
Profa. Dra. Nair Ferreira Gurgel do Amaral
(examinadora suplente)

_____
Profa. Dra. Roberta Guimarães Peres
(examinadora)

_____
Profa. Dra. Sônia Gomes Sampaio
(examinadora)

“Num país subdesenvolvido é mister realizar com a maior rapidez a mobilização dos homens e das mulheres. O país subdesenvolvido deve abster-se de perpetuar as tradições feudais que consagram a prioridade do elemento masculino sobre o elemento feminino. As mulheres terão um lugar idêntico ao dos homens, não nos artigos da Constituição, mas na vida cotidiana, na fábrica, na escola e nas assembleias.

Frantz Fanon, 1968, p 165.

Dedico este trabalho aos meus filhos Caleb Jordão e Josué Jordão, porque, metaforicamente, eles nasceram em meio aos livros que compõem o referencial teórico desta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Escrever este texto não foi uma tarefa fácil. Junto a Deus, o Ser Soberano e Sobrenatural, algumas pessoas foram essenciais para que eu pudesse transpor as dificuldades e superar os desafios. Este é um momento de gratidão!

Agradeço em especial ao meu esposo, Ivan da Silva, pelo apoio incondicional em tudo e também durante essa pós-graduação; à Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba e ao seu esposo, Geraldo Castro Cotinguiba, pelas orientações prestadas e por serem um ponto de referência para mim; à Dra. Sônia Gomes Sampaio, à Dra. Nair Ferreira Gurgel do Amaral, ao Dr. Élcio Fragoso e aos demais professores que compõem o quadro docente do Mestrado Acadêmico em Letras da UNIR, pelas indicações de leituras.

Sou grata a professora Dilse Rocha do Amaral pelo esforço empreendido, no ensino médio, para que eu aprendesse a redigir textos dissertativos argumentativos. Agradeço igualmente à professora Maria da Graça Martins por ter acreditado no meu projeto inicial incentivando-me a participar do processo seletivo do Mestrado Acadêmico em Letras, bem como por ter me apresentado às primeiras mulheres haitianas que conheci em Porto Velho.

Agradecimentos sinceros ao Dr. Handerson Joseph, um amigo de nacionalidade haitiana que faz parte do corpo docente da Universidade Federal do Amapá, à Dra. Sônia Gomes Sampaio e à Dra. Nair Gurgel do Amaral por aceitarem compor a banca examinadora deste trabalho. Agradeço igualmente à Dra. Roberta Guimarães Peres pelas contribuições prestadas e críticas construtivas direcionadas ao texto durante o processo de qualificação.

Gratidão à profa. Dra. Delia Dutra da Universidade Federal de Brasília por disponibilizar algumas leituras importantes para o avanço deste texto; aos colegas de mestrado integrantes da turma de 2015 pelos momentos de estudos e pelo companheirismo nos eventos; aos amigos Tiago Freitas, Adriana Alves e Maquézia Furtado pelo apoio.

Agradeço igualmente às mulheres imigrantes haitianas e aos demais seguimentos da sociedade que participaram das entrevistas, sem eles não seria possível ter acesso às narrativas aqui analisadas.

Graças à ajuda dos meus amigos haitianos Valner Diedus, Adner Saint bem como a ajuda que recebi da minha amiga haitiana, Suzena, foi possível compreender os dados coletados em crèole e também traduzir os formulários utilizados na pesquisa.

Gratidão à Lorena Medrado, minha amiga de infância, pela parceria estabelecida no campo de pesquisas com as migrantes haitianas. Sou grata também à equipe gestora da Escola José de Freitas onde lecionei durante a pesquisa, sobretudo à professora Elizabete Nascimento Mota e à professora Francicléia Noé, por permitirem uma adaptação da minha carga horária aos meus compromissos de pesquisadora.

Aos meus irmãos Josiane Jordão e Joab Jordão por serem meus verdadeiros companheiros de todas as horas e também pelo apoio durante essa pós-graduação.

Agradeço em especial a minha mãe, a minha irmã e a minha sogra pela ajuda com os arranjos domésticos e com os cuidados maternos nos dois partos que tive durante esse mestrado. Sem a ajuda delas, a maternidade durante essa fase tão sobrecarregada de atividades acadêmicas não seria possível.

Registro a importante contribuição do meu pai para a aproximação inicial que estabeleci em campo com os imigrantes haitianos. Um dos amigos haitianos que participaram da pesquisa disse para o meu pai “você também é haitiano, sua cor e seu nome parece comigo! Haitianos são aqueles que lutam pelo Haiti”.

Gratidão à CAPES pelo apoio financeiro, ao grupo de pesquisa MIMCAB e à UNIR por tornar possível a realização desta pesquisa.

Enfim, agradeço a Deus e aos meus pais, Roseli Pereira e Joselino Jordão, por me permitirem chegar até aqui.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Descrição pág.

Figura/ esquema 1: A mulher haitiana em Porto Velho e as causas de discriminação 31

Foto 1: Encontros semanais com as imigrantes 42
Foto 2: Convite elaborado para divulgação dos encontros semanais. 43
Foto 3: Encontros semanais com as imigrantes haitianas 44
Foto 4: Encontros semanais com as imigrantes. 45
Foto 5: Imigrantes ensinando os passos do tradicional ritmo haitiano, "Kompa", para os participantes da oficina temática "Marchando Unidos: Pró-Haiti". 47
Foto 6: Eu, Roziane Jordão, recebendo orientações sobre a culinária do Haiti com as imigrantes Laurent e Adelia. 67
Foto 7: Imigrantes preparando pratos tradicionais da culinária haitiana. 69
Foto 8: Imigrante haitiana preparando a *Banann Fri* tradicional. 71
Foto 9: Músicos imigrantes haitianos em execução sinfônica do Hino Nacional do Haiti. ...72
Foto 10: Imigrantes haitianos comunicando sobre os precedentes históricos da Bandeira Haitiana 77
Foto 11: Mulher imigrante haitiana em Porto Velho faz pose para tirar foto com a rosa que recebeu da professora por ocasião do dia Internacional da mulher 78

Gráfico 1: Percentual de gênero dos 173 imigrantes entrevistados. 81
Gráfico 2: Faixa etária das imigrantes haitianas em Porto Velho. 88
Gráfico 3: Estado civil das imigrantes 89
Gráfico 4: Histórico de experiências migratórias das imigrantes haitianas 90
Gráficos 5 e 5.1: A condição de mãe das imigrantes haitianas em Porto Velho 91
Gráfico 6: Imigrantes haitianas em Porto Velho e a comunicação em língua portuguesa. ..93
Gráfico 7: Escolaridade das imigrantes haitianas em Porto Velho.....94
Gráficos 8: Emprego e desemprego das imigrantes haitianas em Porto Velho.....97

Quadro 1: Projetos migratórios das imigrantes haitianas em Porto Velho.....98
Quadro 1.1: Projetos migratórios das imigrantes haitianas em Porto Velho.....99

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNRH: Banco Nacional da República do Haiti

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEBRAP: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

EUA: Estados Unidos da América

IFRO: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.

INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MINUSTAH: Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (United Nations Stabilization Mission in Haiti)

MIMCAB: grupo de pesquisa Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira

PROCEA: Pró-reitoria de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis da Universidade

PROUNI: Programa Universidade para todos

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

UNIFAP: Universidade federal do Amapá

UNIR: Universidade Federal de Rondônia

RESUMO

O foco deste trabalho é o fluxo de mulheres haitianas que migraram em direção ao estado de Rondônia, Brasil, tratando, mais precisamente, da inserção socioeconômica dessas imigrantes na capital do estado. A partir de uma pesquisa de campo empreendida junto às mulheres haitianas em Porto Velho desde meados de julho de 2015 até o final de 2016, surgiram os dados empíricos utilizados nesta dissertação. O objetivo deste estudo é verificar o processo de inserção social relativa das mulheres haitianas na capital de Rondônia, bem como analisar relatos orais das imigrantes e descrever o perfil socioeconômico dessas mulheres. Este trabalho considera o fluxo de mulheres imigrantes haitianas em Porto Velho como parte do processo socioeconômico e cultural da mobilidade de cidadãos haitianos para os diversos países do mundo; bem como afirma que os preconceitos étnicos, raciais da sociedade de acolhida para com as imigrantes e as ocorrências abusivas de poder que se estabelecem nas relações de gênero se configuram como desafios para o sucesso do projeto migratório das mulheres haitianas em Porto Velho.

Palavras-chave: Imigração feminina. Mobilidade haitiana. Inserção social. Relações sociais de gênero.

RÉSUMÉ

Le but de ce travail c’est le flux des femmes haïtiennes qui ont migré vers la région de Rondônia, au Brésil. Il s’agit notamment de l'intégration socio-économique de ces immigrantes vers la capitale de la région. À partir d'un travail de terrain développé auprès des femmes haïtiennes à Porto Velho depuis la mi-Juillet de 2015 à la fin de 2016, les données empiriques utilisées dans ce travail ont apparus. Le but de cette étude c’est de vérifier le processus d'intégration sociale des femmes haïtiennes dans la capitale de Rondônia ansi comme d'analyser les témoignages oraux des immigrantes et décrire le profil socio-économique de ces femmes. Ce travail considère le flux d'immigrantes haïtiennes à Porto Velho comme un processus socio-économique et culturel de la dissémination des citoyens haïtiens dans les différents pays du monde et considère aussi que les préjugés ethniques, raciaux de la société d'accueil envers les immigrantes ansi comme les cas d'abus de pouvoir établis dans les relations de genres se caractérisent comme des défis à la réussite du projet de migration des femmes haïtiennes à Porto Velho.

Mots-clés: Immigration des femmes. Dissémination haïtiennes. Inclusion sociale. Relations sociales de genre.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **13**

SEÇÃO 1: DAS ARTICULAÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS **17**
1.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A IMIGRAÇÃO DE MULHERES HAITIANAS PARA O BRASIL **17**
1.2 O TRANSNACIONALISMO NA DIÁSPORA 24
1.3 A MIGRAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NO CONTEXTO PÓS-COLONIAL: INTERSECCIONALIDADE NAS RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO 28

SEÇÃO 2: O TRABALHO NO CAMPO DE PESQUISAS **36**
2.1 MÉTODOS E DESAFIOS- DA TEORIA À PRÁTICA 36
2.2 ENCONTROS SEMANAIS COM AS MULHERES HAITIANAS EM PORTO VELHO 42
2.3 À MESA COM AS MULHERES HAITIANAS EM PORTO VELHO 45
2.4 POR QUE DISSERTAR SOBRE A MOBILIDADE DE MULHERES HAITIANAS? O "EU PESQUISADOR" COMO SUJEITO PÓS-COLONIAL 49

SEÇÃO 3: O HAITI, PARA ALÉM DAS MÍDIAS TELEVISIVAS INTERNACIONAIS **53**
3.1 MOBILIDADE SOCIOECONÔMICA E CULTURAL HAITIANA X CATÁSTROFES GEOGRÁFICAS. 59
3.2. OS "PAPÉIS" ECONÔMICOS E SOCIAS DA MULHER NO HAITI 62
3.3 SABORES E LEMBRANÇAS DO HAITI 67
3.4 O HINO NACIONAL E A BANDEIRA HAITIANA COMO SÍMBOLOS IDENTITÁRIOS DO HAITI. 72

SEÇÃO 4: MULHERES HAITIANAS EM PORTO VELHO, A CONQUISTA DE UM ESPAÇO. **78**
4.1. PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS IMIGRANTES HAITIANAS EM PORTO VELHO **87**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **100**

REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS **104**

APÊNDICES **112**

ANEXOS **115**

INTRODUÇÃO

A partir de 2010, com o advento do abalo sísmico de alta magnitude ocorrido em Porto Príncipe, o Haiti ganha notoriedade entre as mídias televisivas internacionais e o tema da imigração de cidadãos haitianos para o Brasil recebe crescente atenção nas pesquisas. Desde então, uma grande quantidade de haitianos deixou o seu país de origem para residir no Brasil (DE MORAES 2013, p. 99; COTINGUIBA, 2014, p. 86-89; HANDERSON, 2015, p. 49- 57; THOMAZ, 2010). Não significa, porém, de acordo com esses estudos, que a chegada desses imigrantes ao Brasil foi motivada unicamente pelo terremoto. Os fatores mobilizadores são diversos, quais sejam, motivações econômicas, políticas, educacionais, culturais, estratégias geográficas e, sobretudo, sociais (HANDERSON, 2015, p. 49).

Os estudos já desenvolvidos sobre a temática da migração haitiana para o Brasil são unânimes em afirmar que esse fluxo migratório é predominantemente masculino, de forma que as mulheres imigrantes representam percentuais menores quando comparadas ao universo de imigrantes homens (ARAÚJO, 2016, p. 26; BARBOSA, 2015, p. 40-54; COTINGUIBA, 2014, pp. 105-109; HANDERSON, 2015, p. 49; ROSA, 2006, p. 20). Embora em menores quantidades que os homens, as mulheres são contabilizadas entre os imigrantes haitianos no Brasil e a presença delas tem sido notada e analisada pelos pesquisadores (ARAÚJO, 2016; MEJÍA, 2016).

Entretanto, há em Rondônia, no campo das pesquisas, uma lacuna considerável sobre a mobilidade de mulheres haitianas. Levando-se em conta, assim, a ausência de trabalhos relacionados à temática, o foco desta dissertação é o estudo da inserção socioeconômica de mulheres haitianas que migraram em direção ao estado de Rondônia, mais especificamente para a cidade de Porto Velho.

Nessa perspectiva, este trabalho partiu das seguintes problemáticas: 1) por quais motivos as mulheres haitianas decidiram vir para Porto Velho? 2) qual o perfil socioeconômico e cultural das mulheres imigrantes haitianas em Porto Velho? 3) essas mulheres alcançaram inserção social em Porto Velho no que diz respeito às expectativas construídas por elas em torno do projeto migratório que estabeleceram

para si mesmas? Quais os desafios encontrados e quais as consequências desses desafios para a execução do projeto migratório das haitianas na capital de Rondônia?

A questão 2 aqui pontuada faz menção ao perfil cultural das imigrantes. Ao interrogarmos sobre cultura, o fazemos de acordo com Bhabha (1968, p. 63), no sentido de que “a cultura só emerge como um problema, ou uma problemática, no ponto em que há uma perda de significado na contestação e articulação da vida cotidiana entre classes gêneros, raças e nações”.

Quando falamos em inserção na sociedade, temos consciência de que ela é parcial no sentido de que não há uma inserção social plena das mulheres imigrantes do Haiti em Porto Velho. Há muitos aspectos sociais a serem considerados, tais como redes de amizades, grupos religiosos, associações políticas e partidárias, participação em atividades artístico-culturais, entre outros. E sabemos que, mesmo entre as mulheres que nasceram na cidade, não são todas que alcançam os diversos domínios e grupos sociais propostos. Nesse sentido, em nossa análise com relação aos desafios enfrentados pelas imigrantes, pautamos apenas os locais essenciais de sociabilidade, tais como família, mercado de trabalho, estudo e redes de compras.

Considerando a problemática apresentada, bem como a constatação de que há uma mobilidade humana característica dos cidadãos haitianos (HANDERSON, 2015, p. 67; LOUIDOR, 2013; ROSA, 2006) e uma crescente presença feminina nos cenários migratórios internacionais (CASTRO, 2006; DUTRA, 2013, p. 102; MEJÍA, 2016; PERES, 2013; ROSA, 2007), traçamos um caminho de investigação, a saber, as imigrantes haitianas que residiam em Porto Velho durante a pesquisa são integrantes de um processo socioeconômico e cultural mais amplo da mobilidade de cidadãos haitianos no espaço social transnacional (SCHILLER; FOURON, 2000) ; a vinda dessas imigrantes para a cidade de Porto Velho, Rondônia, abrange uma dimensão coletiva, envolvida numa rede de familiares e amigos que investem na viagem das mulheres haitianas (HANDERSON, 2015; SCHILLER, 2000).

Diante do exposto, construímos duas hipóteses que conduzem a pesquisa que empreendemos: 1) o fluxo de mulheres imigrantes haitianas em Porto Velho é parte de um processo socioeconômico e cultural amplo da mobilidade de cidadãos haitianos para os diversos países do mundo; 2) os preconceitos étnicos e raciais da

sociedade de acolhida para com as imigrantes e as ocorrências abusivas de poder que se estabelecem nas relações de gênero são desafios para o sucesso do projeto migratório das mulheres haitianas em Porto Velho.

Nossas hipóteses de trabalho foram cogitadas a partir da observação[1], feitas em campo desde o início de 2014 sobre a imigração de cidadãos haitianos para Porto Velho (JORDÃO, 2015), essa fase de pesquisa possibilitou um contato inicial com os textos e teorias sobre a temática.

Na perspectiva de verificar a aplicabilidade do caminho investigativo construído, buscamos a compreensão dos conceitos de mobilidade humana, transmigração, trajetórias de mobilidade, projetos migratórios, sujeito subalterno e gênero. Esses são conceitos clássicos e consolidados pelos estudiosos das migrações internacionais, bem como das relações sociais de gênero e dos estudos pós-coloniais. Considerando a grande quantidade de trabalhos que utilizam os conceitos que colocamos em funcionamento nesta dissertação e considerando ainda a impossibilidade de mencionar, neste material, todos os trabalhos anteriores, selecionamos para fundamentar teoricamente nossas análises autores com os quais temos maior proximidade em virtude das filiações teóricas e temáticas das pesquisas.

Assim, destacamos três eixos norteadores em nossas análises:

1. O transnacionalismo como uma categoria analítica para entender a migração internacional dos cidadãos haitianos (SCHILLER; BASCH; BLANC- SZANTON, 1992; SCHILLER; FOURON, 2000; CASTRO, 2006; COTINGUIBA, 2014; HANDERSON, 2015);
2. O estudo das relações sociais de gênero no contexto migratório para compreender os dinamismos da migração feminina internacional (BANDEIRA; DUTRA, 2015; MEJIA, 2016; PERES, 2013; ROSA, 2007; SCOTT, 1989; STRARHERN, 2006);

[1] A referida observação ocorreu durante a execução do projeto que deu origem ao TCC, Trabalho de Conclusão de Curso, da graduação em Letras que cursei pela Faculdade Metropolitana de Porto Velho. Trabalho intitulado “Narrativas Orais Populares dos Imigrantes Haitianos Residentes em Porto Velho: depoimentos poéticos que sobrevivem aos escombros” foi desenvolvido a partir do objetivo principal de verificar a importância histórica e cultural da preservação e transmissão dos contos populares para os imigrantes haitianos residentes em Porto Velho e encontra-se disponível para consulta na Biblioteca das Faculdades Integradas Aparício Carvalho- FIMCA- em Porto Velho, Rondônia (JORDÃO, 2015).

3. Os estudos pós-colonialistas que tratam a questão da cor da pele e da nacionalidade como fatores importantes da opressão que se verifica na relação colonizador *x* colonizado (FANON, 1968/ 2008; BHABHA, 1998; HALL, 1992; SPIVAK, 2010).

Com relação a estrutura deste texto, a seção 1 tratará de uma revisão de parte da produção bibliográfica nacional e internacional sobre a imigração de cidadãos haitianos, destacando estudos que considerem a teoria da migração transnacional no processo da mobilidade humana, bem como os que versam sobre as relações sociais de gênero no contexto migratório e aqueles estudos que consideram as relações pós-coloniais entre colonizador e colonizado.

Nesta dissertação, utilizaremos os dados empíricos da pesquisa de campo que empreendemos junto às mulheres haitianas em Porto Velho desde meados de julho de 2015 até o final de 2016, descrita na seção 2, intitulada “O trabalho no campo de pesquisas”.

A seção 3, intitulada “O Haiti, para além das mídias televisivas internacionais” traz apontamentos sobre o conhecimento que adquirimos em campo sobre o país Haiti e seus habitantes. Nessa seção, de forma etnográfica, articulamos dados que visam sustentar nossa primeira hipótese[2] de trabalho (ver hipótese 1).

Enfim, na seção 4, “Mulheres haitianas em Porto Velho, a conquista de um espaço”, falamos sobre as mulheres migrantes haitianas em Porto Velho, primeiro de forma mais abrangente e depois, ao longo da seção, vamos delimitando o perfil social e econômico das mulheres sobre as quais estamos discutindo com vistas a verificar nossa segunda hipótese[3] de trabalho.

[2] O fluxo de mulheres imigrantes haitianas em Porto Velho como parte do processo socioeconômico da mobilidade de cidadãos haitianos para os diversos países do mundo

[3] O preconceito étnico racial da sociedade de acolhida para com as imigrantes e as ocorrências abusivas de poder que se estabelecem nas relações de gênero como desafios para o sucesso do projeto migratório das mulheres haitianas em Porto Velho.

SEÇÃO 1: DAS ARTICULAÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS

Nesta seção, dialogamos com autores cujos trabalhos serviram de suporte teórico para as análises que propomos e realizamos ao longo desta dissertação.

A temática da migração de cidadãos haitianos para o Brasil é bastante abrangente e contempla muitas vertentes de pesquisa. Todavia, diante do grande arsenal de trabalhos disponíveis, pautamos uma seleção dos textos considerados essenciais em nosso estudo. Nossa seleção privilegia os trabalhos que consideram as relações sociais de gênero no contexto das migrações internacionais.

Trabalhamos a partir do que já foi construído, seja para estabelecer nosso olhar crítico ou para nos dar suporte no sentido de aprofundar os estudos. Nesse sentido, consideramos relevante, para nossas análises, os trabalhos desenvolvidos por Araújo (2016), Bastia (2014), Cotinguiba (2014), Dutra (2013), Handerson (2015), Mejía (2016), Peres (2013), Rosa (2007), entre outros que constam em nossas referências. O item 1.1 desta seção é destinado para uma revisão bibliográfica dos trabalhos desses autores.

Como sequência, nos tópicos 1.2 e 1.3, tratamos sobre o transnacionalismo na diáspora, o estudo das relações sociais de gênero no contexto migratório, bem como dialogamos com os estudos pós-colonialistas.

1.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A IMIGRAÇÃO DE MULHERES HAITIANAS PARA O BRASIL

Ao abraçar o desafio de dissertar sobre a mobilidade feminina do Haiti para a cidade de Porto Velho, Brasil, tínhamos consciência da dedicação a ser empreendida, pois não há trabalho de que temos conhecimento até essa data com enfoque voltado para a migração de mulheres haitianas em Rondônia.

Assim, nosso trabalho se consolida com o intento de somar às demais pesquisas que foram realizadas em outros estados brasileiros sobre a migração internacional de mulheres haitianas.

Objetivamos resgatar nesses trabalhos como são analisadas as trajetórias das mulheres migrantes a partir das relações sociais de gênero no contexto migratório, bem como procuramos observar quais contribuições os trabalhos aqui citados podem agregar a nossa pesquisa. Inquirimos desses estudos se as mulheres são percebidas no mesmo patamar analítico em que são percebidos os homens migrantes, assim como procuramos respostas para as questões seguintes, em que medida o projeto migratório de homens migrantes são apontados pelos autores como similar/diverso dos projetos migratórios das mulheres migrantes e quais as dificuldades encontradas, na sociedade de acolhida, pelas mulheres no âmbito das relações sociais de gênero?

Inicialmente o termo “projeto migratório” (projet migratoire) surge na literatura francófona sobre estudos migratórios na década de 1990, mas, é nos anos 2000 que o seu uso se generalizou. Muitos autores, tais como Ma Mung (2009) e Boyer (2005) mobilizam o conceito projeto migratório numa perspectiva dinâmica, na qual os migrantes são atores e constroem individual e coletivamente os seus percursos e experiências migratórias a partir das disposições interiores (as iniciativas e o saber-fazer dos migrantes) e das condições exteriores (a situação, o ambiente e o contexto no qual se realiza o ato migratório). Como explica Ma Mung (2009, p. 35-36), “O projeto migratório se alimenta continuamente pelo ato migratório. [...] O projeto migratório não provoca a migração numa sequência linear, ou seja, a formação do projeto e depois sua realização”. Já Boyer (2005) insiste sobre o fato que a noção de projeto migratório permite articular as diferentes escalas sociais (individuo, grupo de parentesco, grupo de migrantes e grupo social de referência) na medida em que cada um intervém na sua formulação.

Rosa (2007, p. 72) observa que, embora as mulheres haitianas exerçam protagonismo econômico, como integrantes do comércio informal no Haiti, as dificuldades com relação à migração se tornam maiores para elas do que para os homens haitianos. Para a autora, “é o masculino que cultiva inúmeros hábitos e valores que os tornam mais aptos à migração e às escolhas das rotas migratórias”. E é a partir das relações sociais de gênero que as dificuldades são impostas às mulheres tornando a decisão de migrar quase impossível.

> Sem nenhum acesso a qualquer processo de escolarização, as haitianas são as que têm menos chances de imigrar e as que mais vivenciam o ciclo vicioso da pobreza e da exclusão (...) embora os homens também compartilhem do mesmo grau de desamparo social, conseguem migrar em percentual significativamente maior do que as mulheres (...) porque gozam de uma rede de solidariedade também masculina muito mais consolidada (ROSA, 2007, p. 72).

Por conseguinte, a autora ressalta que “as mulheres haitianas encontram muito mais dificuldade no processo migratório, pois não encontram o mesmo suporte que seus compatriotas”.

As dificuldades mencionadas por Rosa (2007) são similares àquelas encontradas nas trajetórias de parte das mulheres haitianas em Porto Velho. Ouvimos relatos que enfatizam o quanto pode ser difícil para as imigrantes financiarem uma viagem internacional com suas próprias economias. As mulheres casadas, minoria dentre as imigrantes que entrevistamos (ver perfil socioeconômico, item 4.1), disseram que só vieram para Porto Velho depois de seus companheiros, primeiro eles viajaram com a finalidade de estabelecerem-se e conseguirem algumas economias para, só então, ser possível a viagem delas. Isso não significa, porém que todas as imigrantes dependam exclusivamente do apoio econômico e afetivo de seus companheiros homens para efetivarem seus projetos migratórios. Há muitas mulheres haitianas que migraram para o Brasil independentemente de uma companhia masculina.

Alles; Cogo (2016, p. 94) fazem uma reflexão sobre as construções midiáticas em torno da migração feminina, do trabalho sexual e do tráfico de pessoas problematizando as incidências dessas construções nos projetos migratórios e no cotidiano das mulheres migrantes.

Uma vez no exterior, transpostas as barreiras de acesso à migração, as mulheres imigrantes haitianas continuam sendo alvos de compromissos socialmente impostos o que as tornam mais sobrecarregadas de trabalhos que os imigrantes homens. Araújo (2016, p. 25) observou em sua pesquisa com as mulheres imigrantes haitianas que “estar empregada não anula as obrigações morais-culturais da mulher para com a casa (...) o que também é muito observado na sociedade brasileira”.

> Pudemos acompanhar a sobrecarga de trabalho das imigrantes haitianas no Brasil. Por vezes a mulher vive com seu companheiro em uma residência com muitos homens, o que se dá pelo hábito de

> hospedarem familiares e amigos recém-chegados. Ainda que estas mulheres trabalhem, e que os hóspedes estejam desempregados, recai sobre esta a responsabilidade das tarefas domésticas. Se algum dos homens a ajudar, faz além do que é esperado socialmente deste (ARAÚJO, 2016, p. 25).

No que diz respeito à inserção no mercado de trabalho, Cotinguiba (2014, p.126) afirma que “a dificuldade é, em Porto Velho, maior para as mulheres, que encontram mais barreiras para se inserirem no trabalho (...) especialmente pelo fato da barreira linguística”. Embora o autor esclareça que as relações sociais de gênero não fazem parte do enfoque dado por ele ao trabalho, argumenta que, além da barreira linguística, “outros fatores como questões de gênero, se apresentam ao conjunto das dificuldades para trabalho para o grupo de mulheres migrantes”.

Já Handerson (2015, p. 160) considera que há um conteúdo racial por serem mulheres negras envolto nas dificuldades e desafios enfrentados pelas imigrantes haitianas no que diz respeito à inserção no mercado de trabalho brasileiro. Para ele,

> A instrumentalização da categoria racial deve ser levada em conta, para entender a lógica das relações sociais e de gênero no contexto do trabalho doméstico. Isso não é uma especificidade haitiana, há uma proliferação de mulheres negras brasileiras e de outras nacionalidades na divisão do trabalho, notadamente no setor do serviço doméstico. Isso pode estar associado, também a um tipo de discriminação racial, o fato de alguns serviços terem uma supervalorização de pessoas de determinadas características fenotípicas. O fato de ser negra e desenvolver serviços domésticos podem remeter a algumas características do processo colonial (HANDERSON, 2015, p 160).

Tanto Cotinguiba (2014) como Handerson (2015) ponderam que o estudo da mobilidade feminina haitiana para o Brasil deve ser pensado levando em consideração as relações de gênero. Todavia, embora identifiquem a problemática da inserção social e econômica das mulheres haitianas e sopesem alguns aspectos do problema, os autores não a tomaram como objeto de estudo.

As imigrantes haitianas em Porto Velho, mesmo as que são qualificadas para o mercado de trabalho e possuem fluência vocabular em, pelo menos, mais de um idioma, vivenciam muitas situações onde são subestimadas profissionalmente. Essa situação foi vivenciada por muitas de nossas interlocutoras.

Veronica, 18 anos, cuja trajetória de vida está inserida no contexto da migração internacional de mulheres haitianas para o Brasil, relatou o que aconteceu

com a mãe ao procurar emprego como enfermeira e receber proposta para ser lavadeira de roupas na casa do dono da empresa.

> Ela escreveu que vaga queria, você sabe como a minha mãe é orgulhosa! Ela prefere não trabalha para não cuidar das roupas de família/ sim, ela só vai se ele chama para sua profissão, não é problema lavar as roupas, o problema é ele oferecer um trabalho que não estava no perfil do currículo que ela entregou na empresa. Sei que você entende. Disse Verônica.

No entanto, a mãe de Veronica não tem recursos suficientes para manter-se desempregada por muito tempo e o mais provável é que acabe submetendo-se a um trabalho diferente daquele que pretende. Os motivos pelos quais o empregador decidiu não a contratar não foram explicitados, porém após a análise do currículo deixado pela imigrante na empresa, o setor de contratação entra em contato com ela para oferecer trabalho como lavadeira de roupas, mesmo não sendo essa a vaga pretendida.

No tocante aos projetos migratórios das imigrantes, Mejía (2016, p.1) afirma que para as mulheres haitianas a migração é tida como um projeto familiar, pois elas aspiram terem renda suficiente para enviar dinheiro para a família que ficou no Haiti. Quando comenta sobre os resultados obtidos em campo com as mulheres imigrantes haitianas no sul do Brasil a autora contrasta o projeto das mulheres ao estabelecido pelos homens, afirmando que

> As expectativas com o projeto migratório diferem entre os gêneros. No caso dos homens, visa alcançar formação educacional, independência financeira e autonomia. Já dá ótica feminina, busca fugir da pobreza, da falta de oportunidades, mas, sobretudo, oferecer melhores condições de vida para os filhos e demais membros da família (MEJÍA, 2016, p.3).

Desse modo, a autora engessa o projeto migratório da mulher como um projeto estritamente familiar sem qualquer relação com o crescimento pessoal, educacional e profissional dessas mulheres. Embora concordamos em muitos aspectos com Mejía (2016), verificamos que as expectativas com o projeto migratório por parte das imigrantes haitianas em Porto Velho não dizem respeito

apenas à obtenção de melhores condições de vida para os filhos e demais membros da família. Ainda que muitas delas tenham filhos, eles não são seus únicos objetivos. Elas destacaram como principais motivos para estarem em Porto Velho, além da família, o estudo e o trabalho (ver quadro 1 e 2, item 4.1). Ao sustentar que o projeto das mulheres migrantes haitianas está associado ao ato de tentar uma vida melhor para manter os filhos no Haiti, a autora acaba reforçando a ideia de que o projeto migratório das mulheres é mais importante na medida em que essas mulheres procriam.

Afirmar que o projeto migratório das mulheres haitianas é familiar e o projeto migratório dos homens haitianos é individual e profissional conduz ao entendimento de que os homens imigrantes haitianos que possuem filhos não contribuem também para a manutenção dos familiares e filhos que deixaram no Haiti. Seria um exagero afirmar que o projeto migratório dos homens é individual e o das mulheres é familiar, os dois são ao mesmo tempo individual e familiar, ainda que possuam dimensões diferentes.

Já Barbosa (2015), ao realizar uma etnografia da inserção de haitianos no contexto sociocultural brasileiro, vale-se da mesma categoria de análise tanto para imigrantes homens como para imigrantes mulheres. A distinção que autora faz entre os imigrantes de ambos os sexos está contida em um parêntese onde ela especifica-os como “imigrantes haitianos (homens e mulheres) ”. E, ainda que cite a existência de mulheres no fluxo migratório haitiano para o Brasil, Barbosa (2015, p. 187) as engloba no mesmo patamar analítico dos imigrantes homens, considerando que “o caráter laboral é uma causa do projeto migratório, pois os imigrantes precisam manter economicamente suas famílias”. De acordo com a autora (2015, p. 187) “todos os imigrantes entrevistados expressaram ser este o principal motivo para terem migrado”. Destarte, Barbosa (2015) não estabelece critérios que analisem de forma diferenciada o projeto migratório das mulheres do projeto migratório dos homens.

Marinucci (2007) observa que as migrações das mulheres são abordadas em grande parte das análises como uma variável do padrão migratório masculino. Nesse tipo de abordagem analítica, não se consideram as especificidades da migração das mulheres. Nessa perspectiva, Peres (2013, p 117) comenta sobre a

importância da incorporação dos diferenciais por sexo assim como as relações de gênero às análises de fluxos migratórios.

> Indo além da descrição das diferenças entre homens e mulheres, as teorias de migração avançam no sentindo de compreender as experiências das mulheres migrantes em esferas específicas – família, domicílio, mercado de trabalho (PERES, 2013, p 117).

Bastia (2014), além de recolocar em pauta a crítica à categoria de família baseada na visão eurocêntrica, considera que a migração pode estar atrelada a uma transformação social dos imigrantes. Nesse sentido, quando as pessoas se deslocam de um lugar ao outro as relações sociais de gêneros podem ganhar formas diferentes. Peres (2013, p. 117) diz que “utilizar a perspectiva de gênero nas análises, demonstra a importância das diferenças socialmente construídas ao longo da migração”.

> Constrangimentos como ganho ou perda de autonomia, o debate entre a permanência e o retorno, renegociações entre os sexos, são fatores importantes para o estudo da migração feminina, uma vez que é através dessas transformações que as mulheres afirmam-se como agentes de equidade no fenômeno (PERES, 2013, p. 117).

Cazarotto; Mejía (2017, p. 172, *apud* Sousa, 2011) consideram a importância da abordagem analítica na perspectiva do gênero, pois, de um lado, possibilita “desconstruir o essencialismo constituinte da diferença dos sexos e, por outro, conceber essa diferença sexual como representação e produto de discursos e práticas institucionalizadas”.

Araújo (2016) observou, em um contato inicial com as mulheres imigrantes haitianas, que elas pareciam inertes diante de situações abusivas de poder masculino em relação a elas. Todavia, após analisar a trajetória dessas imigrantes, o autor afirma que

> a aparente inércia da mulher haitiana frente a sua situação passa a ser repensada, abrindo margem à consideração de diversos aspectos sociais em que a mulher haitiana obtém destaque e ganha protagonismo na relação de jogo de poderes (...). As desigualdades existem, mas é interessante pensar nas mesmas de modo plural, não somente em seu sentido repressivo (ARAÚJO, 2016, p. 19).

Já Marinucci (2007) observa que as mulheres se tornaram protagonistas nos fluxos migratórios internacionais, esse protagonismo, de acordo com o autor, é motivado por interesses econômicos, mudanças no mercado de trabalho internacional e também é fortemente permeado pelas transformações nas relações sociais de gênero.

1.2 O TRANSNACIONALISMO

Ao procurarmos inscrever os sujeitos de nossa pesquisa em uma teoria, observamos que estão dotados de características e especificidades que os enquadram na teoria da transmigração, ou teoria da migração transnacional. Para essa teoria, o migrante torna-se transmigrante à medida que se estabelecendo na nova terra mantem laços, sejam político-econômicos ou familiares, com o antigo lar (país de origem). Em outras palavras, o migrante transnacional é aquele que vive sua vida em dois ou mais países concomitantemente (SCHILLER; BASCH; BLANC-SZANTON, 1992).

Ribeiro (2016, p. 34, *apud* Duany, 2011, p.19) considera que Nina Glick Shiller, Linda Basch e Cristina Blanc-Szanton foram responsáveis, em 1992, pela formulação mais influente sobre o transnacionalismo. De acordo com Ribeiro (2016), “essas formulações de Glick Shiller foram criticadas, repensadas expandidas e refinadas nos anos subsequentes por influentes autores”.

Schiller (2000, p. 116) considera como transmigrantes aqueles que “mesmo tendo imigrado em um novo país e tendo se incorporado a uma nova sociedade, vivem suas vidas além das fronteiras”. Para a autora, os transmigrantes, além de aprenderem a língua da sociedade de acolhida, trabalharem, pagarem os impostos criarem e educarem seus filhos, também continuam fazendo parte de sua terra ancestral, seja “investindo no país natal, enviando dinheiro e presentes para a família, comprando propriedades, construindo casas, ou participando de festivais”.

Conforme argumentam Schiller; Basch e Blanc- Szanton (1992) o transnacionalismo pode ser definido como o processo pelo qual os imigrantes constroem campos sociais que ligam o seu país de origem e o seu país de estabelecimento. Nesse sentido, são considerados transmigrantes aqueles migrantes que desenvolvem e mantêm múltiplas relações - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas - dentro de redes sociais que os ligam a duas ou mais sociedades simultaneamente (SCHILLER; BASCH; BLANC-S ZANTON, 1992, p. 01).

Para Boroski (2016, p. 1), “a migração transnacional é marcada por movimentos políticos, sociais e culturais e as dimensões de etnia, gênero, sexo e classe implicam e são implicados por estes fluxos”. Duany (2011, p. 19) considera que é de interesse dos estudiosos contemporâneos descrever e explicar “como as pessoas reconstroem suas identidades e imaginam suas comunidades além das suas fronteiras e limites”. Assim, a quantidade e rapidez dos fluxos migratórios internacionais das populações exige uma nova abordagem à migração. Para o autor (2001, p. 19) muitos estudiosos “procuraram repensar categorias convencionais para análise social - como nação, estado, cidadania, raça, etnia, classe, gênero e Identidade”.

No caso específico da mobilidade haitiana para o Brasil, consideramos que a migração das mulheres pode ser analisada sob o viés da transmigração (HANDERSON, 2015; CAZAROTTO; MEJÍA, 2017). Para Cazarotto; Mejía (2017, p. 172) “os imigrantes haitianos vivenciam o processo de transnacionalismo, constituído por relações sociais multissituadas, através das quais vinculam a sociedade de origem e a de estabelecimento”.

Ainda de acordo com (Cazarotto; Mejía, 2017, p. 180) as mulheres haitianas “são transmigrantes, pois constroem suas vidas em dependência das constantes interconexões sociais que transpassam fronteiras internacionais, enquanto a interconexão com a sociedade local se reduz ao ambiente de trabalho”.

Nesta dissertação, as mulheres imigrantes haitianas também são inseridas de forma analítica como transmigrantes. Na análise que fazemos da migração de mulheres haitianas para o Brasil, consideramos que essas mulheres participam de redes sociais transnacionais, pois elas têm moradia, trabalho, participação em

igrejas e demais instituições no Brasil e, ainda assim, mantêm os vínculos familiares no Haiti.

> O que se torna claro é que mulheres e homens participam das redes transnacionais e, de forma análoga, permanecem em campos sociais que incluem as relações de desigualdade de classe de produção e práticas hierárquicas e ideológicas de gênero (SCHILLER, 2000, p.117).

A manutenção dos vínculos com o país de origem se torna onerosa, nos casos analisados por nós. Com o salário, relativamente baixo, angariado pelas migrantes em parceria com seus pares em Porto Velho, elas disseram que enviam remessas em dinheiro aos parentes e familiares, ora para custear alimentação e moradia dos filhos ou sobrinhos, ora para mantê-los na escola.

Retomando o relato de Keaira e Abehata (item 1.1) sobre a vinda para o Brasil, percebemos a ação do amigo imigrante que financiou a viagem das duas irmãs para Porto Velho como uma prática social transnacional, visto que ao investir suas economias poupadas no exterior para custear a viagem das amigas, a ação do imigrante interfere diretamente na dinâmica da sociedade haitiana criando meios para que Keaira e Abeata migrassem.

Já o conceito de diáspora também é bastante recorrido pelos pesquisadores dos fluxos migratórios internacionais haitianos. Diáspora é utilizada como uma categoria para abordar as relações transnacionais que se estabelecem no âmbito de processos migratórios (CAZAROTTO; MEJÍA, 2017; JACKSON et al., 2011; HANDERSON, 2015).

Cohen (1999, p. 25) diz que “diáspora na acepção grega da palavra significava migração e colonização”. Para o autor, a migração dos povos caribenhos para os diversos países do mundo pode ser analisada como diáspora cultural.

> Que luz, então, a experiência da diáspora lança sobre as questões da identidade cultural no Caribe? Já que esta é uma questão conceitual e epistemológica além de empírica, o que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? Já que "a identidade cultural" carrega consigo tantos tragos de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice, como deverão "pensar" as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença, e disjuntura? Essencialmente, presume-se que a

> identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. E impermeável! A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades, os legados do Império em toda parte podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento, a dispersão (HALL, 2003, p. 27).

Desse modo, concordamos com Hall (2003) no sentido de que a falta de oportunidades econômicas e o subdesenvolvimento político-econômico do país de origem influenciam a decisão das pessoas em migrar e contribuem para que se perpetue o processo cultural dessa migração.

Assim, as mulheres haitianas migram porque absorveram na sociedade de origem que essa é uma prática positiva, no sentido de que a partir da migração há possibilidades de ascensão econômica. E estamos ainda em concordância com Hall (2003, p. 27) quando diz que "cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor", mesmo estando dispersos pelo mundo, os cidadãos que compõem a diáspora almejam retornar aos lugares de origem, não um retorno frágil e forçado, e sim um retorno dotado de redenção, capaz de restabelecê-los aos seus antigos postos sociais.

Não pretendemos aqui entrar na dimensão complexa e polêmica que gira em torno do conceito de diáspora, todavia estamos em consonância com aqueles trabalhos cujo uso do termo diáspora está relacionado à mobilidade haitiana para os diversos países do mundo.

> Não na problematização se seu conceito alude a questões de cunho demográfico, geográfico ou sociocultural apenas, senão qual o seu sentido quando a questão em pauta é a comunidade haitiana fora do Haiti - a diáspora haitiana (RIBEIRO, 2016, p. 50).

De acordo com Handerson (2015), o termo dyaspora "além de designar a comunidade haitiana transnacional", serve também como um adjetivo para qualificar pessoas. Segundo o autor (2015, p. 350), "é comum os haitianos no Haiti usarem a palavra *dyaspora*[4] para chamar outro compatriota que parte, reside *aletranje*, envia remessas". Assim, Handerson afirma que o termo diáspora recebe características de

[4] De acordo com Handerson (2015, p. 25) "*dyaspora:* é um termo polissêmico. Geralmente, a palavra é utilizada para designar os haitianos residentes no exterior e que voltam ao Haiti. Também é utilizado como adjetivo para qualificar objetos, dinheiro, casas e ações".

“autodesignação e de alteridade, permitindo diferenciar os que vivem *aletranje* em relação àqueles que ficam no Haiti”.

Nessa perspectiva, as mulheres imigrantes haitianas em Porto Velho são contabilizadas entre os muitos cidadãos haitianos que deixam o Haiti para viverem em situação de diáspora no exterior e, mesmo distantes geograficamente, mantém vínculos com a sociedade de origem o que permite a elas estarem em dois ou mais países concomitantemente, como é o caso das famílias haitianas em que os membros estão espalhados por diversos países. Sob esse olhar, reafirmamos nossa proposição em inscrever e analisar a mobilidade das mulheres imigrantes do Haiti em Porto Velho a partir do transnacionalismo.

1.3 A MIGRAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NO CONTEXTO PÓS-COLONIAL: INTERSECCIONALIDADE[5] NAS RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO

Para Silva (2009), “as relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual”. O autor afirma que “questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam. Silva (2009) também considera que o mundo social é cindido em dois, de um lado “Nós” e de outro “Eles”. Esse processo de classificação, para o autor, “é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes”.

Por conseguinte, as relações de poder que se estabelecem em torno das mulheres negras imigrantes são frutos da classificação de pessoas baseadas em gênero, cor e sexualidade. Isso também significa uma hierarquização social.

[5] “A visão tradicional afirma: a discriminação de gênero diz respeito às mulheres e a racial diz respeito à raça e à etnicidade. Assim como a discriminação de classe diz respeito apenas a pessoas pobres. Há também outras categorias de discriminação (...) A intersecionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos”. CRENSHAW *apud* DUTRA, op.cit. p. 126. Sobre esse respeito ver o artigo “Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado do trabalho”, Delia Dutra (2013, p. 188).

Patarra (2006 p. 9) considera que aos processos envolvidos nos fluxos de pessoas no âmbito internacional estão embutidos fenômenos distintos, com grupos e implicações sociais diversas. E são essas implicações diversas que direcionam os estudos dos fluxos de mobilidade feminina no contexto internacional. Castro (2006, p. 79) diz que os marcos conceituais e as metodologias de investigação que são utilizados para o estudo da migração masculina não são os mesmos adequados para a investigação deste fenômeno em sua contrapartida feminina. Assim, para a autora, é preciso reconhecer que a análise da migração feminina ou masculina é atravessada não somente por fatores econômicos, étnicos, de geração, mas também, fundamentalmente, por gênero. Marinucci (2007) também considera que a migração da mulher apresenta características diferentes da migração do homem, e enfatiza que a experiência migratória precisa ser analisada conforme o gênero.

Strarhern (2006, p.20) diz “entendo por "gênero"' aquelas categorizações de pessoas, artefatos, eventos, sequências etc. que se fundamentam em imagens sexuais”. Na história das relações sociais de gênero a mulher sempre esteve rotulada e classificada socialmente a partir da sua sexualidade (STRARHERN, 2006). Nesse sentido, mulheres casadas assumem um status social que coloca a mulher separada do marido ou mãe solteira em posição de desvantagem moral aos olhos das pessoas que ainda não conseguiram se dissociar da cultura patriarcal, machista e sexista. Já para Marinucci (2007, p.7), gênero é uma “construção social”, condicionada pela história e também pela cultura de um povo.

Scott (1989, p. 06) afirma que “no seu uso recente mais simples, “gênero” é sinônimo de “mulheres””. Segundo a autora, o gênero como categoria analítica tem, entre os autores, proposição de indicar “erudição e a seriedade de um trabalho porque “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres””. Nesse sentido, utilizar gênero como um conceito para analisar a trajetória das mulheres é uma forma de incluí-las sem nomeá-las, o que, de acordo com a autora (1989, p. 06), “este uso do “gênero” é um aspecto que poderíamos chamar de procura de uma legitimidade acadêmica”.

> Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força

> muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres (SCOTT, 1989, p. 07).

E é a partir do gênero como construção social, tal como argumenta Marinucci (2007) e Scott (1989) que procuramos inscrever as mulheres imigrantes haitianas em nossas análises. E estamos em concordância com Scott (1989, p. 29) no sentido de que “o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com a visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também a classe e a raça”.

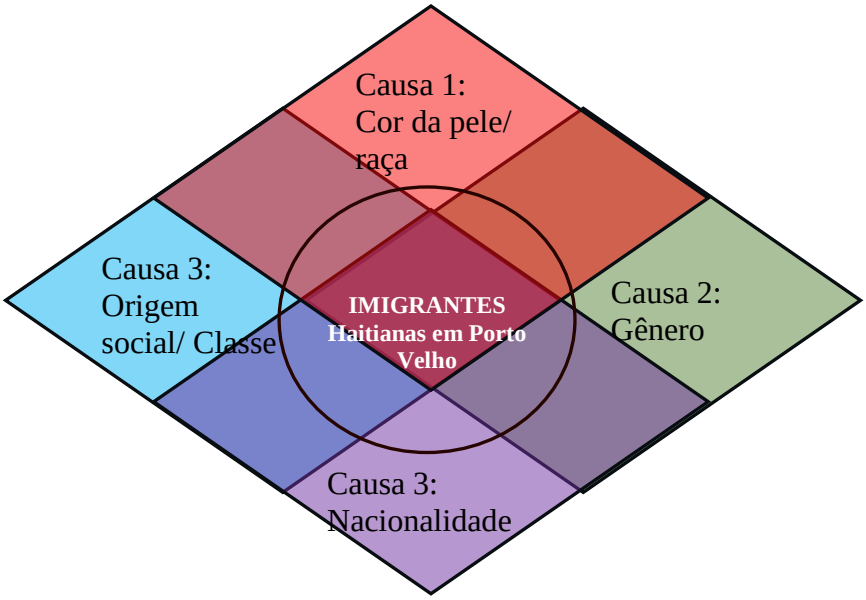
> O gênero, o status migratório, a origem social, a cor da pele, a prática (ou não prática) de uma determinada religião e a nacionalidade são algumas das inúmeras causas de discriminação. Na maioria dos casos tais causas podem estar sobrepostas numa mesma pessoa, fenômeno que nos estudos de gênero se denomina de “interseccionalidade” e que, sem dúvida, afeta particularmente a vida profissional das mulheres migrantes (DUTRA, 2013.1 p. 188).

Assim considerando, as mulheres imigrantes haitianas ocupam o centro das camadas sobrepostas da interseccionalidade, conforme exemplificamos no esquema abaixo (ver figura/esquema 1). Elas não são discriminadas, rotuladas e estereotipadas apenas por serem mulheres, ou por serem negras, ou porque são imigrantes oriundas de um país subdesenvolvido como é o Haiti, mas sim porque são elas mesmas a junção de todos esses determinantes. São negras, são mulheres e são imigrantes haitianas.

Como bem observa Dutra (2013, *apud* Falquet, 2008), no recorte que fazemos abaixo, não é apenas a relação de gênero que entra na discussão. Há que se considerar nas análises as dimensões de classe e raça dessas mulheres.

> Autoras contemporâneas, tal o caso de Falquet (2008) sustentam que durante décadas falou-se em discriminação por gênero. No entanto, chamam para a necessidade de recuperar nas análises a dimensão de classe e raça junto à de gênero. Dimensões por muito esquecidas e que se tornam marcadores sociais fundamentais para compreender os processos de segregação e multiplicação da pobreza no âmbito do processo de globalização neoliberal (DUTRA, 2013, p. 104).

Figura/ esquema 1: A mulher haitiana em Porto Velho e as causas de discriminação sobrepostas.



Fonte: nossa pesquisa de campo 2015-2017.

Scott (1989) considera que não existe uma paridade entre os três termos "classe, raça e gênero". Para a autora, "classe" pode ser baseada na teoria complexa de Marx (e seus desenvolvimentos posteriores) de uma determinação econômica e de uma mudança histórica, já as categorias de "raça" e de "gênero" podem não estar associadas.

Ao nos apropriarmos das discussões propostas por pós-colonialistas, tais como Bhabha (1998), Fanon (2008) e Spivak (2010) percebemos que a migração de mulheres negras oriundas de um país com passado de escravização humana, o Haiti, para outro país com similar histórico de escravização, o Brasil, está em muito embutida nas reflexões colocadas nos estudos pós-coloniais. Nesse sentido, concordamos com Bhabha (1998, p. 23-24) quando diz que "os "limites" epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes - mulheres, colonizados e grupos minoritários".

Assim, as ideias etnocêntricas abraçadas pelos líderes políticos dos países Brasil e Haiti no período colonial colocavam à margem da história as mulheres e as demais pessoas de peles negras. E é o eco das vozes dessas pessoas marginalizadas, dessas vozes fronteiriças que queremos captar nessa análise.

> Isto porque a demografia do novo internacionalismo é a história da migração pós-colonial, as narrativas da diáspora cultural e política, os grandes deslocamentos sociais de comunidades camponesas e aborígenes, as poéticas do exílio, a prosa austera dos refugiados políticos e econômicos. É nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante (BHABHA, 1998, pp. 23-24).

Silva (2009) considera que “se o movimento entre fronteiras coloca em evidência a instabilidade da identidade, é nas próprias linhas de fronteira, nos limiares, nos interstícios, que sua precariedade se torna mais visível”. O autor afirma que “neste caso, é a teorização cultural contemporânea sobre gênero e sexualidade que ganha centralidade”. Falar dessas pessoas e sobre essas temáticas, para Bhabha (1998), está interligado ao que ele chama de “demografia do novo internacionalismo”. Sendo essa demografia a própria história da migração pós-colonial.

> Apesar de ambos (sujeito subalterno masculino e sujeito subalterno feminino) serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, pp 66-67).

Estamos em concordância com Spivak (2010, p. 57) no sentido de que o sujeito subalterno colonizado é irremediavelmente heterogêneo. Há que se considerar as diferenças e peculiaridades entre esses sujeitos que são heterogêneos entre si. Concordamos ainda com Bhabha quando diz que

> Os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas, ou comunidades étnicas "orgânicas" estão em profundo processo de redefinição (BHABHA,1998, p. 24).

Para Spivak (2010, p. 66) “a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação”. Nesse sentido, como argumenta a autora, não cabe ao intelectual falar por essas mulheres.

> Pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta a construção contínua do subalterno? A questão da “mulher” parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras (SVIPAK, 2010, p. 85).

Assim, o aparente silêncio das mulheres, para Spivak (2010), é, na verdade, um silenciamento ante as opressões por classe social e cor da pele e gênero. Nas palavras da autora, “devemos acolher também toda recuperação de informação em áreas silenciadas”. Não no sentido de falar pelo “Outro”, o que Spivak considera como violência epistêmica, todavia, conforme argumenta a autora (2010, p. 86) “ a pressuposição ou a construção de uma consciência de um sujeito (...) irá se unir ao trabalho de construção do sujeito imperialista”.

> Ao buscar aprender a falar ao (em vez de ouvir ou falar em nome do) sujeito historicamente emudecido da mulher subalterna, o intelectual pós-colonial sistematicamente “desaprende” o privilégio feminino. Essa desaprendizagem sistemática envolve aprender a criticar o discurso pós-colonial com as melhores ferramentas que ele pode proporcionar e não apenas substituindo a figura perdida do(a) colonizado(a) (SPIVAK, 2010, p. 88).

É de suma importância perceber que a mulher migrante negra, no momento que atravessa as fronteiras políticas e geográficas de seu país em busca de novas possibilidades econômicas e/ou sociais, rompe também com uma gama de ideais colonialistas. Se antes essa mulher estava direcionada a viver confinada nos domínios patriarcais da família e do estado concordando com essa direção ou não, hoje, é possível uma tentativa (por vezes frustrada) de projetarem para si mesmas novos direcionamentos.

Quando falamos sobre uma tentativa de autonomia da mulher negra pós-colonial, temos consciência de que há muitas possibilidades de fracasso ou

frustrações nessas trajetórias. E o fracasso e frustrações de que falamos não são oriundos da mulher, mas estão imbricados e enraizados no sistema capitalista da sociedade a qual essas mulheres pertencem e na sociedade para qual essas mulheres migram. Nesse sentido, particularidades físicas como cor da pele e sexo ganham proporções e estereótipos sociais que pesam sobre essas mulheres e escapam aos seus domínios.

No quesito raça (cor da pele) esbarramos em uma problemática que não é particular e exclusiva dos brasileiros, mas está presente no Brasil e no mundo pós-colonial, aumentando assim as possibilidades de fracasso e frustrações nos projetos migratórios das mulheres negras (HANDERSON, 2015, p.160). Essa problemática, considerada e rotulada como racismo, é ignorada por uns e mascarada por outros em tal medida que em muitas ocorrências é considerada pelos cidadãos como “normal”, dada a proporção em que ocorre impunemente no meio social.

A esse respeito encontramos com Fanon (2008, p.169-170) uma reflexão plausível. De acordo com ele, “o problema negro não se limita ao dos negros que vivem entre os brancos, mas sim ao dos negros explorados, escravizados, humilhados por uma sociedade capitalista, colonialista, apenas acidentalmente branca”. Assim considerando, o que está em discussão não é unicamente a cor da pele, mas todo o processo histórico e social que foi construído ao longo da formação dos estados capitalistas. Tanto dos Estados originários das migrantes, quantos dos Estados de destino dessas mulheres.

Elas, mulheres haitianas em Porto Velho, atraem olhares e comentários maldosos. Sobre isso, Ketsia disse “ eu espera o ônibus e ouvi elas falar que essas haitiana vieram para trabalhar nos bares noturnos, porque a maioria tem jeito de prostituta. Ela fala perto de mim, porque acha que eu não entendê portguê”.

E encontramos com Schiller (2000) um relato que exemplifica o que estamos discutindo.

> Por outro lado, as mulheres de classe média casadas eram, até recentemente, confinadas às atividades do lar, como resultado das formas através das quais a sexualidade feminina é usada para definir e marcar as diferenças de gênero no Haiti. Todas as mulheres são vistas como sexualmente acessíveis, se estiverem sozinhas. Mulheres pobres se movimentam livremente e controlam sua sexualidade, dentro de um contexto social no qual são responsáveis por criarem seus filhos. Os homens têm mais de uma mulher e uma

> família, e o status do homem é medido pelo número de filhos machos. Ao contrário de muitas culturas onde os homens veem mulheres sozinhas como um convite ao estupro, os homens no Haiti veem as mulheres desacompanhadas como disponíveis e capazes de comercializar sua sexualidade em troca de outras coisas de que necessitam. Os homens podem consultar, mas quase sempre fazem ofertas irrecusáveis para as mulheres (SCHILLER, 2000, p. 124).

Dessa maneira, sabemos que a mulher negra, migrante do Haiti vem de um contexto social fortemente marcado pelas ideologias sexuais de gênero e, ao chegarem no Brasil, se deparam com situações que em muitos aspectos sequenciam e dão continuidade ao que vivenciaram na sociedade haitiana.

SEÇÃO 2: O TRABALHO NO CAMPO DE PESQUISAS

> Entrar em campo não é, definitivamente, uma tarefa fácil para pesquisadores da área das Ciências Humanas. (...). Uma vez no campo, o pesquisador é convocado a exercitar a alteridade, mudar seu olhar em relação à realidade, aprender a língua – se for o caso, gírias ou vocabulário –, os costumes, alimentar-se com as pessoas e participar do convívio social, de rituais, se deseja ser aceito e obter sucesso na empreitada. Essa é uma regra de ouro em pesquisas etnográficas.
>
> (COTINGUIBA, 2014, p. 20).

2.1 MÉTODOS E DESAFIOS - DA TEORIA À PRÁTICA

Por se tratar de um processo social recente a presença de mulheres haitianas, em grande quantidade, no Brasil (DE MORAES 2013, p. 99; COTINGUIBA, 2014, p. 86-89; HANDERSON, 2015, p. 49- 57), dispúnhamos de dados limitados para fazer uma análise do fluxo migratório de mulheres haitianas para Porto Velho com enfoque nas relações de gênero. Assim, dentre as muitas teorias e métodos válidos para a pesquisa, optamos por fazer um trabalho de campo, na perspectiva de obter dados empíricos sobre os quais embasaríamos as nossas análises.

O trabalho de campo que realizamos é aquele que de acordo com Da Mata, (1981, p. 146) “trata-se basicamente de um modo de buscar novos dados sem nenhuma intermediação de outras consciências”. Para o autor (1981, p. 146), esse contato direto do pesquisador com o objeto de estudo pode encerrar muitos “dilemas” e desafios. Nesse sentido, buscamos direcionar nossas ações em campo a partir da Antropologia Social, entendida do ponto de vista explicitado por da Mata no recorte apresentado a seguir.

> Diferentemente, então, da Sociologia, da História, da Geografia Humana, da Psicologia, da Ciência Política e da Economia, mas muito próxima da Linguística, a Antropologia Social toma como ponto de partida a posição e o ponto de vista do outro, estudando-o por todos os meios disponíveis. Se existem dados históricos, eles são usados; se existem fatos econômicos, isso também entra na reflexão; se há material político, eles não ficam de fora. Nada deve ser excluído do processo de entendimento de uma forma de vida social diferente (1981, p.150).

Estabelecemos uma quantidade de trinta mulheres a serem entrevistadas com a finalidade de traçar o perfil socioeconômico e coletar relatos sobre as trajetórias de mobilidade das haitianas, a fim de compreendermos o processo de inserção dessas mulheres em Porto Velho. A escolha das imigrantes para participar das entrevistas ocorreu de forma aleatória e fortuita. Fizemos convites (com local, data e hora marcada) e afixamos em locais públicos, bem como entregamos pessoalmente para algumas e divulgamos na rede social *Facebook*. Assim, as trinta mulheres que compareceram aos encontros foram convidadas e aceitaram participar dos encontros semanais (ver item 2.2).

Nossa análise é qualitativa. Não é, portanto, nosso intento contabilizar as mulheres haitianas que residem em Porto Velho.

> A Antropologia, embora sem exclusividade, tradicionalmente, identificou-se com os métodos de pesquisa ditos qualitativos. A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem sua marca registrada. Insiste-se na ideia de que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo, pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia (VELHO, 1978, p. 124).

Durante a pesquisa as técnicas grupo focal[6] e aplicação de questionários semiestruturados foram conciliadas com conversas abertas sobre as mais variadas temáticas, trocas de mensagens em redes sociais (tais como *Facebook* e

[6] Essa técnica, denominada grupo focal, é bastante utilizada nas pesquisas em ciências humanas e sociais e consiste na reunião entre pesquisador e seus interlocutores para dialogarem sobre uma temática específica. O pesquisador deve abster-se de tecer seus comentários e pontos de vista frente aos entrevistados, todavia conduz e direciona as perguntas e comentários para que estes não fujam totalmente do contexto da pesquisa. Nessa dissertação, utilizamos a técnica tal qual sugeriu Gatti (2005).

Messenger), passeios aos supermercados e refeições compartilhadas com as imigrantes.

Barbosa (2015, p. 36, *apud* Da Matta, 1978) considera que o trabalho de campo na perspectiva antropológica compreende um componente de alteridade “só há dados quando há um processo de empatia de ambos os lados”.

Em nosso trabalho em campo, no plano metodológico, realizamos uma etnografia. Não a etnografia clássica tal como a realizou Malinowski (1978) entre os indivíduos nativos em uma terra longínqua. Estávamos com vantagens, do ponto de vista geográfico, porque as pessoas com as quais desenvolvemos nossa abordagem etnográfica (quais sejam, as mulheres imigrantes haitianas) não residiam em terras distantes, mas na mesma cidade e, algumas delas, no mesmo bairro que nós. O fato de compartilharmos o mesmo espaço geográfico (cidade) facilitou nossa aproximação inicial.

Embora não tenhamos pisado em uma “praia nativa”, como descreve Malinowski no recorte que apresentamos abaixo, também nos deparamos com desafios similares aos encontrados pelos que assim o fizeram.

> O etnógrafo tem que percorrer esta distância ao longo dos anos laboriosos que transcorrem desde o momento em que pela primeira vez pisa numa praia nativa e faz as primeiras tentativas no sentido de comunicar-se com os habitantes da região, até à fase final dos seus estudos, quando redige a versão definitiva dos resultados obtidos (MALINOWSKI ,1978, p. 19).

Desde o primeiro contato em campo com os imigrantes haitianos em 2014[7] até o momento em que redijo esta dissertação, 2017, foram necessárias muitas tentativas de aproximação. Nesse ínterim, fizemos exercício da alteridade na medida em que procurávamos enxergar o “mundo” das imigrantes através da ótica dessas mulheres e, só então a partir dessa prática, pudemos relativizar as ações delas.

[7] O contato inicial da pesquisadora com o grupo de imigrantes ocorreu durante a execução de um projeto pesquisa cujo objetivo principal era verificar a importância histórica e cultural da preservação e transmissão dos contos populares para os imigrantes haitianos residentes em Porto Velho (JORDÃO, 2015). Nesse primeiro momento, as dificuldades inerentes a comunicação verbal (os imigrantes em sua maioria falavam crioulo) foram identificadas e, em certa medida, superadas pela pesquisadora.

Conquistar a confiança das mulheres imigrantes para realizar nossa abordagem etnográfica só foi possível porque contávamos com muitos fatores aliados. Dentre esses fatores, conforme já foi mencionado, está o contato que já havíamos estabelecido com algumas mulheres haitianas durante a primeira etapa da pesquisa (em 2014), e a nossa participação como professora voluntária de língua portuguesa no Projeto de extensão[8] e pesquisa da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, intitulado, “Migração Internacional na Amazônia Brasileira: Linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho”.

Cotinguiba (2014) faz referência à relação estabelecida com os imigrantes haitianos em Porto Velho.

> Nesse contexto, estão aqueles que dão sentido à nossa pesquisa, os haitianos, uma categoria que traduz uma gama de pessoas com origens, credos, sonhos e anseios variados. São essas pessoas, com as quais mantemos uma estreita relação ao longo desse tempo e tivemos a oportunidade conhecer parte de sua dinâmica cultural desde a sua chegada a Porto Velho, no primeiro trimestre de 2011, os sujeitos que dão sentido a este trabalho, que só foi possível com sua permissão para procedermos numa etnografia e conhecermos parte de sua intimidade (COTINGUIBA, 2014, p.25).

Em nossa abordagem em campo, priorizamos o contato direto com as interlocutoras. Assim, pudemos conhecer dados históricos sobre o Haiti, ler algumas obras literárias haitianas, aprender a preparar algumas comidas típicas da culinária haitiana, conhecer pinturas de artistas plásticos haitianos, realizar ensaios musicais com músicos sinfônicos do Haiti, participar de eventos culturais em datas comemorativas para os haitianos e brasileiros, realizar visitas em domicílio, entre outras ações igualmente relevantes que favoreceram nossa abordagem etnográfica para com as mulheres imigrantes.

Nossas interlocutoras têm como língua materna o crioulo haitiano e a segunda língua oficial em seu país natal é o francês (PIMENTEL; COTINGUIBA;

[8] O referido projeto de extensão foi criado a partir de julho de 2011, coordenado pela professora Dra. Marília Lima Pimentel e pelo professor antropólogo Me. Geraldo Castro Cotinguiba. O projeto é vinculado ao Laboratório de Estudos da Oralidade – LEO, ao Grupo de Estudos Migrações, Memória e Cultura na Amazônia brasileira – MIMCAB, ao Núcleo de Ciências Humanas da Unir e conta com a parceria da Pastoral do Migrante e da Secretaria Estadual de Assistência Social – SEAS.

RIBEIRO, 2016; RODRIGUES, 2008), embora algumas delas falem português e espanhol com bastante fluência, há àquelas que ainda se comunicam apenas nas duas línguas oficiais do Haiti. Como pretendíamos entrevistar tanto as que já se comunicam em português como as demais, optamos pelo aprendizado[9] do crioulo haitiano como língua de contato.

> O crioulo haitiano (Kreyòl Ayisyen) faz parte do grupo de crioulos de base francesa, porque uma parte importante de seu léxico deriva ou vem diretamente do francês. Porém, sua sintaxe, seu sistema semântico e sua morfologia diferem consideravelmente do francês. É certamente o idioma crioulo mais falado pela maioria dos falantes de crioulos no mundo. São cerca de oito milhões e setecentas mil pessoas no Haiti. Na diáspora, o crioulo haitiano também é falado por mais de um milhão de pessoas, vivendo na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), na América do Sul (principalmente na Venezuela e na Guiana Francesa), no Caribe (República Dominicana, Martinica, Guadalupe e Bahamas), na Europa (França) e em alguns países da África. Juntamente com o francês, é hoje idioma oficial da República do Haiti (desde 1987), embora só uma minoria de haitianos fale o francês fluentemente. Desde 1980, o crioulo haitiano foi equipado com uma ortografia oficial, e escritores haitianos já produziram uma literatura interessante e consistente (RODRIGUES, 2008, p. 89).

Silva (2009) considera que “a história da imposição das nações modernas coincide, em grande parte, com a história da imposição de uma língua nacional única e comum”. No Haiti, as pessoas se comunicam em crioulo quando estão em situações comunicativas familiares, quando estão diante de situações informais de comunicação. Todavia, os documentos e as formalidades oficiais são preferencialmente redigidos e pronunciados em francês. Assim, o francês é a língua que os cidadãos haitianos aprendem na escola e o crioulo a língua materna. Haja vista que nem todas as pessoas têm acesso aos canais de informação institucionalizados (PIMENTEL; COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016; RODRIGUES, 2008).

[9] Como o aprendizado da língua é um procedimento que envolve tempo, treino e dedicação e o tempo era cronometrado para a entrega da dissertação, usamos também alternativas. Assim, graças ao auxílio do professor Cotinguiba (2014), que é fluente em crioulo, e também graças à ajuda de alguns amigos e amigas haitianas foi possível compreender os dados coletados em crioulo e também traduzir os formulários utilizados na pesquisa.

> A elite haitiana, no passado e até mesmo nos dias de hoje, justifica a posição de sua classe em termos de sua capacidade de falar francês e de acatar as normas e valores da família, que tem origem francesa, e não africana, sendo, portanto, branca e civilizada. Através do controle do sistema de educação, os haitianos de todas as classes acreditam que o Haiti provou seu valor como nação negra, devido ao alto grau de influência da civilização francesa (SCHILLER, 2000, p.123).

Rosa (2006, p. 19) também considera que a coexistência dos idiomas crioulo e francês no Haiti não expressa apenas a existência de dois idiomas nacionais. De acordo com a autora, o uso do francês “indica, sobretudo, a hierarquização entre grupos bilíngues e monolíngues”.

Nesse sentido, Rosa (2006), Rodrigues (2008) e Schiller (2000) consideram que a alternância no uso do francês na sociedade haitiana funciona como um demarcador social.

Assim considerando, ao optarmos por abordar nossas interlocutoras em sua língua materna, o crioulo haitiano, incorríamos na tentativa de criar situações comunicativas que soassem familiares e, por consequência, fossem menos constrangedoras para as mulheres, uma vez que nem todas as imigrantes dominavam o francês e o português com fluência. Considerando que também estávamos aprendendo a língua materna das nossas interlocutoras e, dessa forma, não tínhamos fluência vocabular nessa língua, as próprias imigrantes nos auxiliavam sugerindo vocábulos em crioulo. Assim, a situação comunicativa adquiria uma performance de trocas de conhecimentos.

2.2 ENCONTROS SEMANAIS COM AS MULHERES HAITIANAS EM PORTO VELHO

Foto 1: Encontros semanais com as imigrantes haitianas. Crédito nosso, fevereiro de 2016, Porto Velho, Rondônia.

Realizamos encontros semanais com as mulheres haitianas em Porto Velho. A proposta inicial fora realizar reuniões com o intuito de discutir assuntos que fossem do interesse das mulheres, com a finalidade de promover uma maior interação entre elas e, consequentemente, uma maior aproximação comunicativa entre pesquisadora e as imigrantes. Assim, ao final de cada encontro organizávamos uma espécie de eleição para a escolha do assunto principal do próximo encontro. Essa prática criou um espaço para que as imigrantes expusessem suas dúvidas mais relevantes sobre o funcionamento da sociedade de acolhida, Porto Velho. Elas sugeriram que falássemos sobre como ir ao médico nos hospitais públicos, quais os documentos necessários para ingressar em cursos superiores, quais os locais

públicos de lazer em Porto Velho, dentre outros, tais como oficina de pintura e receitas culinárias típicas do Haiti e do Brasil. Esses encontros foram bastante eficientes como troca de saberes.

O apoio recebido pelo grupo de pesquisa Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira, MIMCAB, foi imprescindível para execução e formalização do projeto. Desde a logística à metodologia. O encontro semanal com as mulheres haitianas foi um importante passo de aproximação entre nós e as imigrantes no campo de pesquisas. Esse procedimento favoreceu a posterior coleta de dados e informações pertinentes à dissertação.

O convite para participar das reuniões foi estendido às mulheres em crioulo para que abrangesse um público mais amplo e não apenas as imigrantes que compreendiam a língua portuguesa (Ver foto 2).

Foto 2: Convite elaborado para divulgação dos encontros semanais com as imigrantes haitianas. Crédito nosso, janeiro de 2016, Porto Velho, Rondônia.

Os encontros começaram a ser realizados em maio de 2016, na escola 21 de abril e desde o início produziram efeitos bastante positivos para a pesquisa, uma vez que as mulheres se sentiam, a cada reunião, mais confiantes em falar sobre suas histórias de vida.

Foto 3: Encontros semanais com as imigrantes haitianas. Crédito nosso, junho de 2016, Porto Velho, Rondônia.

Elas, mulheres haitianas, demonstraram grande interesse para com as reuniões: sorriam, faziam perguntas e compareciam com frequência. Houve muitas trocas de informações. Principalmente no quesito linguístico, houve alternância dos idiomas crioulo, francês e português e, consequentemente, uma ampliação do vocabulário para as participantes.

Foto 4: Encontros semanais com as imigrantes. Crédito nosso, fevereiro de 2016, Porto Velho, Rondônia.

É relevante definir que as fotos das imigrantes que constam nesta dissertação foram expressamente autorizadas por elas. Vamos citar vários relatos das trajetórias de nossas colaboradoras imigrantes e os nomes que serão utilizados ao longo do texto são fictícios para preservar a identidade dessas mulheres.

2.3 À MESA COM AS MULHERES HAITIANAS EM PORTO VELHO

Para Cotinguiba e Pimentel (2015, p. 192), "o estranhamento é a experiência por excelência da dialética do outro, pode externar tanto a xenofobia[10] quanto a alteridade[11]".

Como desconhecíamos muitos aspectos culturais da sociedade haitiana, inclusive os gostos culinários, musicais e artístico das nossas interlocutoras,

[10] **Xenófobo** (xe.nó.fo.bo) adj. 1. Que tem aversão às pessoas e coisas estrangeiras- s.m. 2. Pessoa que tem aversão às pessoas e coisas estrangeiras. – **Xenofobia** s.f. (BECHARA, 2011).

[11] **Alteridade** (al.te.ri.da.de) s.f. Estado ou condição do que é outro, do que é diferente (BECHARA, 2011).

propusemos a realização de um evento cultural para o grupo de imigrantes do Haiti em Porto Velho. O evento foi bastante proveitoso, tanto para o grupo de imigrantes que tiveram a oportunidade de representar a cultura haitiana em território brasileiro, quanto para nossa pesquisa, porque pudemos observar as dinâmicas culturais dos imigrantes.

Essa atuação se justifica a partir da escolha que fizemos por realizar uma abordagem etnográfica em campo. Etnografia aqui compreendida como “estudo e registro descritivo de uma cultura” (BECHARA, 2011).

Recebemos apoio logístico da PROCEA- Pró-reitoria de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis-da Universidade Federal de Rondônia, e realizamos o evento em forma da oficina temática “Marchando Unidos, pró-Haiti”. Na oficina, buscamos reunir homens, mulheres e crianças haitianas para apresentações artísticas, execução sinfônica do Hino Nacional Haitiano, degustação de comidas típicas do Haiti, entre outras atividades culturais. Além de contarmos com uma programação cuja temática era de interesse dos imigrantes, havia também a oportunidade de encontro e de diálogo entre os sujeitos da nossa pesquisa, quais sejam as imigrantes haitianas (ver foto 3).

> Essas datas e eventos configuram o sentimento de estarem juntos no Brasil, sendo uma forma de manter os laços afetivos com o Haiti e os familiares que ficaram por lá. Ainda, esses eventos, permitem que os haitianos se reúnam para conversar sobre vida, angústias e conquistas. É o lugar para eles exporem a dimensão simbólica do sucesso ou não da viagem (HANDERSON, 2015, p. 126).

Escolhemos um local estratégico para realização da oficina, o Mercado Cultural de Porto Velho, porque pretendíamos estender também aos brasileiros um recorte da realidade cultural dos imigrantes. Durante o evento, houve apresentações artísticas de vários imigrantes. Entre eles um artista plástico haitiano teve a oportunidade de expor suas pinturas e os músicos trompetistas, Lavaud e Roger, fizeram, juntamente comigo e outros dois músicos brasileiros, uma execução sinfônica da partitura do Hino Nacional do Haiti (ver imagem 7).

Foto 5: Imigrantes ensinando os passos do tradicional ritmo haitiano, “Kompa”, para os participantes da oficina temática “Marchando Unidos: Pró-Haiti”. Crédito nosso (Universidade Federal de Rondônia- PROCEA), abril de 2015, Porto Velho, Rondônia.

Somados à oficina “Marchando Unidos, Pró-Haiti” o grupo MIMCAB realiza muitos eventos para a comunidade de imigrantes em Porto Velho, como é o caso da festa anual da Bandeira Haitiana.

Ao consultar um dos imigrantes sobre quais seriam as comidas haitianas ideais para servir em um evento cultural, a resposta veio carregada de ideologias sobre os papéis socialmente impostos: “se você plecisa de saber sobre a comida... Hum! Santo Deus! Você plecisa conversar com uma mulher /.../ Aqui não consigo comer nada igual /.../ tenho uma amiga que pode ensinar pla você”. Na próxima reunião ele trouxe a amiga indicada e os detalhes foram acertados.

No supermercado com a mulher indicada, observamos que, para a mulher haitiana, desde o momento da escolha dos ingredientes como processo de preparação dos alimentos há uma postura autêntica. Algumas marcas de alimentos foram indeferidas, ao passo que outras pareciam representar muito. A seleção das

frutas, verduras e dos legumes, tudo, expressa que há um cuidado minucioso com o que será servido à mesa.

Para Emmanuela, o café da manhã é a refeição mais importante da família haitiana.

> Se você come só um pãozinho com café como faze no Brasil, você não aguenta trabalhar muito, você pode desmaiar /.../ é importante comer coisas difelentes, como assim, tem dia que cozinha uma banana madura e come com ovo, salada e um copo de suco /.../ A noite é sempre bom uma **sopa** (grifo nosso) ou um mingau.

Os vocábulos usados pelas mulheres imigrantes para denominar as comidas e os pratos típicos do Haiti, quando traduzidos do crioulo para o português, precisam ser compreendidos em seu contexto de usos no universo haitiano para que se tenha uma aproximação maior com o sentido original.

A palavra sopa (*soup*), por exemplo, significa de forma diferenciada para os usos no crioulo e em português. Assim, quando nossa interlocutora se refere à sopa como algo bom para se comer à noite, o mais provável é que ela esteja se referindo ao prato *broullion (brouyon)* o que seria o equivalente a um sopão (caldo com legumes e carne) no Brasil.

> É uma tradição, no Haiti, em 1º de janeiro de cada ano cozinhar essa sopa. Até essa data da Independência do país, os negros escravizados não tinham o direito de comer essa sopa, mas no dia oficial da Independência cozinharam e tomaram essa sopa como símbolo de libertação (HANDERSON, 2015, p. 123).

A sopa haitiana (*soup joumou*), além do seu valor nutritivo para alimentação, é delineada por uma simbologia própria da história e da cultura do Haiti e o seu consumo em ocasião festiva no dia primeiro de janeiro é uma alusão ao aniversário da independência dos cidadãos haitianos.

2.4 POR QUE DISSERTAR SOBRE A MOBILIDADE DE MULHERES HAITIANAS? O “EU PESQUISADOR” COMO SUJEITO PÓS-COLONIAL

> Existe uma pressuposição prejudicial e autodestrutiva de que a teoria é necessariamente a linguagem de elite dos que são privilegiados social e culturalmente. Diz-se que o lugar do crítico acadêmico é inevitavelmente dentro dos arquivos eurocêntricos de um ocidente imperialista ao neocolonial. Os domínios olímpicos do que é erroneamente rotulado como "teoria pura" são tidos como eternamente isolados das exigências e tragédias históricas dos condenados da terra. Será preciso sempre polarizar para polemizar?
> (BHABHA, 1998, p. 43).

Embora marcado com características de digressão, esse item é necessário no sentido de revelar o pesquisador enquanto sujeito e apresentar o posicionamento desse sujeito frente ao objeto anunciado. Foucault (2008, p. 58) nos alerta que “as posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”. O autor (2008, p. 58) considera também que, embora o sujeito seja capaz de questionar, ele o faz segundo uma certa “grade de interrogações explícitas ou não”, e, embora seja capaz de ouvir, o faz segundo um certo “programa de informação”; nesse sentido, o sujeito observa, todavia, essa observação é feita “segundo um quadro de traços característicos”.

Ao refletir sobre o que me impulsiona à temática da mobilidade de mulheres haitianas em Porto Velho, percebo que minhas filiações teóricas e conceituais não são as únicas responsáveis pela escolha dessa temática. Sou neta de uma mulher negra, descendente de africanos, Izaltina dos Santos Jordão (*in memorian*), e sei dos desafios enfrentados diariamente pelas mulheres negras brasileiras, porque sou participante deles. Nascer mulher em meio a uma cultura patriarcal, de base eminentemente machista, implica em ampliar os limites impostos. Nascer mulher e negra no seio de uma sociedade pós-colonial, cujo sistema de base foi escravocrata, é bastante desafiador (KALY, 2011). Foi pensando nos desafios diários dessas

mulheres que comecei a questionar o quanto poderia ser difícil, no amplo sentido do termo, uma inserção socioeconômica e cultural relativa das mulheres haitianas no Brasil. Essas mulheres que não são portovelhenses de nascimento, mas estão em Porto Velho (ainda que de passagem) e já fazem parte da história da cidade.

Silva (2009) considera que “a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: "ela é italiana", "ela é branca", "ela é homossexual", "ela é velha", "ela é mulher"”. Assim, o autor afirma que “a diferença, tal como a identidade, simplesmente existe”.

> A pesquisa de campo etnográfica consiste em estudarmos o Outro, como uma alteridade justamente para conhecer o Outro. A observação é então esta aprendizagem de olhar o Outro para conhecê-lo, e ao fazermos isto, também buscamos nos conhecer melhor (ECKERT; ROCHA, 2008).

Em um encontro com o professor Dr. e senegalês Alain Pascal Kaly, no I Seminário “Migração e Refúgio na região fronteiriça franco-brasileira” sediado pela UNIFAP, Universidade federal do Amapá, nos dias 05 e 06 de dezembro de 2016, fui questionada por ele (Alain) sobre o “lugar de onde falo” na pesquisa que empreendemos junto às mulheres migrantes haitianas em Porto Velho. Naquele dia, comecei a pensar mais sobre o assunto e refletir que ao falar sobre a inserção de mulheres haitianas negras no mercado de trabalho e nos cenários sociais e culturais da capital de Rondônia, estou em muitos aspectos investigando as minhas próprias dificuldades e desafios quanto a uma inserção plena nessa mesma sociedade. Como afirma Malinowski (1976, p. 134) “nosso objetivo final ainda é enriquecer e aprofundar nossa própria visão de mundo, compreender nossa própria natureza e refiná-la intelectual e artisticamente”. Para que “ao captar a visão essencial dos outros com reverência e verdadeira compreensão” possamos contribuir também para alargar nossa própria visão (MALINOWSKI, 1976, p. 374).

Eckert e Rocha (2008) afirmam que “a prática da etnografia no mundo pós-colonial desdobrou-se em importantes debates sobre o lugar do(a) antropólogo(a) e das ciências sociais no âmbito das lutas pelos direitos humanos e dos direitos sexuais” e consequentemente esta complexidade é decorrente da “interdependência que une hoje o oficio do(a) antropólogo(a) às formas de vida dos interlocutores”.

Nesse sentido, falo de um lugar histórico e social destinado às minorias (KALY, 2011), isso, considerando que eu mesma, quando criança em companhia dos meus pais, tenho migrado de casa em casa e de bairro em bairro até que, aos doze anos de idade, nos situamos em terras ribeirinhas (às margens do Rio Madeira) em um assentamento rural pelo INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária[12].

Nesse sentido, respondendo à pergunta de Alain Pascal Kaly, falo de "um lugar" de proximidade com as mulheres haitianas. E não é apenas a proximidade do gênero ou da cor da pele, falo de uma proximidade vivenciada em todas as tentativas que eu mesma fiz de inserção social e econômica na cidade de Porto Velho.

Eckert e Rocha (2008) previnem que "a ruptura com o senso comum sem dúvida é hoje uma questão que provoca verdadeira vertigem entre os cientistas sociais", pois neste "senso comum", de acordo com os autores, estão incluídas as próprias produções teóricas e conceituais do etnógrafo.

> Na figuração de um tempo pós-colonial, o Outro, o Diferente, é ameaçado de se tornar o Mesmo, o igual, e isto pelas mãos dos próprios etnógrafos ou dos "nativos" transformados em antropólogos imbuídos da invenção ocidental da figura do "nativo" universal (ECKERT; ROCHA, 2008).

Com esse relato, registramos a importância da trajetória de vida da pesquisadora para a aproximação e partilha de experiências com as interlocutoras no campo de pesquisa.

O nosso maior e mais profundo intento era conseguir captar para este texto exatamente a leveza dos risos espontâneos das nossas interlocutoras haitianas quando comentavam sobre coisas agradáveis em momentos de descontração,

---

[12] No Brasil, é dispensável descrever a infraestrutura precária das questões agrárias, ainda assim ressalto que, para ter acesso à educação básica, eu e os demais estudantes ribeirinhos enfrentávamos sol, chuva e lama em estradas deterioradas. É igualmente dispensável dizer que não consegui concluir a educação básica nessas condições. Recorri ao "provão" e depois ao ENEM- exame nacional do ensino médio- para concluir os estudos básicos. Nesse exame angariei uma bolsa integral (PROUNI- Programa Universidade para todos) para cursar graduação em Letras na cidade de Porto Velho pela Faculdade Metropolitana. É nesse ponto que os desafios se intensificam. Para cursar a faculdade era necessário deixar para trás o lar, a família, os amigos e (re) começar na cidade uma vida bem diversa da vida que se levava no campo. Despesas tais como aluguel, transporte e alimentação exigiam que se conciliasse trabalho e estudo. O mestrado veio sequencialmente à graduação.

assim como a espontaneidade das respostas que elas usavam para falar de si e dos seus entes queridos, sem incorrermos no erro de rotulá-las e generalizá-las de acordo com um padrão universalmente pré-estabelecido.

SEÇÃO 3: O HAITI, PARA ALÉM DAS MÍDIAS TELEVISIVAS INTERNACIONAIS

> Abordar a migração haitiana para o Brasil exige que façamos um levantamento da história do Haiti e, ao mesmo tempo, busquemos algumas explicações sociológicas. A decisão de migrar não é exclusivamente das pessoas, está vinculada a uma gama de acontecimentos que os próprios migrantes muitas vezes desconhecem, como embargos econômicos, decisões políticas internas ou internacionais, entre outros
>
> (COTINGUIBA, 2014, p. 69).

A partir de 2010, com o advento do terremoto, o Haiti ganhou notoriedade na mídia internacional e passou a ser “conhecido” por muitas pessoas em vários países do ocidente. Entretanto, as notícias que foram veiculadas pela mídia televisiva nos dias que seguiram ao abalo sísmico estavam saturadas de sensacionalismo[13]. Na sequência, o Haiti passou a ser exibido nos canais televisivos a partir do rótulo de “país mais pobre das Américas”.

A quase totalidade dos repórteres enfatizavam a dor, a fome e a miséria adjacentes ao terremoto, a partir de imagens selecionadas que conotavam um clima de desordem política, moral e social por parte dos cidadãos haitianos. Diante desse cenário, muitas entidades governamentais e não-governamentais se propuseram a enviar donativos (água, remédios, comidas) para o Haiti e faziam questão de registrar em suas câmeras as quantidades e os valores pagos pela ajuda humanitária.

> A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa ocidental: seu passado amarrado a traiçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produzira uma história de progresso civil, um espaço para o socius (BHABHA, 1968, p. 73).

E foi assim, estereotipado, rotulado e supostamente acolhido, que o Haiti passou a ser conhecido dos que sequer sabiam da sua existência no mapa. Da

[13] **Sensacionalismo** (sem.sa.ci:o.na.lis.mo) s.m. Divulgação de notícias com o fim de chocar a opinião pública (BECHARA, 2011).

nossa parte, também fomos interpelados pelo apelo das reportagens e também lemos e ouvimos que o Haiti é um país “miseravelmente pobre”.

> Considerado o país mais pobre do hemisfério ocidental o Haiti é o país dos extremos no pior dos sentidos: está entre os países do mundo com maior Índice de Insegurança Humana e entre os países com menor Índice de Desenvolvimento Humano (KING; SUTTER, 2012, p. 237).

Embora King e Sutter (2012) apresentem dados oficiais que ilustram e sustentam a hipótese de que o Haiti é um país que possui parcos recursos financeiros, é possível verificar que os vocábulos empregados pelas autoras para descrever a situação econômica do país são aqueles que foram veiculados nos canais televisivos internacionais. Nesse sentido, ao afirmarem que o Haiti é “considerado” o país “mais pobre” “no pior dos sentidos”, as autoras colocam em funcionamento um discurso sobre o Haiti que é similar ao discurso da mídia televisiva no pós-terremoto. O mesmo pode ser verificado em muitos outros trabalhos acadêmicos, como é o caso de Faria (2012, p. 16) que generaliza os imigrantes haitianos quando afirma que “essas pessoas, de forma geral, buscam melhores condições de vida longe de seu país de origem, que é o mais pobre do continente americano”. E, de acordo com a mesma autora (2012, p. 64) “os haitianos continuaram a sustentar o título de população mais pobre das Américas”.

Todavia, temos nos inquietado diante desses posicionamentos. Isso não acontece diante dos dados que apresentam a vulnerabilidade econômica em si, pois os autores mencionados utilizam como fundamentação os sensos fornecidos por instituições idôneas, nossa crítica se justifica numa tentativa de não utilização dos estereótipos que foram construídos.

Foucault (1984) considera que vivemos em uma sociedade “que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm poderes específicos”. Nesse sentido, o autor (1984) afirma que “a produção de discursos "verdadeiros" (que mudam incessantemente) é um dos problemas fundamentais do Ocidente”. Considerando o caráter volátil desses discursos construídos em torno da produção midiática sobre o Haiti, não compreendemos que o subdesenvolvimento naquele país possa ser entendido como um “título” de “país

mais pobre das américas” o que encontramos em muitos escritos acadêmicos, como é o caso de Faria (2012, p. 16 e 64) e King e Sutter (2012, p 64).

Diante disso, adotamos como a válida a proposição sobre o estereótipo conforme elucida Bhabha (1969, p. 110) no sentido de que o estereótipo é um “modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo, exigindo não apenas que ampliemos nossos objetivos críticos e políticos, mas que mudemos o próprio objeto da análise”.

Thomaz (2010) escreve em um de seus artigos que estava hospedado no Haiti com uma equipe de alunos pesquisadores e vivenciou a grande tragédia propiciada pelo terremoto de 2010. O que foi vivenciado pelo autor e sua equipe não apareceu nas televisões e nos sites da web. Havia um caos, morte e dor eram reais. No entanto, os sobreviventes garantiram a continuação da vida ajudando-se mutuamente e procurando reestabelecerem-se. Não, não havia matança entre si, como apareceram nos noticiários. O que o grupo via era uma ordem moral e social organizada entre os pares visando o bem comum.

> À noite, pela internet, percebemos que estávamos imersos no show da ajuda humanitária. Falava-se de milhões de dólares, dos aviões que chegavam cheio de coisas, de remédios, de médicos, de tendas, de água. Não víamos nada. A ajuda internacional não se vê, não se come, não se bebe, só se escuta. No terceiro dia, voltamos a andar horas, horas e horas pela cidade. Escutamos helicópteros. Não há distribuição de nada. Não vemos nenhum carro da ONU ou de qualquer organização internacional. Havia saques, sim. Mas não eram as gangues: eram pais de família, homens, mulheres e crianças que entravam nos supermercados destruídos. Não conseguimos reconhecer nas ruas as cenas que surgiam na imprensa internacional à qual tínhamos acesso via internet. Violência? Onde? Um jornal falava de corpos sendo dispostos na forma de barricadas. Havia, sim, montanhas de corpos. E aqueles que os dispunham não tinham outra expectativa que a de vê-los recolhidos. Não vimos nenhum médico estrangeiro. Vimos, sim, médicos haitianos atendendo os feridos, enfermeiras haitianas cosendo pessoas nas calçadas, sem nenhum tipo de analgésico. Os corpos continuaram expostos, às dezenas, apodrecendo (THOMAZ, 2010, p. 28)

E assim, contrapondo as informações que chegavam ao nosso conhecimento, percebemos que pouco sabíamos sobre o Haiti. Esse país não se consolidou como nação apenas em 2010, havia um todo histórico que deveria ser explorado para não incorrermos no risco de adotar um discurso taxativo e estereotipado sobre o Haiti.

Rosa (2006, p. 7) diz que “os processos de dominação de Estado e reprodução do poder no Haiti também são desdobramentos lógicos do racismo e do colonialismo, duas grandes categorias estruturantes das relações de poder haitianas”.

> Um legado comum a todo o mundo pós-colonial é a situação de desigualdade em que se encontram grupos historicamente discriminados e desprivilegiados em diversas partes do mundo. Essa desigualdade constrói-se historicamente como desigualdade racializada a partir do século XIX, fundando-se em noções de raça e cor disseminadas, a partir de construtos ocidentais, na África, Américas, Caribe e Ásia. Noções ocidentais de raça fundam também construtos relacionados que desvalorizam identidades e grupos não brancos. Esses grupos sofrem assim discriminação em várias esferas importantes como escola, trabalho e ascensão social (ROSA, 2007, p. 01).

Após o longo processo de emancipação da nação haitiana, os cidadãos haitianos elegeram entre si líderes que em muitos aspectos passaram a reproduzir os mesmos feitos coloniais franceses (BARBOSA, 2015, p. 63; BULAMAH, 2013, p. 210; ROSA, 2006, p. 01). Dessa forma, foram mantidos os privilégios de uma minoria e, em contrapartida, foi destinada ao povo (maioria) a função de manter, através de impostos, a ostentação da elite.

> Decidamos não imitar a Europa e retesemos nossos músculos e nosso cérebro numa direção nova. Tratemos de inventar o homem total que a Europa foi incapaz de fazer triunfar. Há dois séculos uma antiga colônia europeia resolveu alcançar a Europa. E tal foi o seu êxito que os Estados Unidos da América se converteu num monstro em que as taras, as doenças e a desumanidade da Europa atingiram dimensões espantosas (FANON, 1968, p. 273).

Fanon (1968, p. 273) reflete sobre os males provocados pela herança colonial às sociedades que estão em processo de descolonização e faz também um apelo, um chamado a procurar uma direção nova. Todavia, essa nova direção política não é tão acessível o quanto possa parecer.

Após a revolução que culminou na independência da nação haitiana, o país passou por uma sucessão de acontecimentos políticos que foram direcionando sua economia para a situação atual em que se encontra o Haiti.

> O terremoto já foi incorporado na história do Haiti: há um “antes” e um “depois”. Como há um “antes” e um “depois” da ocupação americana, da ditadura do clã Duvalier, do Coup d’État. O Haiti é um país de história, a qual foi ignorada e jogada no ostracismo nos últimos duzentos anos (THOMAZ, 2011, p. 281).

Quando procuramos entender os desdobramentos históricos nos âmbitos políticos e econômicos no Haiti, percebemos que as interferências estrangeiras, desde a ocupação americana à recente presença de tropas para a chamada “missão paz” têm se mostrado ineficaz e contraditória para o avanço da nação (PIERRE-CHARLES, 1990, p. 183; SCHMIDT, 1995, p. 11).

> Os Estados Unidos “saíram” em 1934, todavia deixaram suas marcas profundas no Haiti e em sua sociedade, além do plano econômico, a criação da Guarda Nacional – que daria o apoio necessário para François Duvalier implantar uma ditadura e impedir, entre outras coisas, a entrada do socialismo. A segunda marca foi a construção da ideologia do haitiano como um bárbaro. Essa construção de uma falsa imagem do povo haitiano como “bárbaro”, devido às suas crenças, seu modo de vida, sua visão de mundo, enfim, pela sua cultura, constitui, talvez, o maior e mais duro golpe contra o Haiti (COTINGUIBA, 2014, p. 69).

O que Cotinguiba (2014) escreve sobre a história e a identidade do Haiti são argumentos plausíveis para a discussão que levantamos nesta seção. Desde a expulsão dos franceses aos dias atuais, além dos desarranjos provocados por lideranças nacionais aliadas dos EUA, a nação haitiana tem sobrevivido às muitas interferências estrangeiras o que dificulta o processo de reestruturação econômica e material do país.

Destarte, resgatamos os argumentos de Fanon.

> Nesses países pobres, subdesenvolvidos, onde, segundo a regra, a maior riqueza margeia a maior miséria, o exército e a polícia constituem os pilares do regime. Um exército e uma polícia que - outra regra que é preciso não esquecer - são aconselhados por peritos estrangeiros. A força dessa polícia e o poderio desse exército são proporcionais ao marasmo no qual está imerso o resto da nação. A burguesia nacional vende-se cada vez mais abertamente às grandes companhias estrangeiras. À custa de prebendas, o estrangeiro obtém as concessões, os escândalos se multiplicam, os ministros enriquecem, suas mulheres se transformam em cortesãs, os deputados se arranjam e não há ninguém, nem o agente de polícia nem o guarda da alfândega, que não participe dessa grande caravana da corrupção (FANON, 1968, p. 142).

E é com Louidor (2013), que encontramos uma reflexão sobre os verdadeiros interesses dos EUA para com o Haiti. Para o autor (2013, p. 19), “os Estados Unidos ocuparam o país caribenho para estender seu imperialismo e o capital estadunidense através da implantação de suas corporações”. E dentre as muitas atitudes visando lucros, sabemos que “a ocupação americana foi acompanhada por grandes expropriações de terras dos campesinos e pela apropriação dos recursos financeiros do Banco Nacional da República do Haiti- BNRH” (LOUIDOR, 2013, p. 19).

Por esse olhar, o Haiti não é “miseravelmente pobre” como evidencia a mídia televisiva e os quantificadores institucionalizados, mas foi empobrecido ao longo dos anos (COTINGUIBA, 2014).

Os itens seguintes, 3.1 ao 3.4, desta seção foram escritos com vistas a observar o Haiti e seus habitantes para além dos apontamentos que são veiculados nos canais midiáticos. Sob esse olhar perpassam a cultura, a sociedade e a economia haitianas, assim como a identificação dos imigrantes para com o país de origem.

Esta seção está relacionada com a hipótese 1 deste trabalho, a saber, o fluxo de mulheres imigrantes haitianas em Porto Velho é parte de um processo socioeconômico e cultural amplo da mobilidade de cidadãos haitianos para os diversos países do mundo.

Os itens 3.3 e 3.4 são parte do registro descritivo que propusemos realizar a partir de uma abordagem etnográfica.

3.1 MOBILIDADE SOCIOECONÔMICA E CULTURAL HAITIANA *X* CATÁSTROFES GEOGRÁFICAS.

> Com isso, não queremos dizer que todas as mulheres sonham e querem partir um dia, entretanto, nem todas elas possuem as condições necessárias (socioeconômicas) para partir ou cumprem com as exigências burocráticas para obter um visto de um país estrangeiro. Há também aquelas que optam permanecer no Haiti por diversos fatores, o que inclui razões pessoais ou familiares.
>
> (HANDERSON; JOSEPH, 2015, p. 27).

Há uma constante bastante divulgada que consiste em explicar a migração haitiana para o Brasil a partir do abalo sísmico ocorrido no Haiti em 2010. Muitos pesquisadores brasileiros inscreveram suas pesquisas na hipótese da migração haitiana para o Brasil a partir das catástrofes geográficas no país de origem, como é o caso de Barbosa (2015, p.21) quando afirma que “o processo migratório do Haiti para o Brasil se desencadeou após o terremoto que atingiu aquele país, em 12 de janeiro de 2010”.

É certo que o terremoto causou prejuízos materiais e fez um elevado número de vítimas interferindo, assim, diretamente nos quesitos sociais e econômicos do país (KING; SUTTER, 2012; THOMAZ, 2010). Entretanto, sabemos que a imigração haitiana é anterior ao terremoto (HANDERSON, 2015).

Cotinguiba (2014, p.32) considera que “tanto o governo quanto as fontes jornalísticas têm tratado essa imigração de forma reducionista, justificando-a como fruto do terremoto que arrasou a capital daquele país, Porto Príncipe, em 12 de janeiro de 2010”. De acordo com o autor, os motivos são vários, tais como crise política interna, poucas perspectivas de trabalho e violação dos direitos humanos.

Os precedentes históricos da ilha, direcionam nossa análise para uma reflexão sobre a mobilidade[14] haitiana como um processo socioeconômico e cultural

[14] O termo mobilidade internacional haitiana usado nesta dissertação tem uma correlação com a tese de doutoramento de Joseph Handerson. Essa teoria proposta por Handerson, 2015, explica que a mobilidade haitiana pode ser compreendida a partir de quatro grandes fluxos migratórios que ocorreram no Haiti em períodos diferentes.

que engloba valores sociais, econômicos e familiares. Essa compreensão é reforçada pelas palavras do professor haitiano e Dr. em Antropologia Social, Joseph Handerson.

> Desde a fundação do Haiti como colônia, a mobilidade- mesmo tendo sido forçada- esteve presente com a vinda dos milhares de escravizados africanos através do comércio transatlântico. Posteriormente a peculiaridade e o contexto singular da luta pela independência- entre 1793 e 1803- coincidente com a libertação dos escravizados, teria constituído uma nova cultura de *maronnagge*, de mobilidade e de migração (HANDERSON, 2015, p. 67).

Assim considerando, descartamos a tese da imigração haitiana explicada unicamente a partir dos fatores geográficos porque tal explicação não responde a contento os nossos questionamentos sobre os motivos pelos quais as mulheres haitianas decidiram vir para Porto Velho, bem como os questionamentos que temos sobre o perfil socioeconômico e cultural das mulheres imigrantes haitianas em Porto Velho.

Handerson (2015) descreve, em sua tese doutoral, a trajetória de mobilidade de algumas mulheres haitianas. Dentre as mulheres citadas como exemplos, há os casos de Jinette e Fanfan cujo perfil familiar ilustra o processo da mobilidade cultural no Haiti.

> Desde 1991, a mãe de Jinette reside em Paris e o pai, num vilarejo próximo à Fonds-des-Nègres. Ela possui duas irmãs maternas e paternas mais velhas. Uma delas reside em Cayenne e a outra em Paris, mas, antes, ela morava também na Guiana. (...) os quatro sobrinhos nasceram em Cayenne, um deles mora atualmente na China. Através da genealogia, é possível observar que a família dela está espalhada pelo mundo como tantas outras famílias haitianas (HANDERSON, 2015, p. 289).

Assim como a família das mulheres Jinette e Fanfan, outras tantas famílias no Haiti são marcadas pela mobilidade. Essa cultura de migração assimilada pelas pessoas no interior de suas famílias é reforçada também por motivos socioeconômicos como um meio de reforçar a economia familiar e, sobretudo, a economia do próprio Haiti.

A migração de trabalhadores não é um evento fortuito e não é, muito menos, um fenômeno social acidental. Sabemos que as políticas migratórias dos países

interferem diretamente nesse processo. No caso da migração haitiana para o Brasil, houve uma série de atitudes e medidas tomadas pelo governo brasileiro dentre as quais se destaca por sua repercussão, a Resolução Normativa n. 97. Cotinguiba e Pimentel (2014, p. 80), consideram que essa medida política não só regulariza a situação de muitos imigrantes haitianos no Brasil, como também reforça os argumentos daqueles que afirmam uma migração motivada exclusivamente pelo terremoto.

> A tese da migração haitiana para o Brasil motivada pelo terremoto encontra seu principal argumento em um documento estatal, a Resolução nº 97, publicada pelo governo brasileiro no dia 12 de janeiro de 2012, exatos dois anos após o sismo. Esse documento, inédito por sua natureza, outorga, pela primeira vez na história brasileira, o Visto por Razões Humanitárias a estrangeiros. Ademais, essa legislação só se aplica, dentre todos os estrangeiros, aos haitianos. Em seu Parágrafo Único, o documento diz que "consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010" (COTINGUIBA; PIMENTEL, 2014, p. 80).

Outros fatores como a divulgação das grandes construções civis, que ocorreram no Brasil na última década (anos 2000-2016) em virtude dos jogos da copa do mundo e as construções de usinas hidrelétricas em rios amazônicos, também contribuíram para que algumas pessoas haitianas desenvolvessem interesse em migrar para o Brasil. Porque isso significava uma maior segurança com relação ao emprego e a subsistência (COTINGUIBA; PIMENTEL; BAENIGER, 2017).

Seria, no mínimo, superficial considerar que as mulheres que deixaram o Haiti o fizeram somente por causa do terremoto de 2010 e as demais catástofes geográficas que o país enfrentou. Vários estudos[15] desenvolvidos pelo grupo de pesquisas MIMCAB- Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira- têm comprovado que o perfil socioeconômico dos imigrantes haitianos é de pessoas com

[15]Dentre os estudos mencionados, destacamos Samora (2015) que analisou os discursos das mídias virtuais, buscando as regularidades discursivas presentes nos textos veiculados sobre o processo imigratório dos haitianos ao Brasil.

um histórico de migrações internacionais anteriores ao terremoto ocorrido no Haiti em 2010 (SAMORA, 2015; RIBEIRO, 2016; COTINGUIBA, 2014).

No início do mês de outubro de 2016, o Furacão Matthew passou por algumas cidades haitianas. Esse fenômeno não só causou grandes prejuízos materiais para o país, como também o recolocou no cenário midiático internacional. Haja vista que há apenas seis anos o país resistiu o grande abalo sísmico que foi um dos fatores agravantes para arruinar a economia do Haiti.

Assim, ainda que não seja a causa única, consideramos que os desastres geográficos somados aos demais fatores de ordem política e social, contribuem para que se reforce o processo cultural da mobilidade internacional de cidadãos haitianos em busca de novas perspectivas econômicas.

3.2. OS “PAPÉIS” ECONÔMICOS E SOCIAIS DA MULHER NO HAITI

De acordo com Schiller (2000, p. 119-122), ao longo da história, com relação à importância política no cenário nacional, as mulheres haitianas obtiveram grandes conquistas. Segundo a autora, até 1950 elas não possuíam o direito ao voto, foram declaradas legalmente incapazes até 1979 e apenas a partir de 1987 que as casadas adquiriram o direito de possuir propriedades. E, embora estejam presentes nas narrativas populares sobre a formação do estado haitiano, as mulheres eram vistas como capazes de reproduzirem uma nação apenas em conjunto com os homens haitianos. Um exemplo disso é que até bem pouco tempo se uma cidadã haitiana se casasse com um homem estrangeiro, esta perdia a sua cidadania e os filhos decorrentes desse casamento não eram considerados, portanto, haitianos (SCHILLER, 2000, p. 119-122).

Ao longo do processo histórico da emancipação da mulher, as haitianas foram conquistando direitos e assumindo responsabilidades que dantes eram consideradas exclusivas dos homens. Hoje, as mulheres são donas de um espaço privilegiado na sociedade haitiana. Um espaço conquistado e mantido diariamente às custas de trabalho e dedicação tanto à família como à economia do país (SCHILLER, 2000).

Para Handerson (2015), elas movimentam financeiramente a casa, os filhos e o mercado. Algumas delas estão inseridas no comércio ambulante de frutas, legumes e demais utilidades alimentícias e não alimentícias (HANDERSON, 2015; THOMAZ, 2010).

> Dentre as comerciantes, algumas são revendedoras, as chamadas madan sara, que pulam de mercado em mercado. Por exemplo, compram alguns produtos em Fonds-des-Nègres para vender no mercado Croix-des-Bossales em Port-au-Prince onde permanecem dois a três dias na casa de parentes ou amigos emigrados à capital há algum tempo. Antes de voltarem ao local onde residem, elas compram outros produtos como cosméticos e de higiene para vender no mercado de Fonds-des-Nègres. As madan sara fazem vaivém, as suas peregrinações recomeçam cada semana. (HANDERSON, 2015, p.285).

De acordo com o autor, o termo *madan sara* refere-se às comerciantes haitianas que transitam, vendendo e comprando, entre vários mercados em escala regional, nacional e internacional. Elas representam a maioria, quando comparada aos homens, nesse tipo de comércio ambulante no Haiti. Dentre os itens vendidos pelas *madan saras* está a comida caseira (*machann manje*) tal como o *Quincaille* ou *kenkay*. Assim, Handerson (2015) afirma que “quanto mais *pratik* (clientes) uma comerciante possui mais vende, e consequentemente, mais dinheiro ela arrecada”. Nesse sentido, para que as mulheres tenham bons rendimentos lucrativos com o comércio, é preciso cativar os clientes tanto ofertando produtos de qualidade como tratando-os com presteza (HANDERSON, 2015, pp. 27 e 28).

Thomaz (2010, p. 25), em consonância com a definição dada por Handerson (2015) diz que.

> As *madanm sara* são as comerciantes que garantem a oferta de produtos de boa parte dos mercados de Porto Príncipe. Conectam a capital com as regiões rurais do país e são responsáveis até mesmo por circuitos existentes entre o Haiti e a República Dominicana, os Estados Unidos e o Panamá.

O próprio Thomaz registra em seu artigo a importância das *madanm sara* para a manutenção da vida após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010.

> Não havia medo. As *madanm sara* seguiram expondo seus produtos pelas calçadas: hortaliças, frutas, espaguete. Não tinham medo de roubo, não eram protegidas por ninguém em especial, mas sim por regras sociais que definem o que é certo e o que é errado (THOMAZ, 2010, pp. 29; 30).

> Nas calçadas, as mulheres responsáveis pelo *chen janbe* preparavam panelões de comida: banana verde cozida ou frita, arroz e feijão, galinha. Quando no segundo dia após o grande terremoto, no *Champs-de-Mars*, aproximei-me e pedi quinze porções de galinha, houve grande alvoroço, pois nem sempre se pede tal quantidade de comida. Era difícil que apenas uma cozinheira desse conta do pedido, e logo as mulheres se organizaram para providenciar as porções: cada uma sabia quantas galinhas havia dado, quantas bananas, e quanto do dinheiro cabia a cada uma. Andei os vinte minutos do centro até a casa onde estava com quinze porções de galinha, em meio à multidão e cruzando com fileiras de corpos nas calçadas. Não fui atacado, sequer ameaçado (THOMAZ, 2010, p. 37).

O que Thomaz (2010) observou diz respeito ao significado que tem a ação das mulheres comerciantes para a manutenção da sociedade haitiana. Mesmo em meio à desordem provocado pelos escombros do terremoto, havia uma espécie de lei moral que imperava entre os clientes e as *madanm sara*. Os supermercados em ruínas eram saqueados para alimento das famílias desabrigadas, no entanto, as mulheres não sofriam nenhuma forma de ameaça por parte da população.

> Havia uma auto regulação pautada pela honra e pelo respeito. Se os saques ocorreram nos supermercados destruídos, as *madanm sara* vendiam com certa tranquilidade nas ruas da capital e de *Pétionville.* Quando a polícia aparecia era para defender a propriedade dos grandes atacadistas que, por sua vez, estavam, eles mesmos, armados: as *madanm sara* não precisavam da polícia. Temiam-na (THOMAZ, 2010, p. 37).

Somadas às *madan saras* e às demais trabalhadoras locais, há aquelas que decidiram migrar para outros países. Elas enviam remessas resultantes de suas economias para ajudar no sustento dos familiares e amigos (SCHILLER, 200). Para Etienne, uma de nossas interlocutoras haitianas,

> migrar é uma decisão que deve ser tomada com cautela porque nem sempre você pode levar seus filhos e isso é muito ruim, mas se você fica, você precisa de dinheiro para cuidar dele e eu estava desempregada no Haiti.

É possível observar, por esse comentário, o desafio vivido pelas mulheres que são mães no momento de deixar o país. Por um lado, a necessidade de estar fisicamente próximas dos filhos, por outro, a precisão de alimentá-los, pagar escola, comprar roupas e demais itens imprescindíveis. Ademais, como bem observam Joseph e Handerson (2015, p. 25) “no Haiti, o ato migratório é visto como um progresso social, isto é, um status no mundo social haitiano”.

Verificamos em nossa pesquisa que, embora algumas mães vivam longe dos filhos, a família é uma prioridade para as mulheres haitianas. E, mesmo distantes, essas “mães” enviam mensalmente o dinheiro resultante de suas economias para a família que permaneceu no Haiti. Essa ação parece “justificar” para elas (mães e famílias), de alguma forma, a decisão por estar longe. O mesmo foi verificado por Cazarotto; Mejía (2017, p. 180). De acordo com as autoras, “quando começam a falar de suas vidas, remetem-se logo aos vínculos com membros de família mais próximos que se encontram no país de origem, em relação aos quais sentem obrigação moral de ajudar a mantê-los economicamente”.

Schiller (2000, p 130 *apud* De Wind, 1987) afirma que “um grande número de haitianos que emigram envia dinheiro para o Haiti”. No entanto, de acordo com a autora, “as mulheres enviam mais, já que as haitianas têm responsabilidades básicas sobre os filhos”.

Assim considerando, a mulher haitiana é de suma importância para a educação familiar e acadêmica dos filhos e filhas. De acordo com Rosa (2007, p. 79) a figura da mulher apresentada como “guardiã do lar e da nação encontra cada vez mais contestações por parte de feministas haitianas, que frequentemente denunciam o caráter “imaginado” da produção destas imagens de pureza, devoção e submissão da mulher haitiana”. Todavia, ainda segundo a autora (2007, p. 79), “essa representação é poderosa no imaginário dos interlocutores haitianos”. O mesmo foi verificado em nossa pesquisa de campo. Embora o pai auxilie econômica e moralmente a mãe no processo de educação dos filhos, estes afirmaram (nos casos

analisados por nós) que suas mães são as principais motivadoras do sucesso que porventura alcançam com o projeto migratório.

Lafarrière (2011) relata com minúcia de detalhes os gestos maternos, a preocupação das mães em disponibilizar recursos para a formação acadêmica dos filhos, o sabor da comida preparada pela mãe e pelas demais mulheres da família e a constante preocupação destas sobre o que o filho (imigrante que retorna ao Haiti para passar férias) comia enquanto esteve longe do aconchego familiar. É possível perceber nesta obra do autor o papel significativo das mães com relação aos cuidados dos filhos. Ainda que *País sem chapéu*, livro de Lafarrière (2011), seja notadamente um livro de memórias com passagens fictícias mescladas às lembranças do real, consideramos válidas as descrições femininas contidas na narrativa pois estas estão em consonância com autores teóricos, tais como Schiller (2000); Handerson (2015); Rosa (2007) e evidenciam parte do imaginário que o escritor construiu coletivamente sobre as mulheres e sobre o próprio Haiti.

Adeline, 23 anos de idade, fez o seguinte relato em língua portuguesa (e com bastante fluência vocabular).

> Rozi, você sabe, eu ainda não consegui uma vaga para medicina aqui no Brasil, mas eu vim aqui para estudar/ Eu estava matriculada na faculdade no Haiti então minha mãe juntou todas as economias da família para eu estudar no Brasil/ Só que esse dinheiro só pagou as passagens e a instalação/ Eu fiz 3o Enem no ano passado (2014)/ Não consegui bom resultado/ Vou tentar, eu quero ser médica formada aqui. É o sonho da minha mãe para mim e é meu também. /.../ Eu chorei muito quando o resultado saiu/ Muito, porque eu deixei minha faculdade no Haiti e eu ainda não estou estudando aqui/ Você sabe, querida?

As mulheres que deixam o Haiti em busca de trabalho, encontram uma realidade frustrante com relação ao projeto migratório que elas haviam estabelecido para si mesmas, porque as oportunidades remuneradas surgem no campo dos trabalhos domésticos, tais como cuidadoras de crianças e idosos, lavadeiras e afins.

> Esse sentimento de frustração e de decepção deve ser compreendido pelo fato que elas tinham um status social no Haiti e na República Dominicana, tinham empregadas domésticas nas suas casas, levavam uma vida de “*gwo limena*” (mulher bem sucedida) e de “*gran fanm*” (literalmente, grande mulher, no sentido das condições socioeconômicas e de uma vida bem sucedida), como

> diria Yolette. No Brasil, por sua vez, elas se tornaram empregadas domésticas (HANDERSON; JOSEPH, 2015, p. 29).

Ainda assim, com todas as incertezas e frustrações, a migração feminina é considerada como uma alternativa para o desemprego no Haiti. Cada vez mais, mulheres haitianas deixam o país natal em busca de trabalho no exterior.

3.3 SABORES E LEMBRANÇAS DO HAITI

Foto 6: Eu, Roziane Jordão, recebendo orientações sobre a culinária do Haiti com as imigrantes Laurent e Adelia. Crédito nosso, março de 2015, Porto Velho, Rondônia.

Em muitos momentos nas rodas de conversas que tivemos com as imigrantes que participaram desta pesquisa, o assunto foi a culinária do Haiti. Primeiro, porque se tratava de uma temática introdutória, um assunto sobre o qual as mulheres

falavam sem restrição; depois porque era também de nosso interesse saber sobre as comidas típicas do Haiti que eram mais apreciadas pelas imigrantes, uma vez que nossa abordagem em campo se fez de forma etnográfica; e também considerando que uma das nossas questões iniciais da pesquisa é saber qual o perfil socioeconômico e cultural das mulheres imigrantes haitianas em Porto Velho, no sentido de abrandar o estranhamento diante da cultura[16] haitiana, muitas vezes tida como desconhecida da sociedade portovelhense.

O estranhamento, conforme argumenta Bhabha (1968, p. 29) “é a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais”. Por esse caminho, considerando as iniciações extraterritoriais e interculturais que são estabelecidas a partir das tentativas de inserção da mulher haitiana nos cenários culturais portovelhense, é razoável que os sabores, as texturas e as cores dos alimentos típicos do país de origem são de grande valor para as mulheres haitianas em Porto Velho, funcionando também como uma espécie de ligação afetiva com a terra natal.

Bhabha (1968, p. 29) considera que “estar estranho no lar não é estar sem-casa”. Embora as mulheres imigrantes vivenciem situações de estranhamento em Porto Velho, elas não estão deslocadas totalmente.

> Deve-se garantir que o conhecimento da diferença cultural exclua o Outro; a diferença e a alteridade tornam-se assim a fantasia de um certo espaço cultural ou, de fato, a certeza de uma forma de conhecimento teórico que desconstrua a "vantagem" epistemológica do ocidente. (BHABHA, 1968, p. 59).

“Não, madam, você não saber! Aqui não encontra esse gosto em nenhuma restaurante, é um gosto difelente que só tem no Haiti”, afirmou Stephanie quando sugerimos que ela fizesse uma comparação entre o prato que acabara de descrever e alguma comida brasileira. Esse “gosto difelente que só tem no Haiti” por muitas vezes se repete nas alocuções das mulheres haitianas nas rodas de conversas. De acordo com o Bhabha (1968, p. 59) “tendo-se aberto o abismo da diferença cultural, um mediador ou metáfora da alteridade deverá conter os efeitos da diferença”.

[16] A cultura, no sentido aqui proposto, compreende um reservatório do que de melhor cada sociedade possui (de saber e de pensamento), não deixando também de ilustrar o que de pior ela constrói, como as ideologias justificadoras de dominação, preconceitos étnicos e religiosos, estigmas, etc. De certa forma, a cultura deve ser avaliada como uma fonte de identidade, onde se pode perceber os perfis de um povo (SANTANA 2003, p. 16).

Nossa terceira pergunta de investigação visa explorar quais desafios são encontrados pelas imigrantes na execução do projeto migratório que estabeleceram para si mesmas em Porto Velho. Assim posto, consideramos o desafio das mulheres imigrantes de manter, em Porto Velho, uma alimentação que esteja em consonância com as preferências culinárias que tinham no Haiti. Embora alguns ingredientes sejam específicos do Haiti, as mulheres migrantes em Porto Velho não deixam de preparar seus pratos haitianos preferidos. De acordo com uma das nossas interlocutoras, é preciso selecionar e testar os ingredientes a fim de substituir o que não é possível encontrar no Brasil por outros similares.

Foto 7: Imigrantes preparando pratos tradicionais da culinária haitiana. Crédito nosso, março de 2015, Porto Velho, Rondônia.

Ainda sobre a comemoração da festa da Bandeira Haitiana em Porto Velho, as imigrantes prepararam vários pratos da culinária caribenha para os convidados. A partir desse evento, pudemos verificar que há uma lei implícita que rege o preparo

dos alimentos. O diálogo entre elas, as risadas descontraídas e o “espírito” de solidariedade imperaram no ambiente durante todo o procedimento (ver foto 5). Naturalmente, consultavam-se entre si sobre as medidas de condimentos e o preparo das refeições. E, embora houvesse mais homens que mulheres na festividade, apenas as mulheres se dispuseram em ajudar umas às outras na cozinha. Sugerimos que fosse convidado algum homem para contribuir com as tarefas e as mulheres prontamente recusaram. “Não é pleciso, professér, nous não queremos garçon nan cuisine”, afirmou a mais idosa do grupo de mulheres.

Além do arroz e da maionese tradicional haitiana, foram servidos os pratos *banann fri*, *Fritay*, *Pikliz* e *Tchaka*.

> Fritay: Vem da palavra fri, significa fritos, refere-se a uma comida tradicional haitiana de certos alimentos fritos. Ela é composta por banana da terra, isto é, banana verde, marinad (uma bolinha de farinha temperada), acra (aipim frito), griot (carne de porco frita), tassot (carne frita) ou frango, todos esses componentes fritos. Essa comida é servida com pikliz, salada feita com uma mistura de repolho picado, cenouras e outros vegetais bem apimentados. No Haiti, geralmente, fritay é vendido na rua, por mulheres chamadas machann fritay, vendedoras de fritay (HANDERSON, 2015, p. 25).

A banann fri (banana frita) é um dos aperitivos que contam com maior índice de aprovação entre os gostos culinários das migrantes que entrevistamos. Para preparar esee prato tradicional do Haiti, é imprescindível seguir o que foi transmitido pelas avós e pelas mães. Até estar pronto para ser servido à mesa, o alimento passa por várias etapas de preparação. A seleção das bananas e a retirada da casca exige um cuidado minucioso, pois é necessário garantir que esta saia o máximo inteira possível para ser usada no momento de modelar os “bolinhos” (ver foto 8).

Foto 8: Imigrante haitiana preparando a *Banann Fri* tradicional. Crédito nosso, março de 2015, Porto Velho, Rondônia.

Ao providenciar os detalhes para o preparo dos pratos que foram servidos no evento, verificamos que a mulher haitiana é dona de um espaço muito significativo em cada família. Cozinhar para familiares e amigos não significa apenas alimentá-los fisicamente. Ao falar sobre a gastronomia do país natal, as mulheres se emocionam: os sabores, as texturas, as lembranças, tudo, parece constituir um elo muito forte entre elas e o Haiti.

> A realidade vivida no âmbito do gênero representa a subjetividade e a construção de representações sociais, fases da vida social, individual e familiar, classificações econômicas (de trabalho), religiosas, sociais. Alguns autores dizem que são as mulheres que humanizam a memória genealógica, pois lhe dão função expressiva, de necessidade emocional, sentimentos e ligações

> entre pessoas; refletem certa ausência da noção de tempo (TEDESCO, 2014, p. 211).

Verificamos que os pratos preferidos no país natal, quando preparados no Brasil, conotam lembranças agradáveis sobre tudo o que ficou para trás e encerram em si a continuação das tradições alimentares haitianas.

3.4 O HINO NACIONAL E A BANDEIRA HAITIANA COMO SÍMBOLOS IDENTITÁRIOS DO HAITI.

Pour le drapeau,
Pour la patrie,
Mourir est beau!
Notre passé nous crie:
" Ayez l'âme aguerrie".
Mourir est beau
Pour le drapeau,
Pour la patrie!

Foto 9: Os músicos imigrantes haitianos Roger (trompestista) e Lavaud Gustelia (trompetista e trombonista) em uma execução sinfônica do Hino Nacional do Haiti na festa de comemoração da Bandeira haitiana. Crédito nosso (Universidade Federal de Rondônia-PROCEA), março de 2015, Porto Velho, Rondônia.

Silva (2009) considera que “no caso das identidades nacionais, é extremamente comum, por exemplo, o apelo a mitos fundadores”. Assim, o autor afirma que “é necessário criar laços imaginários que permitam ligar pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum sentimento de terem qualquer coisa em comum”.

> Juntamente com a língua, é central a construção de símbolos nacionais: hinos, bandeiras, brasões. Entre esses símbolos, destacam-se os chamados "mitos fundadores". Fundamentalmente, um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heroico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura "providencial", inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. Pouco importa se os fatos assim narrados são "verdadeiros" ou não; o que importa é que a narrativa fundadora funciona para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia (SILVA, 2009).

Observando as mulheres migrantes haitianas em Porto Velho, constatamos que, mesmo estando em um país geograficamente distante do Haiti como o é o Brasil, é possível para elas e os demais conterrâneos, manterem o respeito e a admiração pelos símbolos oficiais do país natal. Algumas datas representam muito, tais como o Dia da Independência (01/01/1804) e o Dia da Bandeira (18/05).

O respeito que os haitianos têm pelas datas comemorativas da nação haitiana também foi observado por Cotinguiba (2014) e Handerson (2015).

> Em um evento realizado em maio de 2013, percebemos a importância de momentos de confraternização e diversão para o grupo. Referimo-nos ao dia 18, data da comemoração do dia da Bandeira, um acontecimento de suma importância histórica e que muito revela da haitianidade, ou seja, o que vimos pode ser descrito como sinônimo de orgulho. Em coro, cantaram durante cerca de cinco minutos o Hino Nacional haitianos com o braço direito dobrado em noventa graus e a mão junto ao peito. Era a rememoração dos fundadores da nação, do povo, a memória dos heróis revolucionários, o momento de externar o símbolo máximo de sua origem, a bandeira enquanto símbolo de orgulho e o que os identifica e os une pelo sentimento diversas vezes expresso e externado pela inscrição nesse objeto simbólico *par excellence* na forma da

> inscrição *l"union fait la force*, ou seja, a união faz a força (COTINGUIBA, 2014, p. 140).

Entretanto, sabemos que essa ligação afetivo-cultural das migrantes com as datas históricas e as festividades do Haiti não significa que elas estejam rejeitando os eventos e festividades culturais brasileiros. Há, mais que isso, uma junção desses valores. Nesse sentido, concordamos com Bhabha (1998).

> Os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas, ou comunidades étnicas "orgânicas" estão em profundo processo de redefinição (BHABHA, 1998, p. 24).

Com as mulheres haitianas em Porto Velho, esse processo de redefinição é constante. Schiller (2000, p. 126) considera que “se as mulheres relutam em retornar ao Haiti como residentes permanentes, isso em si não configura um marco de sua rejeição pelo Haiti ou pelo nacionalismo haitiano”. Para a autora, “os transmigrantes podem fixar-se no exterior e de lá manter ou desenvolver um nacionalismo apaixonado a longa distância”. Nesse sentido, verificamos em campo que as imigrantes, mesmo estando no Brasil, mantém devoção pelos símbolos políticos haitianos.

> O extremismo odioso do nacionalismo sérvio prova que a própria ideia de uma identidade nacional pura, “etnicamente purificada", só pode ser atingida por meio da morte, literal e figurativa, dos complexos entrelaçamentos da história e por meio das fronteiras culturalmente contingentes da nacionalidade moderna. Gosto de pensar que, do lado de cá da psicose do fervor patriótico, há uma evidência esmagadora de uma noção mais transnacional e translacional do hibridismo das comunidades imaginadas (BHABHA, 1998, p.24).

Na oficina “Marchando Unidos: Pró-Haiti”, estava literalmente materializado parte do hibridismo cultural portovelhense diante do contexto das migrações caribenhas para Rondônia. Uma reunião com aproximadamente 200 pessoas (entre homens, mulheres e crianças, migrantes do Haiti e da República Dominicana ou naturais de Porto Velho). Os penteados das mulheres variavam desde tranças cuidadosamente elaboradas (flores na cabeça, coques) aos cabelos soltos e volumosos. As roupas, denunciavam que todas as migrantes haviam selecionado

com muito empenho o que vestir durante o evento. As cores, tanto da decoração improvisada quanto dos tecidos das vestimentas, eram de um colorido plural (azul, vermelho, branco, amarelo e rosa).

Silva (2009) considera que o hibridismo tem uma estrita relação analítica com o processo de produção das identidades nacionais, bem como das identidades raciais e étnicas. Hibridismo aqui compreendido como define o próprio autor (2009) “a mistura, a conjunção, o intercurso enb-e diferentes nacionalidades, enb-e diferentes etnias, enb-e diferentes raças “. De acordo com Silva (2009) “o processo de hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas”. Assim considerando, embora guarde traços das identidades originais, a identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais esta ou aquela e sim uma conjunção de ambas.

Schiller (2000, p.115) considera que “o nacionalismo à distância é uma ideologia de ocupação do lugar apropriado que liga as pessoas que vivem em várias localidades geográficas”. De acordo com a autora, é essa ideologia de ocupação que “motiva ou justifica suas ações em relação a um território ancestral e seu governo”.

Durante as apresentações os idiomas francês, crioulo e português eram intercalados nas falas dos migrantes artistas e dos integrantes do grupo de pesquisa MIMCAB. Concordamos com Hall (2006, p. 11), no sentido de que “na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”.

O imigrante Rosemond, em 2016, fez uma comunicação[17] explicativa sobre a história do Hino Nacional haitiano. De acordo com ele:

> *L'hymne national d'Haïti est la Dessalinienne. Il a été composé en 1904 pour le centenaire de l'indépendance sous le gourvernement de Nord Alexis par deux haïtiens. De étaient les paroles Justin Lhérisson et la musique de Nicolas Geffrard. Il a 5 estrofas: L'hymne Nacional d'Haïtiens deux haïtiens.*

[17] A comunicação de que se trata foi proferida em abril de 2016 por ocasião da oficina temática “Marchando Unidos: Pró-Haiti”. Na ocasião, o imigrante haitiano Rosemond traduziu a letra do Hino Nacional haitiano da língua francesa para a língua portuguesa e explanou os pormenores da história do Haiti.

Assim, sabemos que o Hino Nacional do Haiti, além de uma sonoridade rítmica majestosa (ver anexos 1 e 2), tem uma história de superação dos limites impostos pelo colonizador e de independência. Toda a letra de *La Dessalinienne* é voltada para os atos heroicos de liberdade, ainda que seja preciso morrer por essa liberdade. Nos três primeiros versos da última estrofe do Hino: "*Pour le drapeau/ Pour la patrie/ Mourir est beau!"*, o compositor da letra, Justin Lhérisson, exalta a beleza de uma morte destemida e heroica em favor da bandeira haitiana e consequentemente da liberdade de seus pares.

Notamos que, embora muitas migrantes haitianas em Porto Velho sejam escolarizadas e fluentes na língua portuguesa, nos eventos promovidos pelo grupo de pesquisas MIMCAB em parceria com a Universidade, elas preferiam assumir a posição de ouvintes que participavam com perguntas ou apenas observavam atentamente.

Uma notável exceção ocorreu momentos antes de uma apresentação sinfônica sobre o Hino "La Dessalinienne" no Mercado Cultural de Porto Velho, em abril de 2015. Uma moça haitiana que estava na plateia se apresentou para nós e educadamente disse que iria cantar o hino com a orquestra. Estava previsto que a apresentação seria apenas sinfônica, sem solo, sem coral. Eu havia organizado ensaios sinfônicos com os músicos haitianos há pelo menos trinta dias. Tentamos falar sobre a possibilidade de uma não afinação entre a voz dela (até então desconhecida) e os instrumentos, mas foi em vão, ela estava determinada a participar do momento cívico. Quando os músicos haitianos perceberam que ela realmente estava disposta a cantar, foram veementes ao afirmar que, caso não fosse possível a inclusão da voz como parte da apresentação, eles também não tocariam seus respectivos instrumentos.

Essa atitude firme e decidida da mulher que cantou conosco (com uma afinada dicção!) naquela tarde reflete a postura da mulher migrante haitiana frente aos obstáculos encontrados em suas trajetórias internacionais.

Foto 10: Imigrantes haitianos comunicando sobre os precedentes históricos da Bandeira Haitiana para os participantes da oficina temática “Marchando Unidos: Pró-Haiti”. No plano de fundo, obras de um artista plástico haitiano. Crédito nosso (Universidade Federal de Rondônia- PROCEA), abril de 2015, Porto Velho, Rondônia.

SEÇÃO 4: MULHERES HAITIANAS EM PORTO VELHO, A CONQUISTA DE UM ESPAÇO.

> Analisar a migração sob a perspectiva de gênero não significa apenas que as mulheres devem ser acrescentadas onde estavam faltando. Envolve mulheres e homens e suas relações entre si no domicílio, na comunidade em que estão inseridos e nas relações internacionais
> (PERES, 2013, p. 118).

Foto 11: Mulher imigrante haitiana em Porto Velho faz pose para tirar foto com a rosa que recebeu da professora por ocasião do dia Internacional da mulher, crédito nosso, março de 2016, Porto Velho, Rondônia.

Além da inscrição teórica para a imigração de mulheres haitianas, neste trabalho, sentimos a necessidade de atentar também para os desafios de ordem prática enfrentados pelas mulheres antes, durante e pós-viagem para o Brasil. Até

chegar ao destino, Porto Velho, as imigrantes que entrevistamos passaram por várias etapas de preparação para a viagem. Durante a estadia delas no país, sociedade de acolhida, são inúmeras as situações de adaptação pelas quais essas mulheres passam diariamente.

Nesta seção consideramos os motivos pelos quais as mulheres haitianas decidiram vir para Porto Velho, os desafios encontrados pelas imigrantes e a consequência destes para a execução do projeto migratório, bem como buscamos dados sobre as trajetórias das imigrantes que permitam discorrer sobre a inserção social dessas mulheres em Porto Velho no que diz respeito às expectativas construídas por elas em torno do projeto migratório que estabeleceram para si mesmas.

Verificamos ao longo desta seção a aplicabilidade da hipótese de que os preconceitos étnicos, raciais da sociedade de acolhida para com as imigrantes e as ocorrências abusivas de poder que se estabelecem nas relações de gênero se configuram como desafios para o sucesso do projeto migratório das mulheres haitianas em Porto Velho.

Sherley, que é solteira e acaba de completar dezoito anos, veio para Porto Velho desacompanhada dos pais. Ela nos contou parte de sua trajetória. Ela nasceu no Haiti e antes de completar cinco anos mudou com seus pais para a República Dominicana e depois para a Espanha. Após algum tempo, a família voltou para o Haiti e, recentemente, Sherley veio só para o Brasil com a esperança de se estabelecer em companhia de alguns amigos da família que haviam migrado para o Brasil no ano anterior (2014).

> Sabe, Rozi, tem uma rivalidade entre los haitianos e os da República Dominicana. Eles não entendem que a gente estava defendendo eles, o governo estava protegendo eles, mas desde esse tempo tout eles tiveram inimigos do Haiti. Não foi fácil morar lá tout esses anos. As mulheres se acham mejores e pensam que as haitianas são de cabelos com tranças e são feias. Eu sou haitiana e cresci ouvindo isso, mas não vou falar sobre isso.

As relações entre os haitianos que moram na República Dominicana com os naturais do país são marcadas por ideologias políticas e partidárias ao longo dos anos. Há também que se pensar no quesito social e estético que obedecem a certas leis implícitas de comportamento. Embora existam casais que extrapolam essa

máxima, há uma rejeição (muito mais social que física) dos homens da República Dominicana para com as mulheres haitianas no que diz respeito a oficialização do casamento (ROSA, 2007).

A trajetória de migração de Sherley e sua família é uma história de deslocamentos. Vir para o Brasil desacompanhada dos pais não se mostrou uma missão impossível para a jovem que já havia passado por outras experiências migratórias, inclusive na Espanha onde aprendeu a falar com fluência o espanhol.

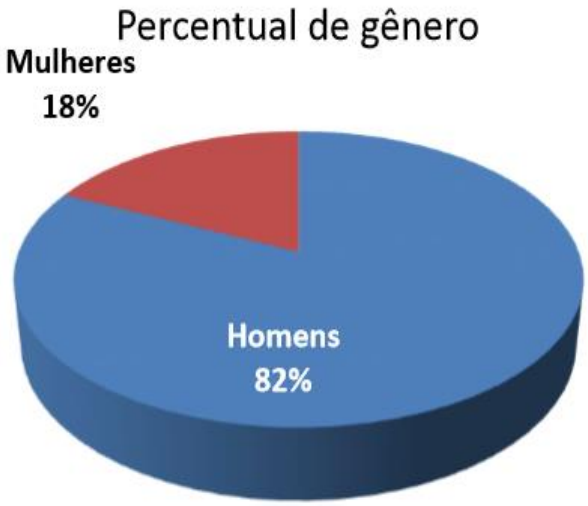
> Você elogia meu português. Eu tenho poco tempo aqui, mas como disse, morei na Espanha e aprendi o espanhol. Para mim, foi mais fácil aplender porque acho algunas palavras bem conecidas. Os meus pais ficaram com medo. Eu estou confiante, vou encontrar um bom emprego e depois eu quero estudar na faculdade.

A trajetória de Sherley é similar em alguns aspectos às trajetórias de outras imigrantes que chegaram em Porto Velho. Dentre as mulheres que nos concederam relatos, os países citados como lugares que moraram antes de vir para o Brasil foram Equador, República Dominicana, Guadalupe e França.

Embora tenhamos encontrado, com facilidade, trinta migrantes em Porto Velho para responder nossos questionários, os números indicam que as mulheres haitianas são minoria em Porto Velho quando relacionadas ao quantitativo de imigrantes homens. Os dados coletados por Cotinguiba e Pimentel (2015) confirmam que as imigrantes haitianas formam uma minoria feminina, comparada com a grande quantidade de imigrantes homens que já passaram por Porto Velho. De acordo com os pesquisadores,

> Esse levantamento indica uma migração predominantemente masculina, o que a entendemos sob dois aspectos. Um no âmbito do trabalho e o outro uma medida estratégica, isto é, o homem tem mais possibilidade de encontrar trabalho e de maneira mais rápida que a mulher, especialmente em áreas como no ramo da construção civil. Após mais de dois anos em campo percebemos que impera uma moral entre os haitianos em relação a esse aspecto, a de que é dever do homem prover economicamente o sustento do lar. E não podemos ignorar o fato de que essa é uma constante em processos migratórios em busca de novas oportunidades por meio do trabalho (COTINGUIBA; PIMENTEL, 2015, p.195).

Gráfico 1: Percentual de gênero dos 173 imigrantes entrevistados nos anos de 2011-2013.



Fonte: Cotinguiba (2014, p. 117).

Reconhecemos que o quantitativo de mulheres imigrantes do Haiti em Porto Velho é inferior ao quantitativo de homens da mesma categoria. Todavia, ressaltamos que no cenário mundial os dados oficiais apontam uma crescente presença feminina entre os imigrantes internacionais (CASTRO, 2006; DUTRA, 2012, 2013a, 2013b; PATARRA, 2006; PERES, 2013).

> Atualmente, as mulheres representam quase a metade do total mundial de migrantes internacionais – são 105 milhões de mulheres migrantes – chegando inclusive em alguns continentes a ultrapassarem a quantidade de homens migrantes. Apesar delas contribuírem com a redução da pobreza, injetando recursos nos seus países de origem cujas economias lutam por desenvolver-se, só recentemente a comunidade internacional começa a reconhecer o significado de sua atuação, tanto para suas famílias, quanto para suas comunidades e países (DUTRA, 2013, p. 102).

Cazarotto; Mejía (2017, p. 175) também consideram que “apesar de ser uma população predominantemente masculina, a migração de haitianas para o Brasil tem aumentado no decorrer do tempo”. Cada vez mais, mulheres haitianas buscam o Brasil como uma opção de rota para a imigração.

Cazarotto; Mejía (2017, p. 172) afirmam também que “as haitianas (...) não manifestam sinais de autonomia, se por autonomia se entende a capacidade de agir

e de decidir sobre suas vidas de maneira independente de seus companheiros". Para as autoras (2017, p. 172), na pesquisa que realizaram com as imigrantes haitianas em Taquari o perfil das mulheres imigrantes haitianas "destoa de situações que apontam o empoderamento das mulheres em decorrência da migração". Nesse sentido, Cazarotto e Mejía consideram que "a migração não as liberta das repressões familiares, como se observa nas relações entre casais".

Entretanto, em nossa pesquisa com as imigrantes haitianas em Porto Velho, verificamos que, embora muitas delas estivessem desempregadas quando concederam entrevistas, com o dinheiro proveniente de seus trabalhos, as mulheres pagavam suas próprias despesas (tais como aluguel, comida, transporte, roupas), enviavam remessas em dinheiro resultantes de suas economias para o Haiti e cogitavam a ideia de poupar fundos monetários para investir em suas próprias formações acadêmicas.

Um dos principais projetos para Bianca é ver a filha, Laurent, formada em medicina por uma das faculdades brasileiras. Em uma tarde do dia 28 de junho de 2016, enquanto preparavam *confiture* de abacaxi, mãe e filha nos participaram um pouco de suas expectativas e relataram parte de suas trajetórias como imigrantes. O pai de Laurent vive na República Dominicana há alguns anos e Bianca migrou do Haiti para a Guiana Francesa e daí para o Brasil. Eles deixaram Laurent na companhia de parentes no Haiti e ambos enviavam dinheiro para que a filha pudesse se manter. Hoje Laurent já possui a maioridade e migrou para o Brasil a fim de cursar medicina. Como ainda não foi aprovada no vestibular (ENEM), Laurent se empregou como caixa em um supermercado e se dedica aos estudos nos dias de folga. Em setembro de 2016, Bianca migrou novamente, dessa vez em direção aos EUA e deixou a filha no Brasil. De acordo com ela, o salário em Porto Velho não era suficiente para manter a família no Haiti e pagar a faculdade da filha. "Você sabe, Santo Deus! Não posso deixar ela sem estudar. Vou fazer o que eu puder para que ela seja médica". Diz Bianca ao falar sobre os motivos pelos quais decidiu migrar novamente.

As trajetórias de Bianca, da sua filha Laurent e de muitas outras migrantes que conhecemos em Porto Velho circulam pelos espaços sociais transnacionais haitianos, pois, estando em situação de diáspora no Brasil, Laurent reside e trabalha

em Porto Velho, mantém uma relação de interdependência com a mãe nos EUA, o pai na República Domicana e os demais amigos e familiares que ficaram no Haiti.

Cazarotto e Mejía (2017, p. 180) afirmam que “as haitianas não se inserem nos espaços sociais do país que as acolheu, nem procuram fazer amizades com brasileiras”. Nesse aspecto, as mulheres com as quais realizamos nossa pesquisa não se enquadram na afirmação das autoras. Isso se considerarmos como “espaços sociais” o local de trabalho, estabelecimentos comerciais, hospitais públicos, igrejas, escolas e afins.

Diferentemente de Cazarotto e Mejía (2017, p. 180) afirmamos que as imigrantes haitianas em Porto Velho estão acessíveis ao diálogo amistoso para com as brasileiras. Muitas situações que vivenciamos em campo com as interlocutoras haitianas demonstrava o interesse delas pela manutenção dos laços de amizades. Não foram poucas as vezes que recebemos ligações (via celular) das imigrantes com o intuito apenas de perguntar se estávamos bem, se nossa família estava bem e como havia sido o nosso dia de trabalho.

Outra observação importante sobre a disposição das imigrantes em se inserir nos espaços sociais é a participação delas no curso de língua portuguesa para imigrantes oferecido pelo grupo de pesquisas MIMCAB.

Todavia, concordamos com Cazarotto e Mejía (2017, p.180) no sentido de que “elas têm bastante dificuldade de inserção”. Entretanto, a dificuldade encontrada pelas imigrantes não é uma questão de indisposição dessas mulheres. As dificuldades residem no campo ideológico dos preconceitos étnicos e raciais da sociedade de acolhida para com as imigrantes, assim como a partir das ocorrências abusivas de poder que se estabelecem nas relações de gênero.

Em Porto Velho, as imigrantes do Haiti enfrentam situações de desconforto com relação à profissão, pois muitas delas não conseguem uma vaga no mercado de trabalho com profissão equivalente à profissão que exerciam no Haiti (JOSEPH, 2011, 2015). Nos encontros semanais que tivemos com as imigrantes, por exemplo, descobrimos que duas das participantes eram formadas em enfermagem no Haiti e aqui, no Brasil, estavam trabalhando em estabelecimentos comerciais por causa da burocracia necessária para a convalidação dos diplomas.

Dentre os desafios que se apresentam às imigrantes, está o preconceito étnico e racial, seja pessoalmente ou virtualmente. Nos encontros semanais que realizamos ouvimos narrativas de denúncia e resistência. Accoune, 20 anos, disse:

> Quando abri o Messenger, vi que uma pessoa me dirigia várias ofensas sobre a cor da minha pele e o motivo de eu estar aqui /.../ ela me disse que o terremoto que ocorreu no Haiti é insignificante perto do que ela deseja que aconteça com os haitianos /.../, sei que eles se aproveitam do terremoto para sujar a imagem do Haiti, mas isso não, não me incomoda e não me machuca, porque já sei quem sou.

O assédio feito pelo internauta à mulher haitiana se configura, nas relações de poder, como reflexo de um sistema colonial. A esse respeito, Fanon (1968, p. 212) afirma que “por ser uma negação sistematizada do outro, uma decisão furiosa de recusar ao outro qualquer atributo de humanidade, o colonialismo compele o povo dominado a se interrogar constantemente: Quem sou eu na realidade? ”. Ainda que seja inadmissível e considerado crime virtual, essa prática de racismo inconsequente e xenofóbica é uma realidade que as imigrantes amargam. Enquanto pesquisadoras, orientamos que o caso fosse denunciado às autoridades competentes.

Um dos homens imigrantes do Haiti, o qual chamaremos aqui de forma fictícia pelo nome de Pierre, disse-me:

> Professora, eu sei que você está fazendo um trabalho com as mulheres do meu país, quero que fale sobre mim para elas, eu precisa muito de uma mulher para sexo, porque a minha esposa ficou no Haiti e eu vou demorar muito para ir de novo para casa.

Após receber a mensagem de Pierre, eu o informei de que o trabalho que estávamos realizando com as imigrantes não era voltado para a temática de encontros sexuais entre parceiros e que eu não poderia ajudá-lo de forma alguma nesse assunto, porque tudo o que conversávamos com as mulheres nas rodas de conversas não poderia ser usado para outra finalidade que não fosse a pesquisa. Como resposta ele disse: “não se preocupa, professora, se ela veio sozinha para aqui, ela também está precisando de um homem”.

Eu disse para Pierre que poderíamos falar sobre o assunto ao fim da aula de língua portuguesa que eu ministraria para os imigrantes no próximo sábado. Conforme combinado, conversamos e eu soube que, para ele, era inadmissível ver que as mulheres de seu país estivessem sozinhas e desempregadas no Brasil. Ele considerava muito descuido dos pais e irmãos dessas mulheres “permitirem” que elas saíssem de casa sem uma “companhia segura”.

Durante nossa pesquisa, conhecemos muitos outros homens imigrantes e Pierre foi o único que conversou abertamente sobre seu pensamento com relação às mulheres imigrantes haitianas que vieram para o Brasil desacompanhadas de cônjuges. O posicionamento de Pierre é fortemente marcado por ideologias patriarcais nas relações sociais de gênero, ele acredita que um homem imigrante desempregado não está tão vulnerável como está uma mulher nessas mesmas condições.

Em um dos encontros semanais, Adline comentou sobre um assalto de que foi vítima em Porto Velho quando retornava do trabalho ao final do expediente. Ela disse:

> Foi muito desagradável, professora, eram dois homens em uma moto. Eles pararam e tomaram minha bolsa. Um deles disse que era para eu não ficar desfilando na rua que eu não era nem bonita e o outro disse “volta para a África”. Eu me senti muito humilhada, mas não pretendo voltar. Ele não manda em mim.

Adline não registrou boletim de ocorrência policial. Ela disse que tinha medo e vergonha de falar sobre isso com a polícia. “Minha bolsa não era valiosa e não tinha dinheiro, não vou falar de polícia, só falo para você porque você está me perguntando”, concluiu a vítima do assalto.

Embora tenha sentido humilhada diante dos assaltantes, Adline não sentiu confiança em ir até a delegacia de polícia. De acordo com ela os motivos aparentes para sentir-se assim eram “medo” e “vergonha”. Um medo capaz de silenciá-la frente a ocorrência criminosa, porque tudo nessa situação corroborava para que ela sentisse insegurança e inibição. Bhabha (1968, p. 39) considera que as vítimas da violência são também as vítimas de “medos projetados, ansiedades e dominações que não se originam dentro do oprimido e não as prenderão ao círculo da dor”.

> A mulher migrante pode subverter a satisfação perversa do olhar racista e machista que denegava sua presença, apresentando-a como uma ausência ansiosa, um contra-olhar que devolve o olhar discriminatório que nega sua diferença cultural e sexual (BHABHA, 1968, p. 80).

Stephanie vende batatas fritas e salgados em frente a um dos supermercados em uma avenida principal de Porto Velho. Ela falou conosco sobre o relacionamento amoroso que teve com um homem brasileiro.

> Ele disse que queria que eu fosse morar na casa dele e eu decidi que seria bom tentar um novo namoro. Foi bom, nós trabalhar e eu podia guardar meu dinheiro, porque ele pagava as despesas da casa. Até que logo ele perdeu o emprego e começou a ficar muito mal. Ele bebia cerveja no bar todo dia. Nós briga e ele me feriu com uma faca...

Stephanie procurou auxílio na casa de uma amiga brasileira que também é professora. E assim, mesmo bastante abalada com a situação, resolveu seguir com o trabalho em busca de seus objetivos. No relato de Stephanie, é possível identificar a violência doméstica contra a mulher no seu aspecto mais brutal. O agressor chega ao ponto de feri-la com uma faca.

Esses relatos são apenas recortes da realidade, ressaltamos que a rotina das mulheres haitianas em Porto Velho não é padronizada e uniforme, daí a dificuldade em taxar uma constante que seja capaz de abranger a dimensão completa dos desafios enfrentados pelas imigrantes no processo de inserção na sociedade portovelhense.

Muitas mulheres ainda não estão contentes com a situação financeira atual. Sobre o desemprego, Ange Michele disse: “Ah! isso pleocupa bastante, mas não é ploblema para mim, se eu não achar tlabalho aqui, eu vou para o estasiní”. Essa alusão aos EUA, na fala de Ange, corrobora para uma confirmação das teorias sobre a migração de haitianos que têm verificado uma mobilidade humana bastante característica desse grupo (HANDERSON, 2015, p. 67; LOUIDOR, 2013; ROSA, 2006).

Há também aquelas que encontraram um trabalho satisfatório, como é o caso de Yolcie Samenta e de Laurent que disseram estarem muito felizes uma com o novo trabalho de auxiliar de cozinha em um restaurante que serve comidas típicas e

a outra como caixa de um supermercado. Sabemos que encontrar um emprego é um dos muitos objetivos dessas imigrantes que deixaram parte da sua família no Haiti em prol de uma vida mais confortável economicamente.

Os depoimentos que ouvimos de nossas interlocutoras em campo denunciam o quanto a inserção nos diversos domínios da sociedade portovelhense pode ser desafiadora para as mulheres imigrantes. Todavia, reconhecemos que os episódios de assalto, assédio e violência doméstica narrados pelas imigrantes são também vividos pelas mulheres brasileiras. Nesse sentido, nossa constatação evidencia o quanto é precária as condições de sociabilidade no Brasil para as mulheres, sejam elas nacionais ou imigrantes.

4.1. PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS IMIGRANTES HAITIANAS EM PORTO VELHO

É necessário esclarecer que essas mulheres que chegaram em Porto Velho não pertenciam todas às mesmas redes de relacionamentos sociais no Haiti. Estamos falando de mulheres casadas, mulheres solteiras, escolarizadas e não escolarizadas, que moravam no campo ou na cidade, cristãs e não adeptas do cristianismo, mães e não mães, novas ou idosas. Enfim, a característica em comum entre todas é que são mulheres negras e de nacionalidade haitiana que migraram para Porto Velho. Destarte, não seria coerente fazer uma análise que tivesse o intuito de forjar uma constante entre as histórias migratórias dessas mulheres. Não há possibilidade de afirmar que os desafios são maiores ou menores para esta ou aquela, todavia estamos conscientes de que são histórias de vidas interdependentes e plurais.

As nossas interlocutoras voluntárias responderam um questionário semiestruturado (ver apêndice 1) e a partir desse questionário e da observação que fizemos em campo. Fornecemos a seguir dados inerentes ao perfil socioeconômico das 30 migrantes que entrevistamos.

IDADE- ÂGE

A partir das nossas análises e do recorte que fizemos, podemos afirmar que o maior percentual de migrantes haitianas em Porto Velho (nos anos de 2015-2016) está na faixa etária entre dezoito e quarenta anos. Das 30 mulheres que entrevistamos, apenas duas tem acima de quarenta anos, sete delas tem até dezoito anos, outras oito mulheres têm entre 31 e quarenta anos, enquanto a maior parte (13) está entre 19 e 30 anos. Ver gráfico 2.

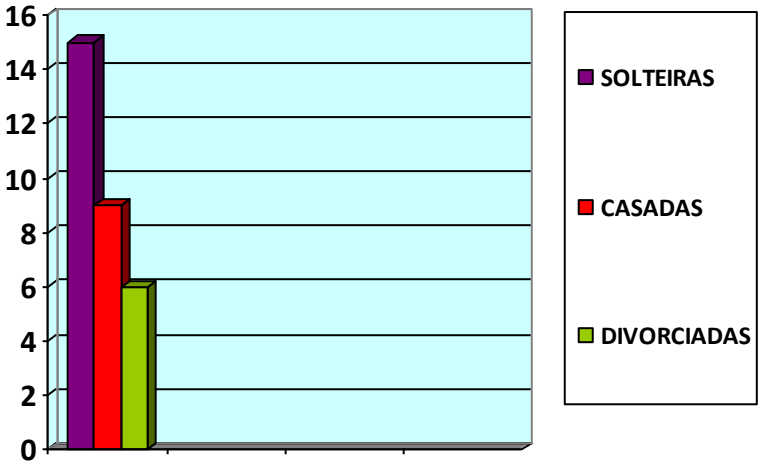
Gráfico 2: Faixa etária das imigrantes haitianas em Porto Velho.

Fonte: nossa pesquisa. Tabulação nossa, 30 imigrantes, dezembro de 2016.

ESTADO CIVIL- ÉTAT CIVIL:

O estado civil das migrantes que entrevistamos revela que 21 mulheres não são casadas, sendo que 15 delas são solteiras e outras 06 são divorciadas. Das 30 mulheres entrevistadas, apenas nove são casadas.

Gráfico 3: Estado civil das imigrantes haitianas em Porto Velho.

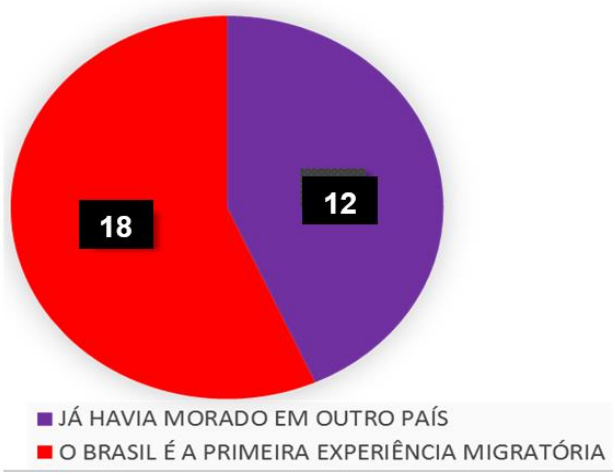


Fonte: nossa pesquisa. Tabulação nossa, 30 imigrantes, dezembro de 2016.

EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS

Nossos levantamentos indicam que 12, das trinta mulheres entrevistadas, já tiveram experiências migratórias em outros países tais como Equador, República Dominicana**,** Guadalupe e França. Enquanto outras 18 tem o Brasil como primeira experiência de migração internacional. Ver gráfico 4.

Gráfico 4: Histórico de experiências migratórias das imigrantes haitianas em Porto Velho



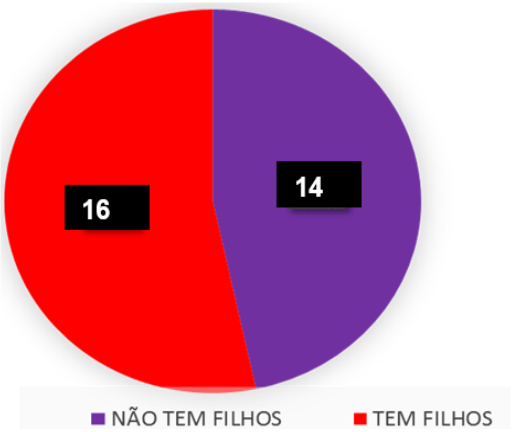
Fonte: nossa pesquisa. Tabulação nossa, 30 imigrantes, dezembro de 2016.

FILHOS

Quando se tem filhos, a decisão de migrar é tomada com cautela. Se esses filhos são menores, as mães (e pais) precisam decidir entre trabalhar fora de casa e deixar os filhos com outra pessoa ou deixar de trabalhar para cuidar dos filhos. Essas decisões fizeram parte das escolhas das imigrantes haitianas que vieram para Porto Velho.

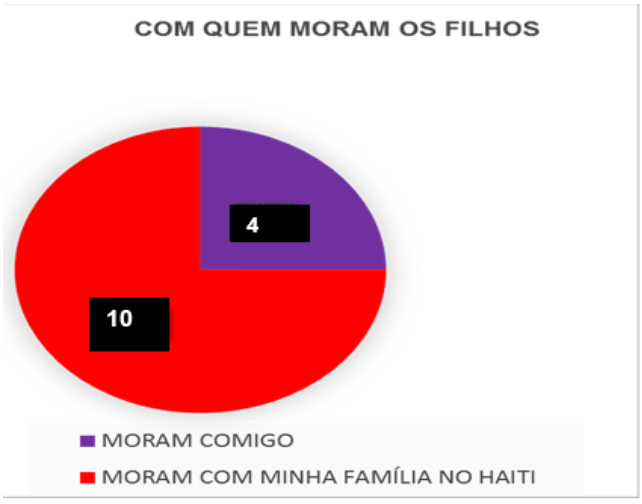
Entre as mulheres que nos concederam entrevistas, 16 tem filhos e outras 14 não tem filhos. E mesmo as que tem filhos, algumas deixaram as crianças com familiares no Haiti. Ver gráficos 5 e 6.

Gráficos 5: A condição de mãe das imigrantes haitianas em Porto Velho



Fonte: nossa pesquisa. Tabulação nossa, 30 imigrantes, dezembro de 2016.

Gráficos 5.1: A condição de mãe das imigrantes haitianas em Porto Velho



Fonte: nossa pesquisa. Tabulação nossa. Quantitativo de 14 mulheres que são mães entre as 30 imigrantes entrevistadas, dezembro de 2016.

COMUNICAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

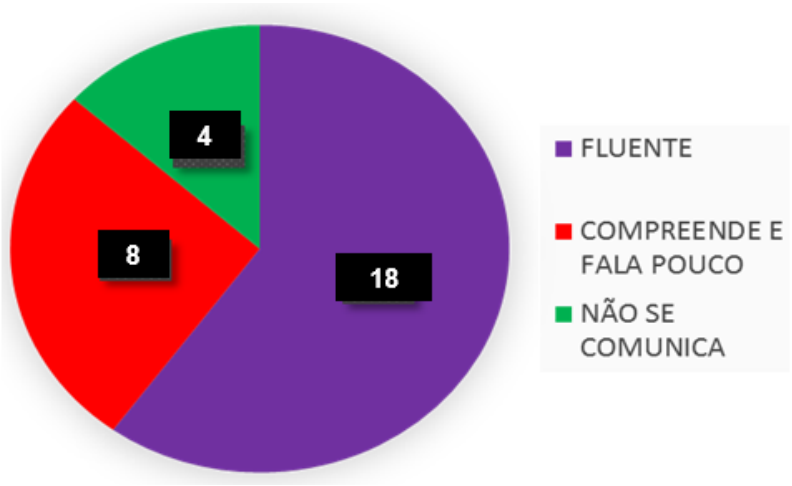
> O fator linguístico também é um elemento importante que permite lançar luz sobre as diferenças e similitudes das dinâmicas migratórias dessas mulheres na França e no Brasil. Boa parte das que vão para França falam francês, mas claro, há exceções daquelas que falam apenas o creole, língua oficial do Haiti. No caso do Brasil, nenhuma delas falava português antes de chegar ao país, mas o fato de algumas falarem espanhol, particularmente aquelas que residiam na República Dominicana ou no Equador antes da vinda para o Brasil, facilitava a comunicação delas no país, bem como a inserção no mercado de trabalho (HANDERSON; JOSEPH, 2015, p. 29).

Como bem observam Joseph e Handerson (2015), as mulheres haitianas que chegaram ao Brasil inicialmente não falavam português. Elas precisaram se organizar e procurar meios de superar essa lacuna comunicativa através do aprendizado da língua portuguesa.

A comunicação em língua portuguesa tem sido um dos pontos mais relevantes para a efetivação dos projetos migratórios das mulheres haitianas em Porto Velho. Assim como observa Duranti (1997, p. 337), “a linguagem está em nós tanto quanto nós estamos na linguagem. Por conectar pessoas aos seus passados, presente e futuro, a linguagem *torna-se* seus passado, presente e futuro”. Neste sentido, só a partir da linguagem é possível uma conexão das imigrantes com o passado (no Haiti), o presente (Brasil- Haiti) e o futuro (Brasil- Haiti).

No recorte que fizemos (30 mulheres entrevistadas), 18 mulheres são fluentes em língua portuguesa, 8 compreendem e falam pouco o idioma e outras 4 não se comunicam em português. Ver gráfico 6.

Gráfico 6: Imigrantes haitianas em Porto Velho e a comunicação em língua portuguesa.



Fonte: nossa pesquisa. Tabulação nossa, 30 imigrantes, dezembro de 2016.

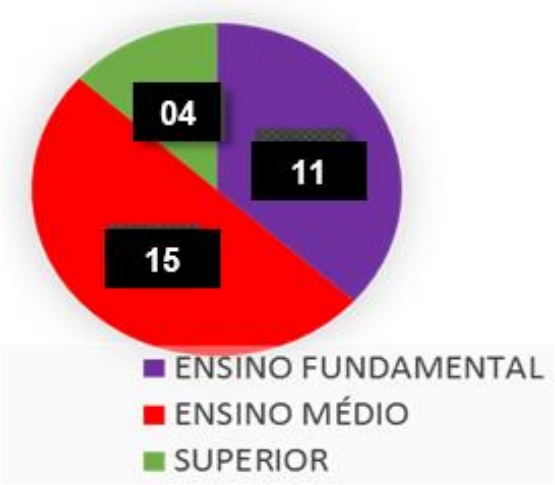
ESCOLARIDADE

No Haiti, assim como em muitos estados do Brasil, ser escolarizado ou não escolarizado é um demarcador de status social e, consequentemente, econômico. Como custa muito caro manter os filhos na escola, apenas as famílias mais abastadas economicamente podem se dar ao luxo de estudar suas crianças. O mesmo ocorre com a língua usada para comunicação.

São idiomas oficiais do Haiti, o francês e o crioulo haitiano, sendo o francês ensinado e usado nos ambientes formais, tais como escolas, assembleias políticas e cartórios; e o crioulo o idioma usado por todos, ricos e pobres, porque é a língua materna, aquela que se aprende em família (PIMENTEL; COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016; RODRIGUES, 2008, HANDERSON, 2015). Assim, se um cidadão haitiano se comunica em francês é bem provável que ele frequenta ou já tenha frequentado a escola ou outros ambientes formais.

Das mulheres haitianas que nos concederam entrevistas em Porto Velho, nenhuma se declarou não alfabetizada. 15 delas concluíram no Haiti o correspondente ao ensino médio brasileiro, 11 disseram ter estudado até o ensino fundamental e outras 4 fizeram cursos superiores. Ver gráfico 7.

Gráfico 7: Escolaridade das imigrantes haitianas em Porto Velho.



Fonte: nossa pesquisa. Tabulação nossa, 30 imigrantes, dezembro de 2016.

Pretty Lisselin, 40 anos, está entre as mulheres haitianas em Porto Velho que cursaram nível superior de ensino no Haiti antes de vir para o Brasil. Ela fez graduação em enfermagem e até o dia em que nos concedeu a entrevista não havia conseguido validar o diploma. Sobre essa situação, ela fez o seguinte relato.

> Eu saber falar poco portiguê. Eu fui na faculdade e não tinha ninguém para falê prá mim em français. Acho que eles não entender meu diploma. Eu não entender o que elle falou par moi. Mas estou estudar portiguê. Vou conseguir meu diploma. Se não dá certo, posso fazer um curso tecnico. Mas tem que falê portiguê primeiro.

Pretty Lisselin é uma das alunas do projeto de extensão, coordenado pela Dra. Marília, que visa ensinar língua portuguesa para os imigrantes haitianos. O desafio enfrentado por ela com relação à validação do diploma e o aprendizado da

língua é um dos grandes entraves no processo de inserção no mercado de trabalho. Até o dia em que falou conosco, ela estava desempregada.

Josette cursou o ensino médio no Haiti e estava matriculada no primeiro semestre da faculdade quando tomou a decisão de vir estudar e trabalhar no Brasil. Ela tem dezenove anos, é fluente em crioulo, francês e português. Em seu relato, Josette disse que estudou em uma das melhores escolas do Haiti.

> Sabe, Rozi, eu vim para o Brasil porque quero ter um diploma do exterior. Embora o Brasil não seja um país tão famoso como os Estados Unidos, eu soube que aqui o ensino da universidade pública é muito bom. Quando eu voltar, quero que minha família veja que deu tudo certo.

Josette é bastante comunicativa e risonha. Trabalha como caixa em um supermercado de Porto Velho e disse que o salário é satisfatório para um primeiro ano de residência no Brasil.

> Eu fui deixar meu currículo e a moça me disse que era preciso fazer uma prova para seleção. Ela olhou prá mim e falou: “só que a prova é em português...”. Eu sorri para ela e disse: “isso não é problema para mim, querida! Obrigada”. No dia da prova eu fiquei um pouco nervosa, eram muitas pessoas que estavam concorrendo a vaga. Fiquei com medo de não conseguir. Hoje já tenho cinco meses no caixa.

O relato de Josette é bastante longo, ela fala sobre se dedicar ao máximo e ganhar uma bolsa de estudos através do ENEM. Parece disposta a levar adiante os seus projetos. O fato de estar empregada com salário mensal é bastante positivo para ela que mora com uma família de amigos e não precisa pagar aluguel.

> É motivo de frustração dos imigrantes haitianos a dificuldade de encontrar vagas em universidades para cursar o ensino superior. O projeto migratório envolve interesses econômicos e educacionais. Querem trabalhar e estudar. A procura por capital educacional está a par do econômico, uma vez que, no Haiti, o conhecimento é um capital fundamental para ascender socialmente. Contudo, no país de origem, o acesso à educação superior é difícil. O custo monetário para estudar em escolas e universidades é alto e as vagas são limitadas (CAZAROTTO; MEJÍA, 2017, p. 172).

A frustação comentada por Cazarotto e Mejía (2017, p.172) também é vivenciada pelas imigrantes haitianas em Porto Velho. Após três tentativas de

inserção pelo ENEM na Universidade Federal de Rondônia, Adelia finalmente conseguiu ser aprovada, todavia, não teve êxito na realização da matrícula uma vez que a imigrante não possuía em mãos alguns documentos comprobatórios da sua escolaridade. Os documentos estavam no Haiti, os valores a serem pagos para que estes chegassem até Porto Velho em tempo hábil eram relativamente altos e os prazos para realização da matrícula encerrariam em breve. Assim, Adelia acumulou pelo quarto ano consecutivo uma não realização do seu principal objetivo enquanto imigrante. Outros dois imigrantes do sexo masculino também foram aprovados e, felizmente, estavam com a documentação exigida para a matrícula. Ambos já iniciaram suas respectivas graduações e obtiveram a conquista de serem os primeiros imigrantes do Haiti em Porto Velho a ingressarem na Universidade.

TRABALHO E PROFISSÃO

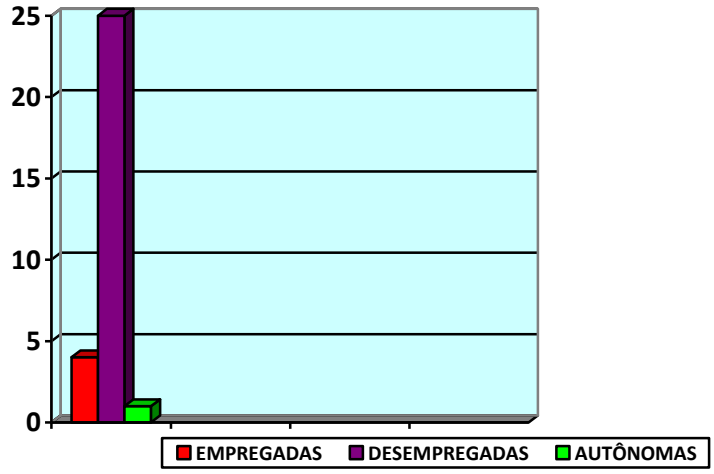
Nos anos de 2015 e 2016, período em que realizamos esta pesquisa, o Brasil atravessa(va) um período de grande instabilidade política e econômica. As pessoas ocuparam as ruas em manifestações pró e contra a presidência. Os jornais televisivos noticiavam, cada um à sua ideologia, o que estava acontecendo em Brasília. Essa grande agitação na política nacional, provocada por diversos grupos opositores entre si, culminou no impedimento da então presidenta, Dilma Rousseff. Assim, a primeira mulher a chegar à presidência do Brasil foi deposta e afastada do cargo. O ato provocou o louvor de uns e a indignação de outros. Esse período conflituoso foi marcado também por altos índices de desempregos.

O desemprego crescente que atingiu os trabalhadores brasileiros também chegou até as mulheres imigrantes que estávamos entrevistando. Algumas, recém-chegadas em Porto Velho, não encontraram sequer um primeiro emprego. Outras, foram demitidas e estavam à procura de novas oportunidades de trabalho. Já aquelas que tinham algumas economias, como é o caso de Brunette, começaram a trabalhar como autônomas.

Todavia, o cenário político-econômico nacional brasileiro não é a única causa do desemprego das mulheres haitianas em Porto Velho. As dificuldades que essas mulheres enfrentam com relação a inserção no mercado de trabalho são muito mais abrangentes e complexas[18].

Nesse contexto, das trinta mulheres que nos concederam entrevistas, 25 estavam desempregadas, uma trabalhando como autônoma fazendo penteados e serviços de manicure, e apenas 4 estavam empregadas, sendo uma delas como caixa em um supermercado, duas como empregadas domésticas e outra como auxiliar de limpeza em um restaurante que vende comidas típicas orientais. Ver gráficos.

Gráficos 8: Emprego e desemprego das imigrantes haitianas em Porto Velho.



Fonte: nossa pesquisa. Tabulação nossa, 30 imigrantes, dezembro de 2016.

Brunette disse que optou por realizar serviço de manicure e fazer tranças em cabelos para não ficar totalmente sem dinheiro. Ela e o marido dividem o pagamento do aluguel da casa em que moram com outra família de imigrantes que mora na mesma casa. Em seu relato, Brunette disse que fazer tranças é uma arte que aprendeu com a mãe. “Ma manman fazia tranças, eli ensinar. Hoje, posso ver no

[18] Ver itens 1.3 e 3.2 desta dissertação

google os modelos", conta. Embora tenha encontrado uma alternativa, Brunette não desiste de procurar um novo trabalho. "Se você saber de algum famile que quer babá, eu posso trabalhar para eli", acrescenta.

Em uma das rodas de conversas que realizamos, sugerimos como motivo para o debate que as imigrantes falassem sobre seus projetos migratórios. As respostas apontavam trabalhar e estudar como principais motivos da viagem. Ver quadros 1 e 2.

Quadro 1: Projetos migratórios das imigrantes haitianas em Porto Velho.

Os seus objetivos estão sendo alcançados no Brasil? Por que? - *Objektif yo yo te reyaze nan pay Brezil? Poukisa? - Ses objectifs sont atteints au Brésil? Porquoi?*	
Interlocutora1	*Objetif mwen yo **se travay nan Brezil** pouma kaps reyalizè rèv mwen.*
Interlocutora 2	*Mwen **pa travay nan Brezil** mwen pa ka voye ni kado owsa lajan an Ayti*
Interlocutora 3	*Mwen pa voye ni kado ni lajon paske onwe **pa travay Brezil** kom mwe poko **travay** safem pap voye kado pouyo men travay (...) voye pou yo poukisa nou mandem sa. Ok mwen **pa nan travay.***

Fonte: nossa pesquisa, dezembro de 2016.

Quadro 1.1: Projetos migratórios das imigrantes haitianas em Porto Velho.

Os seus objetivos estão sendo alcançados no Brasil? Por que? - *Objektif yo yo te reyaze nan pyi Brezil? Poukisa? - Ses objectifs sont atteints au Brésil? Porquoi?*	
Interlocutora 4	Eu vim para o Brasil porque **estudar na faculdade**. Vou fazer medicina. Eu tenho que aprender mais português. É o maior sonho da minha mãe. Eu também.
Interlocutora 5	Eu chorei muito quando saiu o resultado do ENEM. O meu sonho era estar na **faculdade.** Mas eu vou fazer no novo ano.
Interlocutora 6	Eu matriculei meus filhos na **escola.** Eles falar bem rápido português. Eu vou **trabalhar**, mas quero que éli **etude.**

Fonte: nossa pesquisa, dezembro de 2016.

Como se pode observar pelas falas das interlocutoras, ações como estudar e trabalhar estão embutidas nos projetos migratórios delas. E, embora algumas alcancem êxito, há aquelas que estão atravessando momentos de grandes desafios. O desemprego é a causa de não sucesso mencionada nos relatos das interlocutoras 2 e 3 (ver quadro 1). Por não estar trabalhando, elas disseram não poder mandar dinheiro ou presentes para amigos e familiares que ficaram no Haiti. Já as interlocutoras 4 e 5 (ver quadro 1.1) apontam o estudo como principal motivo da viagem e reconhecem que é preciso dedicação para alcançar esse objetivo. Na fala da interlocutoras 6, há uma junção dos objetivos estudar os filhos e trabalhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fluxo de mulheres haitianas que migraram em direção ao estado de Rondônia, Brasil, é fortemente atravessado por deslocamentos em momentos anteriores (CAZAROTTO e MEJÍA, 2017; COTINGUIBA, 2014; HANDERSON, 2015). Deslocamento aqui compreendido como a ação de mudar de um lugar para outro (BECHARA, 2011). Assim, grande parte das mulheres que chegam até Porto Velho já integraram outros fluxos migratórios. E mesmo aquelas que nunca haviam saído do Haiti já tinham experiência com projetos migratórios envolvendo a mobilidade de outras pessoas da família.

Entre as famílias haitianas existe a tradição de migrar para outros países, uma migração parcial, pois parte da família fica no Haiti enquanto um ou mais membros vão para o exterior (HANDERSON, 2015; ROSA 2006, 2007). Essa cultura de migração (ver item 3.1) assimilada pelas pessoas no interior de suas famílias é reforçada também por motivos socioeconômicos como um meio de complementar a economia familiar e, sobretudo, a economia do próprio Haiti.

Nem todas as mulheres no Haiti possuem condições para migrar porque muitas delas não tiveram acesso a nenhum processo de escolarização e, portanto, tem menos oportunidades de integrar os fluxos migratórios (ROSA 2006, 2007). Todavia, isso não quer dizer que todas elas estão excluídas da mobilidade internacional haitiana (HANDERSON 2015). E, embora haja mais homens haitianos que mulheres haitianas em situação de diáspora, há aquelas que conseguem deixar o Haiti em busca de novas experiências migratórias.

Ao chegar em Porto Velho, essas mulheres carecem de um espaço na sociedade, no entanto, a sociedade de acolhida apresenta diversos desafios às imigrantes haitianas. Tanto desafios de ordem prática e burocrática, tais como a comunicação em língua portuguesa e a obtenção de documentos necessários; quanto aqueles desafios que encontram suas origens no sistema colonial e patriarcal da sociedade de acolhida, tais como assédios moral e sexual, preconceitos e estigmas contra a cor da pele e a classe social das imigrantes.

Assim considerando, empenhou-se nesta dissertação, a partir do processo de inserção social das imigrantes haitianas na sociedade portovelhense, explorar os

motivos pelos quais as mulheres haitianas decidiram vir para Porto Velho, bem como traçar um perfil socioeconômico e cultural das mulheres imigrantes haitianas em Porto Velho; e conhecer as expectativas construídas por elas em torno do projeto migratório que estabeleceram para si mesmas.

Para tanto, foi preciso ir a campo estabelecer contato com as mulheres imigrantes. Esse contato foi estabelecido a partir de uma pesquisa de campo com abordagem etnográfica (ver seção 2). Realizar esta pesquisa nos proporcionou uma maior familiaridade com as mulheres imigrantes haitianas em Porto Velho. Durante o período em que estivemos em campo (e também fora dele) foi possível perceber e vivenciar, em muitos aspectos, as dificuldades, as conquistas e os anseios das nossas interlocutoras. Elas têm dificuldades com relação a execução dos projetos migratórios que traçaram para si mesmas, muitas dificuldades, mas também conquistam diariamente a realização de objetivos pessoais e familiares.

A partir da abordagem que fizemos para responder nossas interrogativas iniciais, verificamos que há uma gama de outros questionamentos que devem ser levados em consideração no que tange à inserção social das mulheres haitianas em Porto Velho. Esses questionamentos de que falamos dizem respeito ao processo histórico e cultural da emancipação feminina, tanto no Brasil como no Haiti. Não seria possível tecer considerações sobre a inserção de mulheres haitianas na sociedade portovelhense sem que, antes, tomássemos conhecimento das trajetórias de mobilidade percorridas pelas mulheres negras de forma global.

A análise que propomos e realizamos ao longo deste texto embasa-se levando em conta as postulações teóricas do transnacionalismo, dos estudos pós-coloniais, bem como os estudos sobre as relações sociais de gênero (ver seção 1).

Da teoria da migração transnacional (SCHILLER; BASCH; BLANC-S ZANTON, 1992; SCHILLER; FOURON, 2000; CASTRO, 2006; COTINGUIBA, 2014; HANDERSON, 2015), extraímos conceitos para classificar os sujeitos da nossa pesquisa. Assim, verificamos que as mulheres haitianas em Porto Velho podem ser consideradas transmigrantes, pois mesmo estabelecidas no Brasil mantêm laços estritos e interdependentes com o Haiti, país de origem.

Dos estudos pós-coloniais (FANON, 1968/ 2008; BHABHA, 1998; HALL, 1992; SILVA, 2009; SPIVAK, 2010), buscamos identificar as identidades,

alteridades, subalternidades e relações entre colonizador *x* colonizado que podem ser percebidas a partir da presença das mulheres haitianas em Porto Velho.

Dos estudos sobre as relações sociais de gênero (BANDEIRA; DUTRA, 2015; MEJIA, 2016; PERES, 2013; ROSA, 2007; SCOTT, 1989; STRARHERN, 2006), identificamos as ocorrências abusivas de poder que se estabelecem nas relações de gênero se configuram como desafios para o sucesso do projeto migratório das mulheres haitianas em Porto Velho.

Embora reconhecemos o sucesso da pesquisa e enfatizamos nossas contribuições para os estudos dos processos migratórios de mulheres haitianas a partir da comprovação das duas hipóteses[19] que levantamos ao longo da dissertação, admitimos, de forma positiva, que não conseguimos traçar uma resposta uniforme para os nossos questionamentos. Não é possível responder de uma só vez tudo o que apreendemos. Embora tenhamos delimitado quem seriam os sujeitos da nossa pesquisa, os resultados nos dão conta de que esses sujeitos são plurais entre si. Não há uma afirmativa que seja constante entre todas as imigrantes.

As mulheres cujas trajetórias de mobilidade analisamos são sujeitos que vêm de uma inscrição histórica e social fortemente marcada por ideologias sociais de gênero e raça. Ao chegarem em Porto Velho, essas mulheres encontram um cenário também marcado por processos sociais e ideológicos em andamento que contribuem para uma maior dificuldade com relação à inserção socioeconômica delas. Embora de maneira, às vezes, muito sutis, as haitianas em Porto Velho são envoltas por barreiras provocadas pela atitude das pessoas e das instituições de poder que compõem a sociedade de acolhida. Essas atitudes se configuram, seja pela não aceitação declarada, ou pela não aceitação velada nos processos seletivos de entrevistas para emprego, nas filas de espera em bancos, estabelecimentos comerciais, hospitais públicos e demais pontos de sociabilidade. O que elucidamos ao longo da seção 4 desta dissertação denuncia as mais variadas formas de preconceitos a que foram submetidas as mulheres haitianas em Porto Velho, tanto nas relações afetivas quanto nas relações de trabalho.

[19] Hipótese 1) o fluxo de mulheres imigrantes haitianas em Porto Velho como parte do processo socioeconômico e cultural da mobilidade de cidadãos haitianos para os diversos países do mundo. Hipótese 2) os preconceitos étnicos, raciais da sociedade de acolhida para com as imigrantes e as ocorrências abusivas de poder que se estabelecem nas relações de gênero como desafios para o sucesso do projeto migratório das mulheres haitianas em Porto Velho.

Antes, procurávamos responder se as mulheres migrantes do Haiti se adaptaram às situações de comunicação em língua portuguesa e se foi possível para elas se inserirem no mercado de trabalho e demais locais de sociabilidade da capital de Rondônia. Agora, entendemos que, embora a quase totalidade delas tenham se adaptado às situações de comunicação em língua portuguesa, a comunicação e a qualificação profissional (ver seção 4, item 4.1) não são suficientes para que as imigrantes se insiram no mercado de trabalho portovelhense. Uma prova disso é que apenas 4% dessas imigrantes estavam empregadas quando nos concederam entrevistas.

O desafio da comunicação linguística é apenas um dos entraves que, em muitos casos, já foi contornado. As próprias leis que regulamentam as instituições de ensino dificultam e, em algumas situações, impossibilitam a validação dos diplomas e certificados acadêmicos adquiridos pelas imigrantes em seu local de origem. Assim, se desejam atuar em sua área de interesse essas mulheres precisam percorrer novamente a jornada de formação na academia.

No caso das mulheres mais jovens que estão interessadas em conquistar uma vaga na universidade, as dificuldades de inserção também são muitas e, ao que se mostra pelos resultados obtidos, quase intransponíveis.

Embora, com todas as situações adversas, verificamos uma determinação pessoal que motiva essas mulheres em suas perspectivas e isso faz com que algumas delas obtenham êxito.

REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de; BAENINGER, Rosana. **Modalidades Migratórias Internacionais: da diversidade dos fluxos às novas exigências conceituais.** In: Migração internacional / Rosana Baeninger (Org.). - Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2013.

ALLES, Natália Ledur; COGO, Denise. **MÍDIA E MIGRAÇÃO FEMININA (In) distinções entre trabalho sexual e tráfico de pessoas**. In: Questões de gênero e sexualidade no universo das migrações transnacionais. V2.N2, Brasília: Cadernos OBMigra, 2016.

ARAÚJO, Adriano Alves de Aquino. **Limitações e Estratégias de ação feminina na sociedade haitiana: categorias de articulação/ Interseccionalidades.** In: São Paulo: Revista Agenda Social, 2016. V.9 N.2, ISSN 19819862.

BANDEIRA, Lourdes Maria; DUTRA, Delia. **Estudos de Gênero na América Latina: dinâmicas epistêmicas e emancipações plurais.** In: Brasília: Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, 2015. V.9 N.2, ISSN 1984-1639

BARBOSA, Lorena Salete. **Imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul: uma etnografia de sua inserção no contexto sociocultural brasileiro.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS: 2015.

BASTIA, T., 2014, **La reproducción de las desigualdades de género en origen y en destino: un estudio transnacional a partir de las migraciones bolivianasII, en Papeles del**. CEIC, vol. 2014/2, nº 110, CEIC (Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva), Universidad del País Vasco. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1387/pceic.12982>

BECHARA, Evanildo (organizador). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOROSKI, Marcia. **Os estudos sobre a mulher e os fluxos migratórios nas pesquisas em Comunicação no Brasil.** In: Universidade Estadual de Ponta Grossa: IV Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, 2016. ISSN: 2238 4499.

BOYER, Florence. (2005) **“Le projet migratoire des migrants touaregs de la zone de bankilaré: la pauvreté désavouée”.** Stichproben, Nº 8, Special Issue On African Migrations. Historical Perspectives And Contemporary Dynamics.

BULAMAH, Rodrigo Charafeddine. **O Lakou Haitiano e suas práticas: entre Mudanças e Permanências.** In: Campinas: Temáticas, 2013. 21(42) v.2: 000-000, ago./dez.

CASTRO, J.Y.C. **Ahora las mujeres se mandan solas: migración y relaciones de gênero em una comunidad mexicana transnacional llamada Pie de Gallo.** Tese de Doutorado, Universidad de Granada, 2006.

CAZAROTTO, Rosmari Terezinha; MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria. **O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no brasil.** In: Rio Grande do Sul: Repocs,. 2017. V.14, n.27 jan/jun.

COHEN, R. **Global Diásporas - An Introduction.** London: UCL Press, 1999.

COTINGUIBA, Geraldo Castro **IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL – a relação entre trabalho e processos migratórios.** Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia – Unir/Porto Velho, 2014. Orientador Prof. Dr. Valdir Aparecido de Souza.

_____, Geraldo Castro e PIMENTEL, Marilia. Deslocamento populacional contemporâneo, língua e história: uma contribuição para os estudos sobre a imigração haitiana para o Brasil. In: **Imigração e imigrantes: uma coletânea interdisciplinar.** Salvador: Pontocom, 2015.

_____, Geraldo Castro; PIMENTEL, Marília; BAENINGER, Rosana. **Haitianos na Amazônia- pessoas em trânsito para uma cidade em transformação socioespacial: um estudo de caso em Porto Velho.** São Paulo: XVII Enanpur, 2017.

Da MATTA, Roberto. **Relativizando: introdução à antropologia social.** Petrópolis: Vozes, 1981.

DUANY, Jorge. **Blurred borders:** transnational migration between the Hispanic Caribbean and the United States. Chapel Hill: Univ of North Carolina Press, 2011.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. 398 p.

DUTRA, Delia. **Mulheres migrantes peruanas em Brasília: o trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade.** Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

_____, Delia. **Migração internacional e trabalho doméstico. Mulheres peruanas em Brasília.** Brasília: CSEM; Sorocaba, São Paulo: 2013a.

_____, Delia. **Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho**. In: Revista Inter. Mobilidades. Humana, Brasília, Ano XXI, n. 40, p. 177-193, jan./jun. 2013b.

DUTRA, Delia; COGO, Denise; BADET, Maria (Orgs.). Questões de gênero e sexualidade no universo das migrações transnacionais. **Cadernos OBMigra, V2.N2,** Brasília, 2016.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia: saberes e práticas.** In: **Ciências Humanas: pesquisa e método.** Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A.,1968. (Tradução de José Laurênio de Melo).

FARIA, Andressa Virgínia de. **A Diáspora Haitiana para o Brasil: o novo fluxo migratório (2010-2012)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2012.

_____, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____, Michel. Não ao sexo rei. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005.

GILROY, Paul. **Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça.** São Paulo: Annablume, 2007.

HANDERSON, Joseph. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015. Orientador: Dr. Federico Guillermo Neiburg.

_____, Joseph; JOSEPH, Rose-Myrlie. **As Relações de Gênero, de classe e de raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil.** In: Brasília: Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, 2015. V.9 N.2, ISSN 1984-1639.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1ª edição em 1992, 11ª edição em 2006. 102 páginas, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

HALL, S. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: SOVIK, L. (Org.). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

JACKSON, R. Foreword: locality, globality and popularization of a diasporic consciousness leraning from the haitian case by Nina Glick Schiller. In: JACKSON, R. et. al. (Orgs.). **Geographies of the haitian diaspora.** New York: Routledge, 2011.

JORDÃO, Roziane da Silva. **Narrativas Orais Populares dos imigrantes haitianos residentes em Porto Velho: depoimentos que sobrevivem aos escombros**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Letras da Faculdade Metropolitana de Porto Velho, Porto Velho, 2015.

JOSEPH, Rose-Myrlie. L'eau et les femmes dans la division du travail: de la corvée à l'esclavage domestique. In: Eau et féminismes: petite histoire croisée de la domination des femmes et de la nature. Paris: La dispute, 2011, p. 167-189.

_____, Rose-Myrlie. L'articulation des rapports sociaux de sexe, de classe et de race, dans la migration et le travail des femmes haitiennes. Thèse de doctorat. Université Paris 7 et Université de Lausanne, 2015.

KALY, Alain Pascal. **O Ser Preto africano no « paraíso terrestre » brasileiro Um sociólogo senegalês no Brasil**. Rio de Janeiro: Lusotopie, 2001.

KING, Ananda Melo; SUTTER, Christina. **Vivendo sobre escombros: qualidade de vida no Haiti pós-terremoto**. Ceará: Salud & Sociedad. 2012. ISSN 0718-7475.

LAFARRIÈRE, Dany. **País sem chapéu**; tradução e posfácil de Heloisa Moreira. São Paulo: Ed.34, 2011.

LEIRIS, Michel. **L'Afrique Fantôme.** Paris: Gallimard, 1934.

LOUIDOR, Wooldy Edson**. Uma história paradoxal. In. Haiti por si: a reconquista da independência roubada.** Adriana Santiago (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

MA MUNG, Emmanuel. (2009) **"Le point de vue de l'autonomie dans l'étude des migrations internationales: 'penser de l'interieur' les phénomènes de mobilité".** In: Dureau, Françoise; Hily, Marie-Antoinette (dir). Les mondes de la mobilité. Rennes: Presses Universitaires De Rennes.

MARINUCCI, R. **Feminização das migrações?** Disponível em: <http://www.csem.org.br/pdfs/feminizacao_das_migracoes_roberto_marinucci2007.pdf> Acesso em: 13 set. 2016.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria. **Relato da experiência migratória de mulheres haitianas no sul do Brasil**. Simpósio 67: Discursos, relatos y memorias en torno del transnacionalismo, las migraciones y la etnicidad: 2016. Disponível em: <http://www.ala.iia.unam.mx/memorias/simposios/ponenciasok/67/67.%Relato%20da%experiencia%20migrat%03%B3ria%20de%20mulheres%20haitianas.%20Margarita%20Rosa%20Gaviria%20Mej%C3%ADa.pdf > Acesso em 22/03/17 às 10h 30 min.

NETTO, Waldemar Ferreira. **Tradição Oral e produção de narrativas.** São Paulo: Paulistana, 2008.

PATARRA, Neide Lopes. **Migrações Internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais.** São Paulo: Estudos Avançados, 2006. V. 20, n. 57, p. 7-24.

PERES, Roberta Guimarães. **Mulheres na fronteira: imigração e gênero.** In: Migração internacional / Rosana Baeninger (Org.). - Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp: 2013.

PIERRE-CHARLES, G. Haiti: a crise ininterrupta (1930-1975). In: CASANOVA, P. G. (Org.). **América Latina: história de meio século.** Brasília: Editora da UnB, 1990.

PIMENTEL, Marília Lima; COTINGUIBA, Geraldo Castro; RIBEIRO, Ailton Artur da Silva. **O crioulo haitiano e o seu reconhecimento político.** In: Universitas Relações Internacionais. Brasília, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan/jun, 2016.

RIBEIRO, Ailton Artur da Silva. **Religiosidade e Identidade(s) na Diáspora: por uma Etnografia entre Imigrantes Haitianos em Porto Velho.** Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia – Unir/Porto Velho, 2016. Orientadora Profa. Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba.

RODRIGUES, L. C. B**. Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti.** 2008. 209 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

ROSA, Renata de Melo. **A Construção da Desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais.** In: Brasília: REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, n. 29, 2006.

_____, Renata de Melo. **Xenofobização da mulher negra migrante no processo de construção do feminino em emigração: a migração feminina haitiana em Santo Domingo.** In: REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, n. 29, Brasília: 2007.

SANTANA, Márcio Antônio de. **Literatura e Construção da Comunidade Imaginada Haitiana uma Leitura de Jacques Stephen Alexis e Jacque Roumain** (1915-1971). Orientadora: Prof.ª Dr.ª Olga Cabrera Goiânia: Universidade Federal de Goiás Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, 2003. Tese (Mestrado em história).

SAMORA, Daniele T. **Um recorte do discurso midiático sobre a imigração haitiana na Amazônia:** uma análise das regularidades discursivas. Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia, como requisito para a obtenção de Mestre em Letras. Porto Velho, RO, 2015.

SCHILLER, Nina Glick. **Teorização feminista sobre nação e estado**. Tradução Elizabeth Ramos. CADERNO CRH, Salvador, n. 33, p. 113-142, jul./dez. 2000.

_____, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-S ZANTON, Cristina. **Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration**. Nova York: Annals New York Academy Of Sciences, 1992.

_____, Nina Glick; ÇAGAR, A. **Introduction: migrants and cities.** In: SCHILLER, N.C.; ÇAGAR, A. (Orgs.). Locating Migration: rescalling cities and migrants.. Ithaca-New York-USA: Cornell University, 2011.

_____, Nina Glick; FOURON, Georges Eugene. “Laços de Sangue”: os fundamentos raciais do Estado-nação transnacional. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; CAPINHA, Graça (org.). **Identidades**. São Paulo: Ucitec, 2000.

SCHMIDT, H. **The United States Occupation of Haiti, 1915-1934.** Nova Brunswick: Rutgers, 1995.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history.** New York: Columbia University Press, 1989. Tradução de Cristine Rufino Dabat e Maria Betânia Àvila.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p.17-102.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, 1924. **Pode o subalterno falar?.** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Editora UFMG, Belo Horizonte: 2010.

STRARHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória: temporalidades, experiência e narração.** 2ª ed. São Paulo: UPF, 2014. (Tradução de André Villalobos).

THOMAZ, Omar Ribeiro. **O terremoto no Haiti, O mundo dos brancos e o Lougawou.** Campinas: Novos estudos 86, 2010.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti.** São Paulo: Cadernos de campo, n. 20, 2011.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In. NUNES, Edson de Oliveira. A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

APÊNDICES

APÊNDICE 1- Roteiro de entrevista semiestruturado.

Nº_____. Data: ____/____/____

PERFIL

1 Idade:_____
2 Estado Civil: ( ) solteira ( ) casada ( ) divorciada
3 Você tem filhos? ( )sim ( )não
4 Eles moram com você? ( )sim ( )não
5 Se não moram com você, eles moram com quem? _____
6 Você teve algum filho que nasceu no Brasil? ( )sim ( )não
7 Nível de escolaridade no Haiti: ( ) não estudava ( )fundamental ( ) médio ( )superior, área de formação _____ ( ) outro, qual? _____
8 Está trabalhando atualmente? ( )sim. Qual empresa? _____ ( )não
9 Qual sua profissão no Haiti? _____
10 Qual sua profissão no Brasil? _____
11 Qual era a situação da sua residência no Haiti? ( ) casa própria ( ) alugada ( ) outro. Qual? _____
12 Qual é a situação da sua residência no Brasil? ( ) casa própria ( ) alugada ( ) outro. Qual? _____
13 Em que cidade você morava no Haiti? _____
14 Você já morou em outro país estrangeiro antes de vir para o Brasil? ( )sim. Qual (is) País (es)? _____ ( ) não.
15 Você cosegue se comunicar em língua portuguesa? ( ) sim, com fluência ( ) um pouco. Eu compreendo algumas coisas ( ) não.

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Versão em português)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
PRÓ-REITORIA PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPesq
Tel.: (69) 2182-2172 (69) 2182-2214

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do estudo: A Mulher Haitiana Em Porto Velho, Rondônia: Imigração e Gênero
Pesquisadora responsável: Roziane da Silva Jordão
Instituição/Departamento: Universidade Federal de Rondônia – Mestrado Acadêmico em Letras
Telefone para contato: 69-99346-8839 ou rozianejordao@gmail.com
Local da coleta de dados: Porto Velho, Rondônia, Brasil
Prezado/a Senhor/a:
Você está sendo convidado/a a responder às perguntas deste questionário ou gravadas em áudio de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder às perguntas, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. O pesquisador deverá responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.
Objetivo do estudo: Verificar o processo de inserção social relativa das mulheres haitianas na capital de Rondônia, bem como analisar relatos orais das imigrantes haitianas em Porto Velho e descrever o perfil socioeconômico das migrantes haitianas que residem em Porto Velho.
Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá no preenchimento de um questionário, gravação de áudio, filmagem ou captação de imagem, ou perguntas verbais. Você deve ser informado(a) pelo pesquisador. Pedimos sua autorização para observação e registro.
Benefícios. A pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.
Riscos. O preenchimento do questionário ou a resposta das perguntas não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.
Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelo pesquisador responsável, sob pena da lei se violada. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento (anonimato), mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma. Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas. Porto Velho ____, de _____ de 20___

_____ _____
Assinatura do participante pesquisador responsável

APÊNDICE 3: TCLE (versão em crioulo haitiano)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
PRÓ-REITORIA PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPesq
Tel.: (69) 2182-2172 (69) 2182-2214

Deklarasyon sou Konsantman Gratis epi ki Klè

Tit nan etid: Fi Ayisyèn nan Pòlto Velyo, Wondònya ; Imigrasyon, Sek ak Memwa.
Chèchè yo ki responsab yo: Roziane da Silva Jordão
Enstitisyon / Depatman: Inivèsite Federal de Gouvenman nan Rondonia – Dòktora nan Devlopman Rejyonal yo ak Anviwònman.
Kontakte nimewo telefòn: 69-993468839 rozianejordao@gmail.com
Kote koleksyon enfòmasyon yo: Vil la Porto Velho, Rondonia. Chè Seyè a (Madanm a):
Mwen envite yo pou yo reponn kesyon yo nan sa a kesyonè pou konplètman volontè. Anvan dakò yo patisipe nan sondaj sa a epi reponn kesyonè sa a, li se enpòtan anpil pou ou konprann enfòmasyon an ak enstriksyon ki nan dokiman sa. Chèchè yo ta dwe reponn tout kesyon ou anvan ou deside patisipe. Ou gen dwa pou retire li nan k ap patisipe nan rechèch la a nenpòt ki lè san yo pa penalite ak san yo pa pèdi benefis ou yo ki ou gen dwa.
Vize nan etid la: Tcheke pwosesis la nan entegrasyon soayal sou fanm ayissyen an nan Pòlto Velyo, Wondonya, ak analize kont oral nan imigran ayisyen nan Pòlto Velyo epi dekri pwofil la sosyoekonomik nan imigran ayisyen nan Pòlto Velyo.
Pwosedi. Patisipasyon'w nan rechèch sa a gen ladan sèlman nan ranpli kesyonè sa a, epi filme, fè foto yo, si nesesè eipi kesyon m'ap mande'w repons. Mwen mande'w pèmisyon pou'm ka gade epi anrejistre.
Benefis. Sa a rechèch pral pote plis konesans sou sijè a san yo pa benefis dirèk nan ou.
Risk. Kesyonè a pa reprezante okenn risk pou yo fizik oswa sikolojik pou ou.
Konfidansyalite. Enfòmasyon yo bay la pa w ap gen lavi prive w garanti pa chèchè yo ki responsab. Sijè yo rechèch pa pral idantifye nan nenpòt ki lè, menm lè rezilta yo nan rechèch sa a ap pibliye nan nenpòt ki fòm.
Mwen konprann epi mwen dakò ak sa ki te eksplike pi wo a, mwen _____, dakò yo patisipe nan rechèch sa a pa siyen fòm konsantman sa a nan de fason, ap resevwa posesyon youn nan yo.

Porto Velho____ nan mwa _____ nan 20_____

_____
Siyati patisipan nan

_____
Chèchè Prensipal

ANEXOS

ANEXO 1:

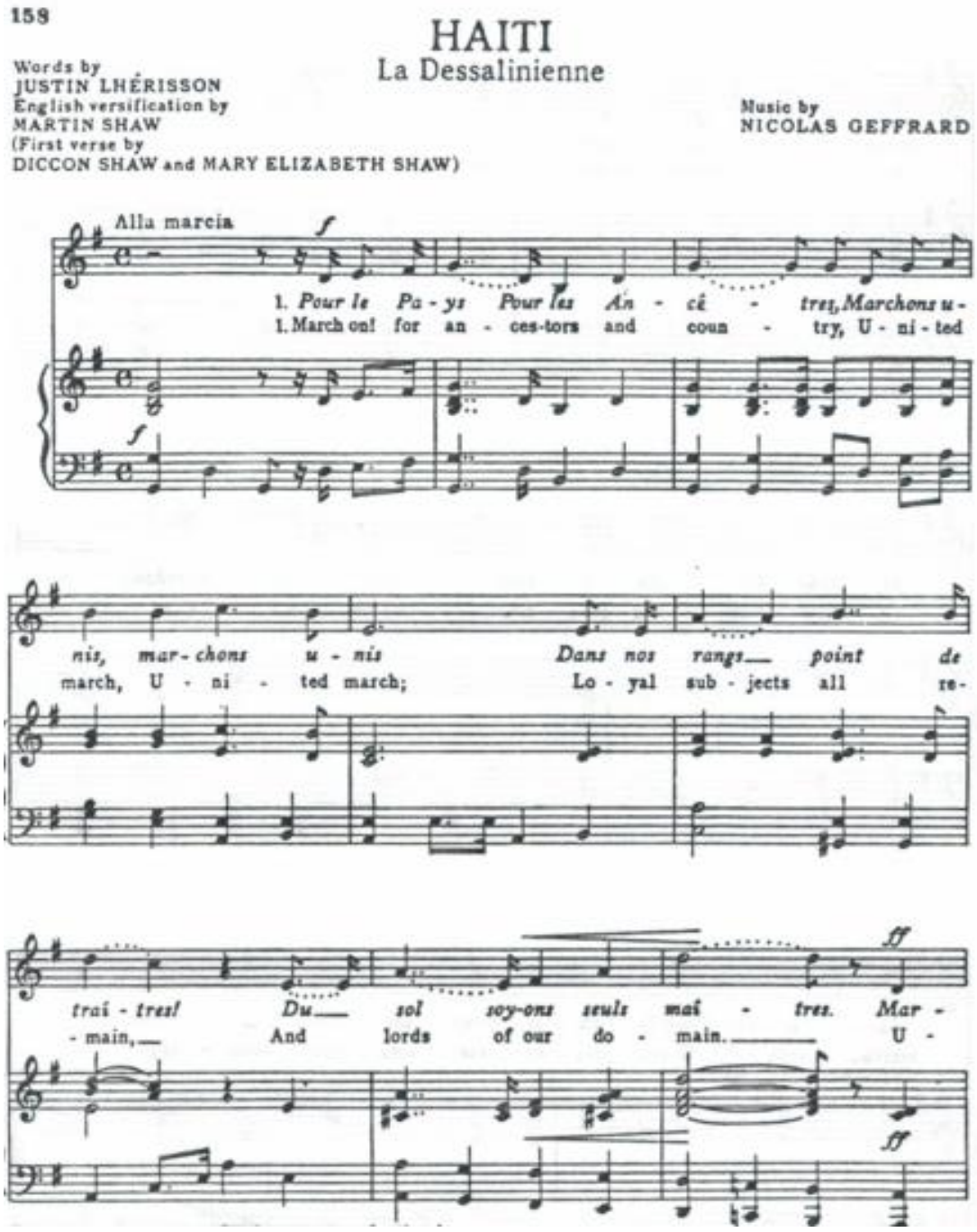


Imagem anexa 1: Primeira parte da partitura do Hino “La Dessalinienne”. Hino Nacional haitiano. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=partitura+la+dessalinienne&aqs=chrome..69i57.18683j0j4&client=ms-android-samsung&sourceid=chrome-mobile&ie=UTF-8> Acesso em 22/11/2016.

Anexo 1.1:

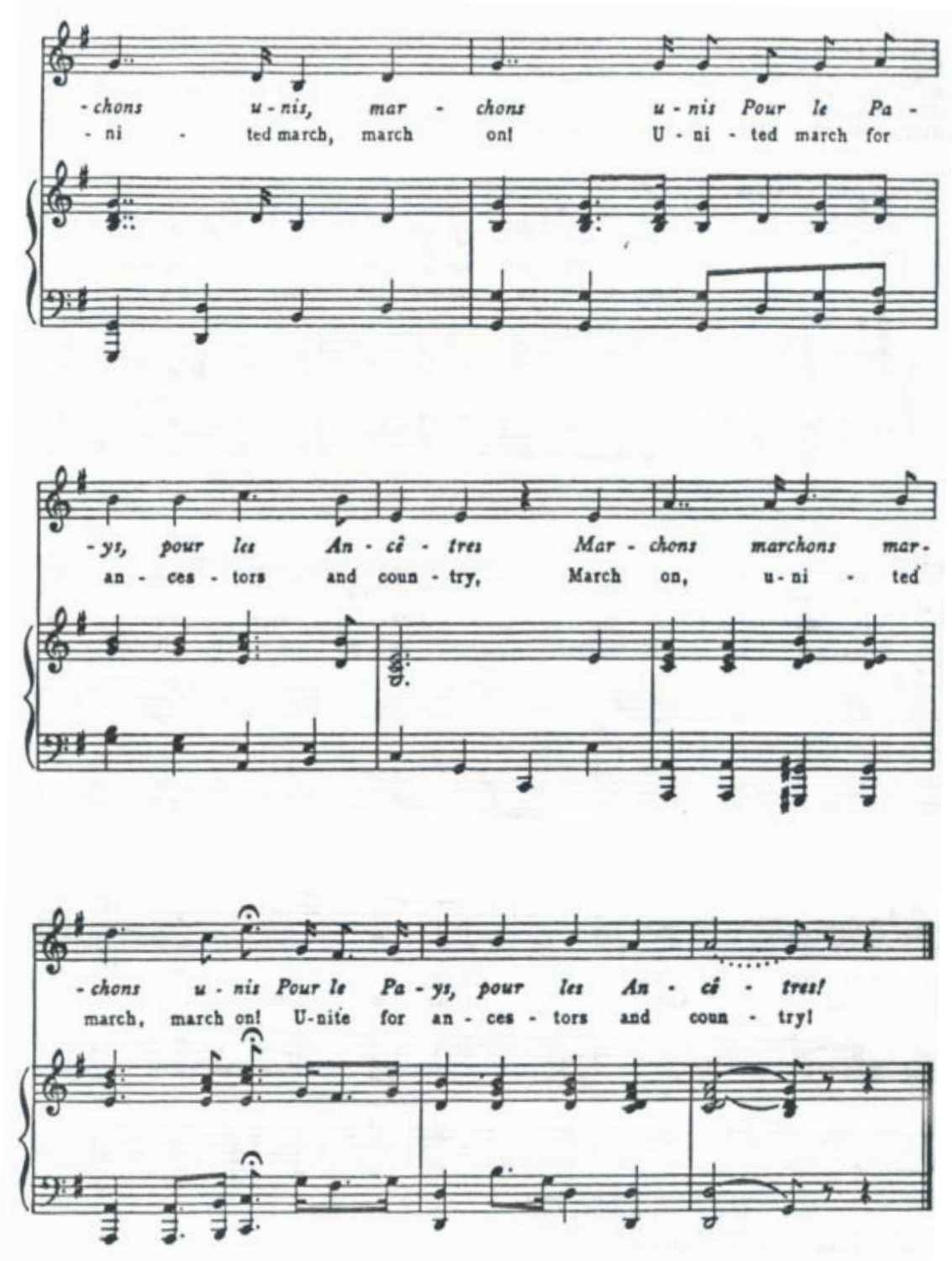


Imagem anexa 1.1: Segunda parte da partitura do Hino “La Dessalinienne”. Hino Nacional haitiano. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=partitura+la+dessalinienne&aqs=chrome..69i57.18683j0j4&client=ms-android-samsung&sourceid=chrome-mobile&ie=UTF-8> Acesso em 22/11/2016.

ANEXO 2: Seleção de imagens com registros da pesquisa em campo.

Imagem anexa 2 e 2.1: Imigrantes haitianos palestram sobre a história e a cultura do Haiti. Crédito nosso (Universidade Federal de Rondônia- PROCEA), março de 2015, Porto Velho, Rondônia.

Imagens anexas 3 e 3.1: Fritay, prato típico da culinária haitiana preparado pelas mulheres imigrantes por ocasião da festa da Bandeira do Haiti. Crédito nosso (Universidade Federal de Rondônia- PROCEA), março de 2015, Porto Velho, Rondônia.

Imagem anexa 4: Imigrante haitiano ensina os passos tradicionais do “Kompa”, ritmo tradicional do Haiti, à uma mulher brasileira. Crédito nosso (Universidade Federal de Rondônia- PROCEA), março de 2015, Porto Velho, Rondônia.

Imagens anexas 5 e 5.1: Artista plástico imigrante haitiano expondo seu trabalho na oficina temática que organizamos “Marchando Unidos, pró-Haiti”. Crédito nosso (Universidade Federal de Rondônia- PROCEA), março de 2015, Porto Velho, Rondônia.

Imagens anexas 6 e 6.1: Mulher imigrante haitiana em Porto Velho ensinando-me a preparar alguns pratos culinários do Haiti. Crédito nosso (Universidade Federal de Rondônia- PROCEA), março de 2015, Porto Velho, Rondônia.

Imagens anexas 7 e 7.1: Professora Dra. Marília Lima Pimentel e o professor Mestre Geraldo Castro Cotinguiba prestigiando os imigrantes haitianos na oficina temática que organizamos “Marchando Unidos, pró-Haiti”. Crédito nosso (Universidade Federal de Rondônia- PROCEA), março de 2015, Porto Velho, Rondônia.